

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
MESTRADO EM HISTÓRIA DO BRASIL

NILSÂNGELA CARDOSO LIMA

INVISÍVEIS ASAS DAS ONDAS ZYQ-3:
Sociabilidade, Cultura e Cotidiano em Teresina (1948 – 1962)

TERESINA – PI

2007

NILSÂNGELA CARDOSO LIMA

**INVISÍVEIS ASAS DAS ONDAS ZYQ-3:
Sociabilidade, Cultura e Cotidiano em Teresina (1948 – 1962)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Piauí, como requisito obrigatório à obtenção do título de Mestre em História do Brasil.
Orientador: Prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento

TERESINA – PI

2007

L732 i

Lima, Nilsângela Cardoso

Invisíveis asas das ondas ZYQ-3: sociabilidade, cultura e cotidiano em Teresina (1948-1962) / Nilsângela Cardoso Lima. Teresina: UFPI, 2007. 170 fls

Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras.

1. História Oral. 2. Rádio. I. Título

C. D. D – 907.2

NILSÂNGELA CARDOSO LIMA

INVISÍVEIS ASAS DAS ONDAS ZYQ-3
Sociabilidade, Cultura e Cotidiano em Teresina (1948 – 1962)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Piauí, como requisito obrigatório à obtenção do título de Mestre em História do Brasil.
Orientador: Prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento

Aprovado em ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento - UFPI
(Orientador)

Prof^ª Dr^ª Áurea da Paz Pinheiro - UFPI

Prof. Dr. Newton Dângelo - UFU

A meus pais, José Ferreira e Teresina
Lima, com amor.

A meu orientador, Prof. Dr. Francisco
Alcides do Nascimento, com gratidão.

AGRADECIMENTOS

A minha família, em particular, meus pais e irmãos.

Ao Prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento, pela orientação e o incentivo, que me encaminharam à pesquisa sobre a história do rádio no Piauí.

A Santiago Jr. pela leitura e contribuição para a construção deste trabalho.

A Prof^ª Dr^ª Áurea da Paz e ao Prof. Dr. Gustavo Said pela colaboração na qualificação.

Ao Prof. Dr. Newton Dângelo, pela indicação bibliográfica e sugestões de trabalhar a temática.

A meus amigos e companheiros de pesquisa sobre rádio, no Arquivo Público do Piauí, Luciana Pereira e José Maria Andrade.

A Daniel Solon pelo apoio e carinho, dividindo temáticas afins e o mesmo orientador.

A Nilvania Cardoso, Nilcélia Cardoso, Luana Lima, Hildeyane Tavares, Samara Alves, amigas de todas as horas. E, em particular, à Vera Lúcia.

Aos amigos que comigo iniciaram o estudo historiográfico, em especial, a Santiago Jr., Elisângela Tavares, Jociana Maria, Lucimária, Lidiane Lima.

Aos amigos da Medicina Veterinária: Pedro Antônio, Cleane, James, Marivalda e Udslan.

A meus amigos pessoais e de viagem acadêmicas ou não, que, diariamente, me envolviam com seu carinho e apoio: Luciana, Marylu, Emília, Natália, José Maria, Jaison, Eudson, Warrington, Rosário, Elson, Mairton, Aline, Demétrios.

A Cleto Sandys pelo apoio das imagens.

A Duaythe Klayton pela amizade, generosidade e carinho.

Aos amigos de Mestrado que, em conjunto, formamos a “gosma antropofágica”: Jaison, Raul, Marconis, Olívia, Soraia, Idelmar, Frederico, Raimundo, Diná, Jordânia, Francinaldo, Audrey, Sérgio e Síria.

Aos professores do Mestrado em História do Brasil do Programa de Pós-Graduação da UFPI.

A Coordenação do Mestrado em História, em especial, a Andréa Maranhão e a Leda.

Aos funcionários do Arquivo Público do Estado do Piauí.

Em especial, aos homens e mulheres que em conjunto construíram a História do Rádio no Piauí, e contribuíram para este trabalho relembrando a atividade e os programas que conquistaram ouvinte na segunda metade do século XX.

A Prof^ª Dr^ª Socorro Magalhães, revisora do texto da dissertação.

À CAPES, pelo apoio financeiro imprescindível para a pesquisa e apresentação de trabalhos acadêmicos.

[...] O que levou-me, um filho de camponês, a certas coisas que tem um mistério, tem um mistério em tudo isso, na questão da vocação tem um significado. Por que quando eu era menino, e no meio dos animais e da roça imaginava algum instrumentos de comunicação utilizando tampa de caixa de fósforos e aí ficava segurando e as pessoas falando. Eu não sei de onde vem isso, eu não vi antes. A primeira vez que eu ouvi um som de rádio foi no quintal do vizinho, estava tocando uma música. Lembro até da música, era uma música de Agnaldo Timóteo... Não, Agnaldo Rayol cantando um clássico da música francesa “EL MATE NAM”, agora é título da versão em português “Agora”, de Agnaldo Rayol. Aquele som, eu tinha chegado recentemente do interior. Lembro-me também da primeira vez que eu vi a luz elétrica, a lâmpada acesa, tão próximo do solo em relação a hoje, mas tão distante da gente em relação a hoje... Então aquele som me chamou atenção: De onde vem? O que é isto? Não é natural! Aí, passei a ter curiosidade. Fui ver como se que pode imaginar que isso aqui seja uma pessoa falando aí dentro, e essa curiosidade... Mas a postura, o timbre, a colocação, a amabilidade, chamava-me atenção. Então que tal ser uma coisa assim, se é que alguém foi capaz! Eu criança fiquei assim buscando e depois... Mas se tornou em Caxias familiarizado aquele sistema de alto-falante [...] uma corneta de som colocada em um mastro uma vitrola tocando com dificuldade disco de 78 e muitos dos parques de diversão e circos, as quermesses utilizavam muito esse sistema de comunicação direta. Então, eu fui me posicionando perto do locutor que ao mesmo tempo fazia rodar a música... Faz até eu recordar a quão perfeita era a operação do ponto de vista técnico, mas a comunicação acontecia. [...] Por que é difícil parar aqui, interromper, colocar outro disco o mesmo camarada falando ao microfone que nós conhecemos até alguns modelos eles enrolavam com lenço [...]. O certo é que a comunidade estava ouvindo Nelson Gonçalves, Orlando Silva e eu estava por perto extasiado com aquela atividade, por que nada chama mais atenção do que o efeito do seu trabalho e como que alguém fala... E eles usavam muito essa técnica os jovens se comunicando, um rapaz no meio da multidão da praça pública, nos festejos, rapaz de blusa azul com a mão no rosto está saudando a moça de blusa amarela com muito amor e carinho. Havia muito essa técnica de comunicação. E aí havia uma resposta imediata e eu, por perto, acompanhando, tanto que quando esse locutor no seu enfado, sua exaustão abandonava aquilo ali, eu não hesitava e aí tentava operar aquilo ali, quebrava alguns discos e tendo que correr depois pra se esconder, mas ser útil pela insistência. Olha quando o locutor dizia que ia sair, e ia mesmo tomar uma cachacinha, você bota aí essa... Então, eu fui me envolvendo com aquilo...

Joel Silva

RESUMO

Existe uma discussão veemente sobre a influência dos meios de comunicação de massa na sociedade, sobretudo, no que se refere às mudanças que este veículo provocou não só em termos de tecnologia, como também na alteração dos costumes, ao oferecer uma “cultura de consumo”. Através de referências bibliográficas, fontes hemerográficas e do emprego do método/técnica da História Oral, este trabalho faz um estudo sobre a Rádio Difusora de Teresina, de 1948 a 1962, analisando algumas mudanças que a emissora promoveu no cotidiano da cidade, a partir do momento em que alguns programas ganharam atenção especial por parte do ouvinte, tais como: as radionovelas, programas de auditórios, radiojornalismo e programas esportivos. Devido à importância dos programas, a atuação dos locutores e artistas do rádio começou a propor novos estilos de vida, provocando mudanças no comportamento feminino e masculino, de maneira que a atividade radiofônica passou a ser vista pela igreja católica com uma “radiodite”. Ainda que seu propósito fosse oferecer entretenimento e informação, a emissora também assumiu um determinado comportamento político e partidário, que provocava ruídos entre as agremiações políticas do Piauí. Integrada ao cotidiano como mais uma opção de lazer, sorrateiramente, a RDT remodelava a cultura, os hábitos e as formas de sociabilidade na Teresina dos anos cinquenta e sessenta do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura. Cotidiano. Memória. Rádio.

ABSTRACT

There is a strong discussion about the influence of the mass media on society, concerning mainly the changes those media caused not only in terms of technology but also over customs since they offer a consumption culture. This paper presents a study about the Difusora Radio of Teresina (DRT) from 1948 to 1962, made through bibliographies, “hemerograficas” sources and oral history. It analyses some changes the DRT promoted in the everyday of the city as soon as some programs got special attention from listeners, such as: soap operas, audience programs, journals and sport programs. Due to the importance of those, the performance of broadcasters and radio artists determined new styles of life and provoked changes on feminine and masculine behaviors. For that reason, the Catholic Church regarded the radio activity as “radiodite”. Though its purpose was to offer entertainment and information, the DRT also assumed a certain political and partisan behavior that caused rumours among political parties of Piauí. The DRT influenced culture, habits and ways of sociability in Teresina during the fifties and sixties of the twentieth century.

KEY WORDS: Culture. Everyday. Memory. Radio.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 01. Apresentação artística nos famosos programas de auditório da Rádio Difusora de Teresina	11
Fotografia 02. Praça Rio Branco na década de 1950	21
Fotografia 03. Praça Rio Branco em 1913	22
Fotografia 04. Praça Pedro II na primeira metade do século XX.	23
Fotografia 05. Propaganda de venda de aparelhos receptores através de jornais impressos locais	32
Fotografia 06. Anúncio do Show de Gilberto Alves, em Teresina, em 1951. Promovido pela Rádio Difusora de Teresina	44
Fotografia 07. Público do programa de auditório da Rádio Difusora de Teresina nos anos 1960, no Teatro 4 de Setembro.....	48
Fotografia 08. Parnahyba Sport Club X Sampaio Correia, em 01 de Agosto de 1948	61
Fotografia 09. Amistoso entre as equipes do River de Teresina e do Botafogo do Rio de Janeiro, no Estádio Lindolfo Monteiro, em 1957	64
Fotografia 10. Profissionais da Rádio Difusora de Teresina da década de 1960.....	67
Fotografia 11. Antônio Barbosa de Miranda apresentando-se acompanhado do conjunto Regional Q-3, da Rádio Difusora de Teresina, nos anos 1950.....	74
Fotografia 12. Josias Clarence Carneiro da Silva	77
Fotografia 13. Maria Irmã, primeira cantora da Rádio Educadora de Parnaíba	83
Fotografia 14. Denise Ribeiro Farias, candidata a Miss Piauí de 1956	88
Fotografia 15. Teresinha Alcântara, eleita Miss Piauí de 1956	91
Fotografia 16. Candidatas a Miss Piauí de 1956	93
Fotografia 17. Karam Jorge Cury e a Miss Brasil de 1956, Maria José	95
Fotografia 18. Miss Brasil de 1957, Teresinha Morango.....	95
Fotografia 19. Ana Maria Rego	97
Fotografia 20. Profissionais da Rádio Difusora de Teresina.....	103

Fotografia 21. Jose Lopes dos Santos, primeiro prefeito eleito de São Miguel do Tapuio em companhia de Manoel Evaristo de Paiva	110
Fotografia 22. José Cândido Ferraz	118
Fotografia 23. Karam Jorge Kury	124
Fotografia 24. Solenidade de inauguração da Rádio Clube de Teresina	128
Fotografia 25. Al Lebre, na cobertura do processo eleitoral de 1962	132
Fotografia 26. Totó Barbosa em companhia do Regional Q-3 da Rádio Difusora de Teresina	134
Fotografia 27. José Lopes dos Santos, Candidato a Deputado Estadual pelo PSD, em 1954....	138

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 ZYQ-3 NA TRAMA DO COTIDIANO TERESINENSE DOS ANOS 1950/60	21
1.1 O lazer em Teresina nos alvares do século XX	22
1.2 Em cena, a Rádio Difusora de Teresina	30
Radionovelas	34
Programas de auditórios	41
Radiojornalismo	51
Programas esportivos	56
2 A “RADIODITE” ATRAIU HOMENS E MULHERES	67
2.1 Homens no rádio e vizinhos da boêmia	69
2.2 Mulheres no rádio: “antenas sensíveis do seu tempo”	78
3 A RDT NO JOGO POLÍTICO PARTIDÁRIO DO PIAUÍ (1948 a 1962).....	103
3.1 A RDT em meio às disputas políticas e partidárias.....	105
3.2 “Rádios de Papel”	115
3.3 RDT – De situação (1950) à oposição (1960)	125
3.4 Profissionais da RDT na trama dos pleitos eleitorais	129
CONSIDERAÇÕES FINAIS	140
REFERÊNCIAS	146
ANEXO	159
A.1 As noivas do rádio	161
A. 2 Por que você ainda está solteiro	165
B Acusado de desonestidade o deputado José Cândido Ferraz	166

Introdução



Fotografia 01: Apresentação artística nos famosos programas de auditório da Rádio Difusora de Teresina.

Fonte: *Teresina: 1852 – 2002*. Teresina: Halley, jan. 2002.

“Tal como as plantas, que na estação da seca se imobilizam e brotam nas primeiras chuvas, certas lembranças se renovam e em certos períodos dão a quantidade inesperada de folhas novas. Como planta que se fortalece com a enxertia – outros ramos se nutrem de suas raízes e frutificam com vigor renovado, chamando para si a seiva dos galhos originais – a enxertia social não deixa que as lembranças se atrofiem”. (Ecléa Bosi)

Uma voz ecoa no recinto da Exposição, da ponta do Calabouço à Praça Paris! A multidão pára aturdida! O que será isso? Parece um discurso? Mas o que será isso? Produto de artes do Demo, ou um presente de Deus? Era, simplesmente, a voz do presidente Epitácio Pessoa, transmitida por uma tímida estação situada no alto do corcovado e produzida pelos “telefones de alta voz” instalados na Exposição [...].¹

Causando impacto e surpresa, a 7 de setembro de 1922, o presidente Epitácio Pessoa Cavalcante inaugurava a radiotelefonía no Brasil, emitindo seu discurso da Feira de Exposição do Rio de Janeiro, pelos alto-falantes espalhados pela cidade. O “milagre” chegou ao Brasil, e no ano seguinte, é inaugurada a primeira rádio no Brasil, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro – PRA-4.

Nos anos 1930, quando as emissoras de rádio da região Sul do Brasil viviam a “era de ouro” do rádio, o Piauí engatinhava, fazendo seus primeiros experimentos em radiodifusão através do rádio-técnico Euvaldo Carvalho e do revendedor de aparelhos receptores Alcenor Madeira², que retiravam peças dos aparelhos receptores que se encontravam em oficina para serem consertados, para concretizar sua idéia³. E, embora na noite de sua inauguração não tenha causado um impacto da mesma dimensão que a irradiação de *A Guerra dos Mundos*, de Orson Welles, transmitido pela Columbia Broadcasting System (CBS), em 1938⁴, ou da dimensão do discurso do presidente Epitácio Pessoa, irradiado em 1922, fez, entretanto, a cidade de Parnaíba vibrar “na mesma frequência que a do transmissor”.⁵ Entrava no ar, em 1938, a PRKK - Rádio Três Cocos, que oficialmente recebeu o nome de Rádio Educadora de Parnaíba.

Desde a implantação da Rádio Educadora de Parnaíba, o Piauí tem desenvolvido atividades radiofônicas, de forma que as emissoras surgidas, desde então, estabeleceram uma programação diversificada. Embora ainda muito aquém daquelas emissoras de rádio existentes no Sul do país, a radiofonia era vista como sinônimo do progresso.

¹ LOPES, Saint-Clair. Alguns pontos: a considerar na história da comunicação à distância e a da radiodifusão. In: SANTOS, José Lopes dos. *Dados sobre a história do rádio no Piauí*. Teresina: [s.n.], 1990.

² Euvaldo Carvalho, rádio técnico cearense, em parceria com o revendedor de aparelhos receptores, Alcenor Madeira, foram os principais responsáveis pelas primeiras experiências no setor de radiodifusão do Piauí, instalando de forma experimental a rádio PRKK, Rádio Três Cocos, que logo ganhou significância na sociedade sendo considerada uma nova forma de lazer na cidade. Alcenor Madeira também ajudou na articulação e formação da sociedade por cotas que instalou a Rádio Difusora de Teresina, em 1948.

³ NEVES, Berilo. *Rádio Educadora de Parnaíba: 47 anos de pioneirismo*. Parnaíba: [s.n.], 1987.

⁴ Ver: MEDITSCH, Eduardo. *Rádio e pânico: a guerra dos mundos, 60 anos depois*. Florianópolis: Insular, 1998.

⁵ NEVES, B. Op. cit., p.8.

Apesar da importância dos meios de comunicação de massa, há algum tempo atrás, trabalhar a história do rádio no Piauí como objeto de estudo era considerado uma temeridade, em decorrência da incipiente bibliografia sobre a temática, posto que as pesquisas sobre a radiodifusão local limitavam-se a uns poucos trabalhos de conclusão de curso de Comunicação Social⁶. Esse quadro tem se modificado, sobretudo, a partir de projetos de pesquisas de iniciação científica⁷, da produção de um livro de autoria do historiador Francisco Alcides do Nascimento, intitulado *História e memória da Rádio Pioneira de Teresina*⁸ e, ainda, de uma dissertação⁹, vinculada ao Mestrado em História do Brasil, do programa de Pós-graduação da UFPI.

O interesse pela temática surgiu do contato com as fontes, das leituras da bibliografia relacionada à história do rádio no Brasil e da elaboração dos primeiros artigos, em que se costurava curiosidade e interesse sobre a história do rádio no Piauí, sobretudo em Teresina, onde as fontes orais e hemerográficas narravam “histórias” muito próximas daquelas que aconteceram nas emissoras de rádio do Sul do país. Assim, buscou-se coser os retalhos dessa história contidas nos arquivos e na memória daqueles que vivenciaram os anos 1950 e 1960 da Rádio Difusora de Teresina – ZYQ-3.

O estudo aqui apresentado sobre a Rádio Difusora de Teresina (RDT) centra-se no período de 1948 a 1962. O foco de interesse do trabalho volta-se para as transformações das sociabilidades perpetradas pela influência conjunta da emissora (instituição) com o público (práticas sociais), ou seja, o “mundo” ao redor da emissora. Isso porque, como veículo de comunicação, o rádio constitui numa tecnologia de comunicação¹⁰ que modifica o pensamento

⁶ TCC's de Elenita Carla de Sousa Macedo, intitulado *A História do Rádio no Piauí: de 1937 a 1970 e O rádio – Aparecimento e influências, comercial; política e alternativa* de Ângela Maria Perry de Oliveira, ambas do curso de comunicação social da Universidade Federal do Piauí.

⁷ Relatório final do CNPq e trabalhos monográficos sobre a História do Rádio no Piauí (1938 – 1970), desenvolvidos por Nilsângela Cardoso Lima, Luciana de Lima Pereira e José Maria de Andrade, enquanto bolsista do PIBIC/CNPq, sob orientação do Professor Dr. Francisco Alcides do Nascimento do DGH/UFPI.

⁸ NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *História e memória da Rádio Pioneira de Teresina*. Teresina: Alínea Publicações Editora, 2004.

⁹ SOLON, Daniel Vasconcelos. *O eco dos alto-falantes: memória das amplificadoras e sociabilidades na Teresina de meados do século XX*. Dissertação (Mestrado em História do Brasil), Teresina: UFPI, 2006.

¹⁰ Yves Winkin trabalha numa concepção antropológica, em que a "nova comunicação" é aquela na qual rompe com o senso comum, ou seja: "[...] não nos comunicamos, participamos da comunicação". Winkin coloca que a "fórmula tinha um só objetivo: fazer compreender que a comunicação deve ser concebida não como um ato individual, mas, sim, como uma instituição social. O ator social participa dela não só com suas palavras, mas também com seus gestos, seus olhares, seus silêncios... A comunicação torna-se assim a *performance* permanente da cultura. A analogia da orquestra é de fato útil para tentar captar numa imagem essa concepção abstrata da comunicação. Em sua qualidade de membro de determinada cultura, o ator social faz parte da comunicação, assim como os músicos fazem parte da orquestra. Mas, nessa vasta orquestra cultural, cada um toca adaptando-se ao outro". (In: WINKIN, Yves. *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo* [Trad. Roberto Leal Ferreira]. Campinas, São Paulo, 1998, p. 14).

dos agentes a ele relacionados, seja através das mensagens que traz, seja pelo tipo de relação sonora que estabelece. Quebrando distâncias (implosão do espaço) e otimizando o tempo (as informações vão mais rápidas), os programas suscitam debates e novos tipos de relacionamentos.

Assim, à luz das fontes orais e hemerográficas, buscaram-se alguns elementos da história da RDT, que, ao longo dos anos, não foi tratada com cuidado, no sentido de que não houve por parte da emissora quem se preocupasse em montar arquivos que compusessem a programação, bem como os documentos da época de sua fundação. Walter Benjamim alerta: “[...] a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente”.¹¹ Isso ocorre, sobretudo, em decorrência da “sociedade da imprensa”, da comunicação de massa, vista como uma sociedade desmemoriada devido à fluidez e fugacidade do grande número de informações difundidas. Contudo, ainda é possível, através das narrativas construídas nos depoimentos orais, reconstruir, não a História, mas uma versão da história da Rádio Difusora de Teresina e suas nuances na trama do cotidiano da cidade de 1948 a 1962.

Sabendo que a “[...] memória oral tem seus desvios, seus preconceitos, sua inautenticidade [...]”¹², considerando ainda a subjetividade e a seletividade às quais está sujeita a memória no ato de lembrar, existe uma discussão veemente sobre a produção de textos que envolvem a História Oral, devido a sua íntima relação com o tempo presente e com a subjetividade, o que comprometeria a objetividade da pesquisa. Porém, a partir da década de 1970, com a quebra do paradigma estruturalista, “abre-se caminho” para a História Oral, bem como para a discussão da relação História e Memória.

Apesar de alguns críticos considerarem que a subjetividade presente nos depoimentos orais constitui um dos problemas do emprego da História Oral nas pesquisas científicas e na construção da narrativa histórica, concordamos com Alessandro Portelli, ao dizer que “[...] o único e precioso elemento que as fontes orais têm sobre o historiador, é que nenhuma outra fonte possui em medida igual, a subjetividade do expositor. Fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que poderia fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez”.

13

¹¹ Ver: BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. [Trad. Sérgio Paulo Rouanet]. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v.1).

¹² BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 18.

¹³ PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Projeto História*. São Paulo, n. 14, fev. 1997, p. 18.

A subjetividade dos depoimentos orais e o caráter seletivo da memória têm sido o foco das críticas em torno do emprego da história oral na construção da narrativa histórica. Argumenta-se que a “memória não é fiel aos fatos”, mas qual documento o é? Afinal, toda fonte tem resíduo de subjetividade.

Se a memória é socialmente construída, é óbvio que toda documentação o é. Para mim [Michael Pollak] não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral. A crítica da fonte, tal como todo historiador aprende a fazer, deve a meu ver, ser aplicada a fontes de tudo quanto é tipo. Desse ponto de vista, a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita. Nem a fonte escrita pode ser tomada tal e qual ela se apresenta¹⁴.

O tratamento crítico dado às fontes orais, portanto, foi o mesmo que aquele destinado às fontes hemerográficas, pois “a história oral nos obriga a levar ainda mais a sério a crítica das fontes”¹⁵. Segundo Bom Meihy, as fontes orais são necessárias, mas não suficientes para a realização de um trabalho, com isso “[...] o diálogo promovido pelo uso de diferentes fontes quase sempre se vale da história oral como forma de complemento de afirmações conseguidas com base em vários recursos”¹⁶. Porém, as fontes orais não serão tomadas como fontes complementares, uma vez que, para os estudos sobre rádio no Piauí, elas são peças fundamentais para a construção da narrativa histórica em torno de uma temática com tantas lacunas.

Considerando que a História Oral pode amalgamar fragmentos da memória, o seu emprego se dá como método/técnica. Para Sônia Maria de Freitas, a História Oral é um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana¹⁷, nesse sentido, a História Oral como metodologia é fonte. Do mesmo modo, para Bom Meihy, que afirma:

No círculo dos usuários da História Oral, mais adensado tem sido o grupo que parte do princípio de que esta se constitui um objeto definido, com procedimentos claros e preestabelecido que a justifica como um método. Nesse caso, ela encerra o fundamento da pesquisa. É sobre ela que se organiza o projeto do trabalho. No caso de uso de outras fontes, elas se sujeitam ao debate central decorrentes das outras fontes¹⁸.

¹⁴ POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 8.

¹⁵ *Ibid.*, p. 12.

¹⁶ BOM MEIHY, José Carlos S. *Manual de História Oral*. São Paulo: Edições Loyola, 1996, p. 31.

¹⁷ FREITAS, Sandra Maria. *História oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas, 2002.

¹⁸ BOM MEIHY, Op. cit., p. 32.

Dentre as fontes orais que ajudaram na (re)construção da história da Rádio Difusora de Teresina, temos: Dídimo de Castro (1991); Abdoral de Carvalho Amorim (1990); José Eduardo Pereira (1990); Antônio Barbosa de Miranda (1991 e 2005); Josias Clarence da Silva (1990); Elvira Raulino (1992); Ana Maria Rêgo (2001); Joel Silva (2002); José de Ribamar Aquino Pernambuco (2001); Pedro Mendes Ribeiro (2001); José Lopes dos Santos (2002), José Raimundo Teixeira Silva (1990); Carlos Augusto de Araújo Lima (2002); Deoclécio Dantas Ferreira (2002); Raimundo Nonato Monteiro de Santana (1999); *A história da rádio no Piauí – Rádio Antares AM-800* (1989). As entrevistas foram realizadas pelo historiador Francisco Alcides do Nascimento, nelas se mesclam histórias de vida e entrevista temática.¹⁹

As lembranças contidas nas fontes orais são consideradas como memórias individuais, sem, contudo, deixa de ser, ao mesmo tempo, memórias coletivas²⁰, conforme Maurice Halbwachs e Ecléa Bosi, para quem a memória não é a conservação, mas a reconstrução do passado:

[...] Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representação que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no *presente*, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista.²¹

A pessoa que lembra não revive o passado tal e qual o vivenciou, mas refaz as experiências do passado com as imagens e idéias do presente, assim o faz também o historiador, na medida em que ele não resgata o passado tal e qual aconteceu, mas reconstrói os fatos com os dados que obtém da pesquisa e a partir de indagações do presente, havendo sempre lacunas.

Quanto às fontes hemerográficas, destacam-se os jornais escritos pesquisados no Arquivo Público do Estado do Piauí: *O Dominical* (1950-1960); *O Dia* (1950-1960); *A Cidade* (1950); *O Piauí* (1933, 1948-1954); *Do Piauí* (1950); *Folha da Manhã* (1960); *Diário Oficial*

¹⁹ Sobre os tipos de entrevistas, ver: FREITAS, S. M., Op. cit. p. 40.

²⁰ Ver: HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. [Trad. Beatriz Sidou]. São Paulo: Centauro, 2006.

²¹ BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 55.

(1940-1950); *Jornal do Comércio* (1950-1960); *Jornal A Luta* (1950). Revistas: *Almanaque da Parnaíba* (1940-1970), publicado anualmente a partir de 1923, pesquisados nas bibliotecas de Teresina: Biblioteca do Instituto Dom Barreto, Biblioteca da Academia Piauiense de Letras e Biblioteca Pública Cromwel de Carvalho; *Cadernos de Teresina* foram pesquisados na Biblioteca Comunitária Carlos Castelo Branco da Universidade Federal do Piauí; *Revista Teatro* (1986, 1988); *Revista do Rádio* (1954), *Revista Teresina: 1852-2002*.

Apesar de trabalhar com memórias, o olhar sobre as fontes esteve voltado para o cotidiano, e este é visto como um campo multidisciplinar, onde entram em jogo as experiências e as tramas de vidas, que, por muitos anos, tiveram direito à voz apenas aos microfones da RDT, ficando, por algum tempo, relegados ao esquecimento. Trabalhar com o cotidiano é exprimir um modo de vida, mas também é trabalhar com atitudes e experiências humanas²² carregadas de valores e emoções. Nesse sentido, entende-se por cotidiano:

[...] o universo de tensões e movimentos com uma potencialidade de confrontos, deixando entrever um mundo onde se multiplicam formas peculiares de resistência/luta, integração/diferenciação, permanência/transformação, onde a mudança não está excluída, mas sim vivenciada de diferentes formas. Assim, não se pode dizer que a história do cotidiano privilegie o estático, já que tem mostrado toda a potencialidade do cotidiano como espaço de resistência ao processo de dominação.²³

Por se tratar de um meio de comunicação de massa, foi usado como referencial teórico, da área da comunicação, Mike Featherstone²⁴, que trabalha como o conceito de “cultura de consumo”, mostrando que, a sociedade, ou essa cultura de consumo, está ligada à estetização da vida cotidiana, em parte promovida pelos meios de comunicação de massa. A entrada desses novos meios de comunicação aumenta as opções de cultura, lazer, divertimentos, por exemplo, oferecendo à sociedade novas escolhas, e, com isso vai rompendo, ou contribuindo com as formas tradicionais existentes. Featherstone também ressalta a presença dos “intermediários

²² Ver: THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Ainda sobre o cotidiano, serão considerados os teóricos: CERTEAU, Michel de. *História do cotidiano: arte de fazer*. v 1, Petrópolis: Vozes, 2000; PRIORY, Mary Del. *História do cotidiano e da vida privada*. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Domínios da história: ensaios de metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1998; HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 1992; MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e Cultura: história, cidade e trabalho*. 1 ed.. v.1. Bauru: EDUSC, 2002.

²³ MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*. 1 ed., v 1., Bauru: EDUSC, 2002, p. 26.

²⁴ FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. [Trad. Júlio Assis Simões]. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

culturais”, tais como os produtores e apresentadores de programas de rádio e televisão, aos quais atribui o papel de produtores de símbolos e de bens culturais²⁵. Aqui, este autor se vale dos conceitos de Pierre Bourdieu, sobretudo, no tocante àquilo que denomina capital cultural e simbólico. À luz, desses teóricos, faz-se um estudo sobre a Rádio Difusora de Teresina (RDT) nos anos de 1950 e início da década seguinte, destacando o papel sociocultural da rádio e sua entrada no cotidiano da cidade como uma nova opção de lazer transmitindo novos estilos de vida. O estudo leva em conta, ainda, que dada à atuação dos profissionais da RDT como “intermediários culturais”, a emissora abriu espaço também para o questionamento dos papéis tradicionais femininos e masculinos, possibilitando uma re-modelação de hábitos, costumes e valores.

Assim, apresentam-se três capítulos que envolvem, *a priori*, três temáticas, como rádio e lazer/cultura, rádio e gênero, rádio e política, porém a divisão dos capítulos que permeiam este estudo não pretende trabalhar com áreas diferentes, antes, faz um estudo do cotidiano²⁶, abarcando esses questionamentos: Que “impactos” a RDT provocou no cotidiano e na vida cidadina em Teresina no período de 1948 a 1962? Como os programas da rádio se destacaram na audiência frente à concorrência entre a cena real e aquele encenado pelo do rádio, passando a remodelar comportamentos? Qual a importância da RDT para a re-definição de papéis femininos e masculinos daqueles que se integraram ao *cast* Q-3? Como a RDT foi utilizada por radialistas que queriam representar “novos” papéis sociais atuando na emissora, fugindo daqueles desejados pela sociedade normatizadora de comportamentos? Como a rádio se integra na política teresinense e piauiense nos anos de 1950-60?

Tendo essas questões como norte, este trabalho se organiza em três capítulos. O primeiro se propõe a fazer um estudo sobre a entrada da Rádio Difusora como uma nova ferramenta de lazer, que, a partir da importância adquirida junto ao público ouvinte, começa a modelar novos hábitos na sociedade teresinense, propondo uma nova forma de viver. Para isso, é

²⁵ Cf. FEATHERSTONE, M. Op. cit., p. 70.

²⁶ “Outrora rejeitada como trivial, a história do cotidiano passou a ser encarada como uma possibilidade de recuperação de outras experiências. Procurando enfocar o mundo da experiência comum como ponto de partida, juntamente com a tentativa de encarar a vida cotidiana como problemática, ela tem demonstrado que o comportamento ou outros valores que são aceitos em uma sociedade podem ser rejeitados em outras formas de organização social ou em outros períodos. Assim, destacar as diferenças, a partir do reconhecimento de que a realidade histórica é social e culturalmente constituída tornou-se um pressuposto do pesquisador que procura pôr a nu a poesia do dia-a-dia, permitindo perceber a existência de processos históricos diferentes e simultâneos que compõem a trama histórica, bem como abrir um leque de possibilidades de focos de análise”. (MATOS, M. I. S de. Op. cit., p. 25.)

necessário ressaltar alguns programas da RDT que ganharam atenção especial pela sociedade, e na medida em que alcançaram tal importância, proporcionaram novas formas de sociabilidades e de agrupamentos, visto que se somando com o lazer e com as formas de viver tradicional existente “ordenam” um outro ritmo e estilo da vida cidadina. Para tanto, destacam-se os seguintes programas: as radionovelas, os programas de auditório, o radiojornal e o programa esportivo.

Já no segundo capítulo, opta-se por trabalhar como a RDT adentrou não só o espaço privado, como também seduziu e atraiu homens e mulheres para a vida radiofônica. Porém, da aproximação existente entre a atividade radiofônica e a boêmia, a atividade foi olhada como marginal por alguns segmentos da sociedade local. A RDT é vista também como um espaço que abre um universo de tensões e de resistências aos padrões morais normativos, na medida em que homens e mulheres começam a entrar na vida radiofônica trabalhando na emissora, lhes possibilitando questionar e desviar dos modelos tradicionais femininos e masculinos.

O terceiro capítulo é destinado à análise do papel da RDT do ponto de vista do político partidário, realçando como a rádio se integrou à política, sua utilização como suporte, tanto para conquistar votos, quanto para a manutenção do governo, principalmente num período em que, existindo apenas uma emissora de rádio em Teresina, as desavenças partidárias entre Partido Social Democrático (PSD) e a União Democrática Nacional (UDN) fizeram com que apenas um desses partidos utilizasse o veículo de comunicação de massa – o PSD. Neste capítulo, coloca-se em pauta os dois projetos de instalação de emissoras de rádio em Teresina, na década de 1950, mas que nunca saíram do papel. Coincidência ou não, as fontes apontam para uma determinada intervenção política que não “permitiu” que tais projetos fossem concretizados.

Sabe-se que o cotidiano é um espaço de luta social²⁷, a Rádio Difusora de Teresina ajudou a acentuar essas tensões, sobretudo, num momento em que a cidade passou por transformações físicas, dos costumes, dos valores, ou seja, onde o *velho* e o *novo* encontravam-se em disputa; contribuiu, conscientemente ou não, para acirrar essas distinções provocando rupturas, mas também reforçando alguns dos modelos tradicionais existentes estabelecidos pela moral normatizadora e cristã.

Trabalhar com a história do rádio é pensar esse último, não apenas como um instrumento de comunicação de massa, mas também, como um “agente” de modelação social e

²⁷ MATOS, M. I. S. de. Op. cit.

cultural na sociedade a que se destina, podendo modelar comportamentos, hábitos, gostos, valores, atividades e o próprio cotidiano. Nesse sentido, pensando com Michel de Certeau, fazer história é uma prática, e pensar a história da Rádio Difusora de Teresina é “ [...] não somente fazer falar esses ‘imensos setores adormecidos da documentação’ e dar voz a um silêncio, ou sua efetividade a um possível. É transformar alguma coisa, que possua seu estatuto e seu papel, numa *outra coisa* [grifo do autor] que funcione de forma diferente”.²⁸

²⁸ CERTEAU, Michel de. A operação histórica. In: LE GOFF, Jacque; NORA, Pierre. *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, p. 32.

1 ZYQ-3 na trama do cotidiano teresinense nos anos 1950 – 1960



Fotografia 02: Praça Rio Branco na década de 1950.
Acervo do Arquivo Público do Piauí Casa Anísio Brito

“Ventriloquos em rádio! Não seria uma utopia? Claro que sim, já que pelas ondas do éter ouve-se apenas o som que se propaga pelo espaço, ficando por conta da imaginação de cada ouvinte a corporificação das imagens, que variam ao sabor da fantasia de cada um... Essa é à força do rádio...”
(Reynaldo C. Tavares)

1.1 O lazer em Teresina nos alvares do século XX

No início do século XX, Teresina era vista como uma cidade desprovida de locais apropriados para o lazer e para o passeio público. Cronistas da época reclamavam a necessidade de se reformar os locais existentes para que a sociedade teresinense pudesse fazer seus passeios, pois as praças públicas não possuíam feição estética, sendo descampadas e pouco arborizadas. A partir dessas reclamações e com as mudanças que vinham ocorrendo com o processo de modernização da cidade, a partir de 1915, Teresina ganhou um local apropriado para o passeio público com a urbanização da Praça Rio Branco.



Fotografia 03: Praça Rio Branco em 1913.

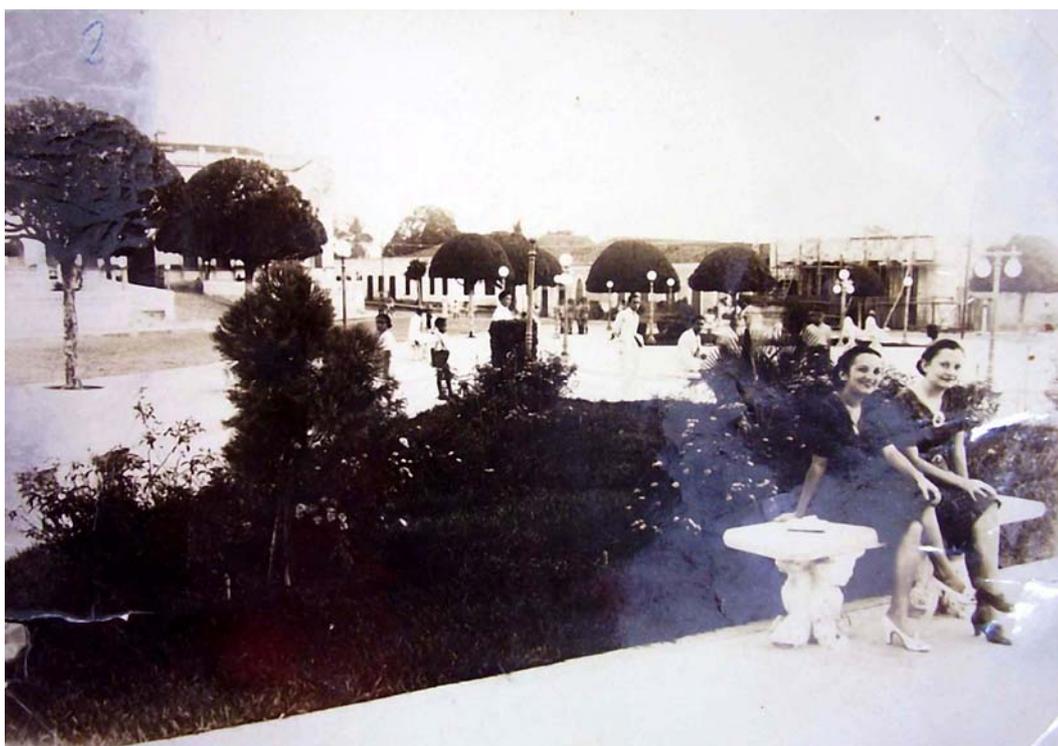
Acervo do Arquivo Público de Teresina Casa Anísio Brito

No ano seguinte a sua urbanização, inaugurou-se na praça Rio Branco a iluminação elétrica, o que contribuiu para que o espaço¹ passasse a ter uma frequência mais animada durante a noite. Apesar de deficiente, o sistema elétrico de Teresina fornecia iluminação necessária para que a Praça fosse freqüentada das dezenove às vinte horas, pois entre vinte e uma ou vinte duas horas era tocado o apito da Usina Elétrica ou o toque da

¹ Por espaço, entende-se não apenas uma “[...] dimensão física do urbano, [mas] todo o cenário múltiplo da cidade que toma conta de seus habitantes na construção de seu cotidiano, na sua necessidade de (re)inventar práticas”. (In: REZENDE, Antônio Paulo. “(Des)encantos modernos”: história da cidade do Recife na década de vinte. Recife: FUNDAPE, 1997, p. 14).

corneta da Polícia Militar, avisando que dali a poucos instantes o sistema de iluminação seria desligado. Os freqüentadores, ao ouvirem a sirene deixavam a praça, ficando apenas os boêmios que perambulavam por ali, na busca de outros locais de entretenimento.

Por estar localizada em um ponto central da cidade, tendo como referência a Igreja do Amparo e ficando próximo a outros pontos de lazer, como, por exemplo, o *Café Avenida* e o *Bar Carvalho*, a Praça Rio Branco caracterizava-se também como "sala de espera", para as pessoas que marcavam encontros no local, para dali se dirigirem aos cinemas, teatros, cafés, bares, dentre outros espaços de sociabilidade. Na década de 1930, a Praça Rio Branco começou a perder sua hegemonia como local exclusivo de passeio público dos teresinenses. Com a reforma da Praça Pedro II em 1936, realizada pela Prefeitura de Teresina e com a instalação do *Cine Rex* e do *Cinema São Luis* no entorno da praça, esse espaço tornou-se mais aprazível para o *footing* da “fina flor” da sociedade teresinense.



Fotografia 04: Praça Pedro II na primeira metade do século XX.

Acervo do Arquivo Público do Piauí Casa Anísio Brito

Do mesmo modo que a Praça Rio Branco oferecia um espaço propício a namoricos e ao desfile das moças com os últimos modelos da moda do Rio de Janeiro e daquela mostrada no cinema, a Praça Pedro II se revelaria como o mais novo atrativo espaço para o

divertimento da população. Os jardins floridos e os carnaubais decorativos eram pontos de encontros e desencontros de rapazes e moças, senhoras e senhores, constituindo-se num espaço em que “[...] as jovens da época desfilavam em redor de um círculo, para deleite de seus admiradores”.² As noites na Pedro II eram iluminadas pelo sistema de energia elétrica e eram animadas pelas bandas de música da Polícia Militar e do Exército nas quintas-feiras e aos domingos, executando peças musicais. Além de servir como lazer público, também era palco para alguns intelectuais da cidade trocarem idéias e sabedorias.

A estrutura física original da Praça Pedro II tem sido apontada como um dos fatores que contribuíram para uma “segregação social” do seu espaço. Separada transversalmente por uma rua, a praça sugeria a coexistência de dois “mundos”: primeiro, a “praça de baixo”, local privilegiado para moças da sociedade e da elite local, e o segundo, a “praça de cima”, denominada também “praça das curicas”, freqüentada pelas empregadas domésticas e pessoas das classes populares, que faziam dali um ambiente de divertimento e de festa popular.

A praça de baixo, além de dois canteiros gramados, possuía um círculo com um globo no centro, que à noite se tornava luminoso e ficava aparentando uma bola de cristal, onde seus freqüentadores poderiam imaginosamente prever o futuro. Era como se estivessem ofuscadas pelo globo luminoso que as jovens da época começavam a rodear esse círculo a partir das 19:00 às 21:00 horas, quando então se retiravam ao ouvirem o som de uma corneta do Quartel Geral da Polícia Militar do Piauí, que ficava situado no lado sul da Praça de Cima. A Praça de Baixo era mais freqüentada pelas empregadas domésticas e pessoas do seu mesmo nível social porque, embora utópico, existia na época um apartheid social que promovia ostensivamente a separação de classes sociais, tendo em vista que Teresina ainda era uma cidade completamente provinciana [...].³

Todavia, “[...] se o traçado da Pedro II contribuía para essa separação entre ricos e pobres, a música os unia. A música a serviço da comunidade, divertindo o povo nas pracinhas acolhedoras. [...] A música gerando amizades, conservando as existentes distribuindo paz e alegria”.⁴

O passeio público em Teresina, portanto, pode ser visto também com um refúgio para o público feminino que se encontrava no limite privado, porém esse espaço praticado

² MARINHO, Odoaldo da Rocha. O espetáculo da Praça Pedro II. In: *Cadernos de Teresina*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, ano X, n. 22, abr. 1996, p. 56.

³ Id. Ibid.

⁴ NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Olhares sobre a cidade: o lazer em Teresina da Belle Époque aos anos dourados. In: *Cadernos de Teresina*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, ano XII, n. 30, ago. 1999, p. 66.

pelo *footing* de rapazes e, principalmente, das moças não era visto com *bons olhos*, sendo condenado pela igreja católica e pelos mais conservadores, por considerarem que o passeio público servia de *mercantilização feminina*. Entretanto, o traçado requintado e atrativo das praças propiciava um ambiente em que pessoas de todas as camadas sociais, fossem senhoras e senhores, fossem rapazes e moças ou crianças, buscassem na praça diversão, flertes, namoros e conversas, até o momento de “soltarem a onça”:

[...] era pequena a cidade, mas aos domingos havia retreta na Praça Rio Branco, no coreto ficava tocando, agora dando a volta ali pelo relógio, indo em direção ao arquivo, lá desse lado tinham uns canteiros onde as moças ficavam rezando e os rapazes ficavam de fora, mas quando dava nove horas elas desapareciam por encanto. Na praça Pedro II, a gente saía do cinema e ia esperar dar seis horas no teatro, depois o Rex foi construído e eu já estava no ginásio, tinha um cinema do velho Alfredo e as moças também ficavam passando, quando dava nove horas, que tocava a corneta da polícia militar, que ficava ali de frente ao centro artesanal, aí a gente dizia brincando que tinham soltado a onça, que as moças desapareciam num canto, nenhuma moça, como se chamava naquele tempo, nenhuma ficava na praça. Ninguém ia ao cinema só, quando os pais deixavam iam duas, três. Elas andavam sempre de três.⁵

A chamada “hora da onça” ficou na memória daqueles que vivenciaram a Praça Pedro II, bem como, a praça Rio Branco, na primeira década do século XX, constituindo-se em *espaços da memória*. Sabendo que a memória *se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto, no som*⁶, os *espaços da memória* constituem o ambiente em que vivenciamos e o qual nos remete a certas lembranças e afetos.

A lembrança de Raimundo Nonato M. de Santana retrata um *tempo vivo da memória*⁷ individual que é ao mesmo tempo coletiva. Para Maurice Halbwachs⁸, a *memória individual* é apenas um ponto de vista sobre a *memória coletiva*, porém isso só acontece quando nos identificamos com o grupo, com o seu passado. Embora a memória seja coletiva, quem lembra é o indivíduo, que lembra a partir de sua vivência com o grupo, pois memória é interação, uma vez que, mesmo quando nos fechamos em nosso interior, ainda assim estamos convivendo com os outros, mesmo que não materialmente. Isto é, a memória individual é construída a partir de uma negociação com a memória coletiva, não sendo de fato original,

⁵ SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina (PI), 23 de dezembro de 1999.

⁶ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Projeto história: Revista do Programa de Estudos de Pós-graduação em História da PUC-SP*. São Paulo, SP, 1981.

⁷ Cf. BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 23.

⁸ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. [Trad. Beatriz Sidou]. São Paulo: Centauro, 2006.

pois as lembranças, as idéias são oriundas de outras conversas que posteriormente passam a ser sua história.

Em Teresina, no final do século XIX e início do XX, a música configurava o centro da vida sociocultural, pois, além das retretas exibidas pela Banda da Polícia Militar no ambiente da praça, havia os saraus e bailes do Clube dos Diários, considerados os mais difundidos e generalizados das formas de lazer em Teresina.

O cinema, símbolo da modernidade, era considerado uma das maiores atrações de divertimento da elite local, sobretudo, nas primeiras décadas do século XX. As duas primeiras casas de espetáculos cinematográficos, em Teresina, foram o *Cine Royal* e o *Olímpia*, que encantavam a população com a exibição de filmes mudos. Mesmo oferecendo acomodações precárias, aqueles espaços recebiam um número significativo de espectadores, que não queriam perder um só número dos seriados. Somente em 1933, é que o cinema falado chega à capital, com a exibição da fita *Doce como Mel*, no Theatro 4 de Setembro.

Durante algum tempo, por falta de um local próprio, os filmes eram exibidos no teatro, que passou a ser chamado de Cine-Theatro 4 de Setembro. Para Nascimento, embora o “[...] cinema se traduzisse, já nos anos vinte, como um tipo de lazer preferido pela sociedade, os empresários locais, entretanto não tiveram o cuidado de dotar a cidade de edifícios construídos com a finalidade de exibir fitas, [de maneira que] as casas de exibições eram improvisadas”.⁹

Em 1939, foi inaugurado o *Cine Rex* e, em 1941, o *Cine São Luís*. Esses símbolos da modernização traduziam não só sinais de “melhoramento” na cidade, promovendo uma forma de lazer moderno, como também foi interpretado por alguns setores como “a invenção do diabo”, e, por isso, foi freqüentemente perseguido e alvo da crítica daqueles que ligados às concepções da igreja católica, acusava o cinema de ser um instrumento de influência negativa para a moral e os bons costumes dos teresinenses.

Até meados do século XX, o escurinho do cinema foi considerado pela censura moral e cristã como um ambiente que promovia alterações no comportamento dos homens e das mulheres. Os mais conservadores achavam que o conteúdo exibido nas sessões cinematográficas eram de cunho erótico e pervertido para a época, ou seja, cenas de beijos e gestos ditos obscenos e imorais, como um abraço mais ousado. Se as cenas eram “ameaças” à virtude de seus espectadores, para os freqüentadores, a sala do cinema constituía-se num “[...] dos poucos lugares onde os olhares dos pais e mexeriqueiros de plantão não alcançavam os

⁹ NASCIMENTO, F. A. do., 1999, p. 63.

jovens sedentos de amor”.¹⁰ Daí a necessidade por parte dos conservadores de ter um controle maior deste “novo” espaço de lazer moderno e, sobretudo, daquilo que ele estava oferecendo para a formação da sociedade teresinense, que ainda era marcada pelos preceitos provincianos e conservadores. Assim, nos anos 1930:

O cinema teria modificado o namoro adulto e esse modelo teria sido absorvido pelas crianças. Esse momento marcaria a emergência do namoro infantil, que incorpora toda uma simbologia e uma ritualística imitadas dos filmes românticos, que começam a se impor a partir da segunda década do século. Com o advento do cinema o emergente namoro infantil incorporou todas as fazes do amor romântico cinematográfico: bilhetes amorosos, troca de cartas perfumadas, envio de flores, duelos entre concorrentes (evidentemente falsos duelos), apertos de mãos significativos, entrevistas ao jardim, olhares longos, amuos e juras de estilo, pequenas rusgas, cenas de ciúme exacerbadas, suicídios de pares amorosos, reconciliações dramáticas, enfim, todo um ritual que é próprio do amor romântico, conforme o modelo estabelecido nos filmes. Em alguns casos elas chegariam a adotar soluções mais dramáticas, como brigas com colegas na disputa da presa amorosa, no caso a menina, e mesmo cometer suicídios.¹¹

De acordo com Queiroz, o cinema, essa “invenção do diabo”, deve ser considerada como “um elemento de transformação cultural”¹², uma vez que promoveu alterações nos relacionamentos e no namoro; no universo lúdico das crianças no tocante às brincadeira; na poesia; nas relações familiares, dentre outros aspectos. O raio dessas transformações atingia tanto a elite quanto as classes populares, pois o público cinematográfico era heterogêneo, visto que era cobrado preço diferenciado, para a entrada no cinema, variando com a disposição das cadeiras.

Ainda na década de 1930, o centro da cidade de Teresina ganhou um novo elemento: a instalação da rádio amplificadora na Praça Pedro II e na Praça Rio Branco, considerados locais de entretenimento e sociabilidade. Naquele período, Teresina constituía uma das poucas capitais do Brasil que ainda não possuíam uma estação de rádio, contando apenas com um sistema de amplificadoras¹³, que exercia, de certa forma, função de rádio local. Na cidade havia várias amplificadoras, porém, até a primeira metade do século XX, apenas duas de maior relevo: a *Rádio Amplificadora Teresinense* e a *Rádio Propaganda Sonora Rianil*.

¹⁰ NASCIMENTO, F. A. do, 1999, p. 99.

¹¹ QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. Cinema, Invenção do diabo? *Cadernos de Teresina*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, ano VII, n. 15, dez. 1993, p. 41.

¹² *Ibid.*, p.40.

¹³ Sobre amplificadoras em Teresina, ver: SOLON, Daniel Vasconcelos. *O eco dos alto-falantes: memória das amplificadoras e sociabilidades na Teresina de meados do século XX*. Dissertação (Mestrado em História do Brasil), Teresina: UFPI, 2006.

Ao longo dos logradouros, as amplificadoras eram estruturadas por um sistema de alto-falantes, um mastro, um projetor de som e um estúdio improvisado, de maneira que os locutores organizavam uma programação muito próxima a de uma emissora de rádio, exibindo programas noticiosos, musicais e, principalmente, comerciais publicitários, que atendiam ao público em geral que freqüentava as praças Pedro II e Rio Branco. As amplificadoras foram também as precursoras dos programas de auditório e de calouros, shows com artistas do rádio nacional, em Teresina. E no que tange ao caráter informativo e noticioso, fizeram as primeiras retransmissões de jogos de futebol, em Teresina, no ano de 1938.

Embora se constituíssem num instrumento que simbolizava a presença da modernidade em Teresina, as amplificadoras, a partir de determinado momento, passaram a ser criticadas através da imprensa escrita local, em decorrência da “polifonia” em que se transformou o centro urbano de Teresina, pelo fato de as amplificadoras disputarem o espaço sonoro com a divulgação dos anúncios de comerciantes locais e com transmissão de músicas das estrelas do rádio. Mais do que a concorrência sonora que se fazia em torno do centro comercial de Teresina, as críticas em relação às amplificadoras tinha outros interesses.

As amplificadoras, portanto, ensaiavam os primeiros passos de uma emissora de rádio em Teresina, já trazendo novos elementos para a trama do cotidiano local, seja promovendo shows artísticos das emissoras de rádio nacional, seja através de recadinhos que ajudavam a incrementar a paquera de moças e rapazes que freqüentavam as praças, através do oferecimento de músicas e de “recadinhos do coração”.

[...] (Eram) milhões de mensagens que os admiradores nos chamavam. [...] Ah!, era formidável, muito interessante, era uma gentileza muito grande, né? [...] Eu fui uma mulher de uma geração privilegiada, né? Por que eu fui muito solicitada, eu tive muitos fãs, muitos admiradores, né?¹⁴

A fala de Genu Morais evidencia que o anúncio e as músicas oferecidas de “fulano para fulano de tal” pelo alto-falante representava muito mais do que o flerte daquele que oferecia a canção. A moça à qual era oferecido o “recadinho” destacava-se entre aquelas que ficavam na espera da música oferecida, bem como demonstrava que possuía um admirador, o que poderia ser um passo para um futuro namoro e casamento. Nas primeiras décadas do século XX, ainda estava muito presente o estigma de “mulher solteira”, de maneira que muitas delas queriam sair daquela condição. Segundo Pedro Vilarinho Castelo Branco:

¹⁴ MORAIS, Genu Apud SOLON, Op. cit., p. 45.

As imagens das mulheres solteiras na sociedade eram as seguintes: a primeira, de mulher desavergonhada que vivia de seus encantos, a seduzir os homens casados e ameaçar a tranquilidade e o equilíbrio das famílias; rival das casadas, era motivo de preocupações. A segunda, era a de que não teve atrativos suficientes para conquistar um homem, que não soube prendê-los aos seus encantos; vista em tom de zombaria, de reprovação, a ela eram direcionados adjetivos como rabugenta, maledicente, intrigante, histérica e maldosa. Uma terceira imagem, projetada pela figura da mulher sozinha, mostra aquela moça bonita e cheia de vida que, no passado, por indecisão ou por esperar melhor partido, acabou por perder várias oportunidades e transformou-se, finalmente, na mulher frustrada, mal-humorada e solitária.¹⁵

Com a instalação das amplificadoras nas mediações da Praça Pedro II, a presença dos alto-falantes provocou uma certa modificação na regularidade das retretas da Banda da Polícia na praça, visto que devido à concorrência sonora entre o som emitido pelas amplificadoras e aquele produzido pelos instrumentos da Banda, esta perdia a sua intensidade não podendo mais ser ouvida como antes. Assim, as retretas, que aconteciam as quintas e aos domingos, foram perdendo sua regularidade, como reclama um de seus ouvintes e apreciadores, através do Jornal *A Cidade*, em 1951: “Hoje em dia, vez por outra, ainda há retretas, mas já não podem ser ouvidas como dantes, com tanto enlevo – o barulho ensurdecedor dos alto-falantes não nos permite mais esse prazer”.¹⁶

A reclamação de Joseman da Silva revela que o novo meio sonoro, representado pelas amplificadoras, se impôs frente à “tradicional” retreta da banda de música, que, durante algum tempo, animou a Praça. Sua fala entristecida remete a um tempo vivo da memória em que as retretas abrilhantavam a Pedro II, quando ainda não existiam os alto-falantes.

Vale ressaltar que a historiografia piauiense tem atribuído o papel de “coração cultural” da cidade à Praça Pedro II, particularmente, por agregar ao seu redor os cinemas, o teatro, o Clube dos Diários e alguns bares. Essas opções de lazer, embora permitissem a entrada de um público heterogêneo, exigiam um cuidado com as vestimentas, o que impedia uma maior participação popular. No entanto, as camadas populares tinham outras opções de divertimento, como a própria praça Pedro II, principalmente, no seu espaço físico denominado “praça das curicas”, além de festas, batuques, festejos religiosos e festas organizadas pelas amplificadoras nos bairros mais afastados do centro da cidade.

¹⁵ CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. Imagens tecidas pelo tempo: a mulher na sociedade teresinense (1890-1930). In: EUGÊNIO, João Kennedy. *História de vários feitos e circunstâncias* (Org.). Teresina: Instituto Bom Barreto, 2001, p. 290-291.

¹⁶ SILVA, Joseman da. Flagrantes da semana. *A cidade*. Teresina, ano I, n. 30, 1 fev. 1952, p. 2.

1.2 Em cena, a Rádio Difusora de Teresina

O rádio, aliado das mulheres

(Correspondência para a GAZETA)

Um aparelho de rádio não é só o instrumento maravilhoso que traz aos nossos lares a música, as notícias de toda a parte. Não. Além destes grandes prazeres por eles proporcionados, há um outro aspecto da sua utilidade, que as esposas devem apreciar e conhecer melhor.

Um rádio, - a experiência assim o tem demonstrado -, tem a admirável virtude de fazer com que os maridos tenham menos negócios a tratar à noite, menos sessões importantes no clube, menos amigos doentes a visitar, ou quaisquer dos velhos pretextos para... cair na pândega.

Citam-se inúmeros maridos que, uma vez instalado em suas casas um aparelho de rádio, deixam de ter a necessidade imperiosa de ver o amigo moribundo ou de assistir a assembléia geral do clube.

Isto não é propaganda de rádio, mas, sim, um bom conselho às senhoras cujos maridos são forçados [grifo do autor] a sair á noite.

Experimentem instalar um bom aparelho receptor em suas residências e verão que os passeios noturnos dos maridos diminuirão consideravelmente e eles tomarão o gosto de permanecer em casa.

Com tais virtudes, merece ou não o rádio o nome de aliado das esposas? O que carinhos e súplicas não conseguiram fazer, o pequeno e maravilhoso instrumento consegue, sem que a própria vítima [grifo do autor] se aperceba. Até hoje só é conhecido um caso em que o rádio não produziu efeito de diminuir as saídas noturnas. Foi quando um marido se tomou de tal entusiasmo que, não satisfeito com o rádio em casa, passou a ficar a noite inteira no estúdio, estudando os aparelhos de transmissão e, incidentalmente na agradável companhia das cantoras de modinhas e das diseuses [grifo do autor].¹⁷

Os anos trinta do século XX presenciaram a uma transformação em torno da grade da programação radiofônica, ocorrendo o que Reynaldo Tavares denominou de “uma verdadeira metamorfose no veículo”¹⁸, gerando as bases para o advento da “era de ouro” do rádio no Brasil. O processo de radiodifusão foi se processando no Brasil, de tal maneira, que, nascido como uma sociedade por cotas limitadas, passou a se propagar com a denominação de *clubes* ou *sociedades*.

O propósito das *sociedades* ou *clubes* era o de levar educação e cultura aos lares através das ondas do rádio. Este propósito encetado por Roquette-Pinto, foi, ao longo dos anos, sendo modificado, de maneira que o rádio se tornou um instrumento de caráter econômico e publicitário, sobretudo, na década de 1930, com a promulgação do Decreto-Lei

¹⁷ O RÁDIO, aliado das mulheres. *O Piauí*. Teresina, ano XXII, n. 1021, 17 jul. 1933, p. 2.

¹⁸ TAVARES, Reynaldo C. *História que o rádio não contou*: do galena ao digital, desvendando a radiodifusão no Brasil e no mundo. 2 ed. São Paulo: Harbra, 1999, p.20.

nº 21.111¹⁹ de 01 de março de 1932, e com implantação do formato radiofônico norte-americano nas emissoras brasileiras. Os donos das emissoras de rádio no Brasil foram se distanciando cada vez mais do projeto educativo e cultural desejado por Roquette-Pinto, quando fundou a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 1922, passando a estruturar o rádio brasileiro como um veículo de comunicação de massa²⁰ e comercial.

O impacto do rádio sobre a sociedade brasileira a partir de meados da década de 30 foi muito mais profundo do que aquele que a televisão viria a produzir trinta anos depois. De certa forma, o jornalismo impresso, ainda erudito, tinha apenas relativa eficácia (a grande maioria da população nacional era analfabeta). O rádio comercial e a popularização do veículo implicaram a criação de um elo entre o indivíduo e a coletividade, mostrando-se capaz não apenas de vender produtos e ditar “modas”, como também mobilizar massas, levando-as a uma participação ativa na vida nacional. Os progressos da industrialização ampliavam o mercado consumidor, criando as condições para a padronização de gostos, crenças e valores. As classes médias urbanas (principal público ouvinte do rádio) passariam a se considerar parte integrante do universo simbólico representado pela nação. Pelo rádio, o indivíduo encontra a nação de forma idílica: não apenas a nação ela própria, mas a imagem que dela esta se formando.²¹

Essa “metamorfose radiofônica”, vivida nos anos 1930, transformaria o rádio não só num instrumento de propaganda comercial, como também num meio de difusão política e ideológica, servindo para o Estado divulgar suas ações e orientações, visando à integração nacional. Na Alemanha nazista, por exemplo, o rádio serviu como meio de preparação das massas para as tarefas nacionais, possuindo programas de caráter cívico. No Brasil, Getúlio Vargas foi o primeiro presidente a perceber o alcance social do rádio e utilizá-lo de maneira maciça para legitimar e difundir a ideologia do seu governo. Todavia, o rádio nasceu no Brasil sob o controle estatal, contendo dois projetos distintos: o primeiro foi defendido pelos ideólogos nacionalistas, que pretendiam uma radiodifusão educativa que implicasse a

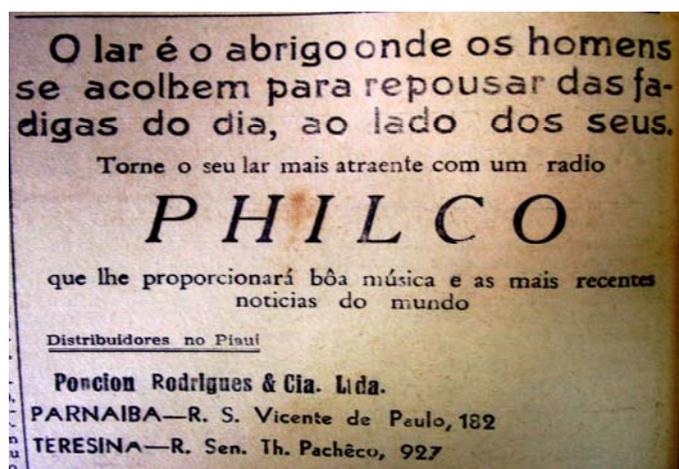
¹⁹ Estipula no máximo 10% de veiculação comercial sobre toda a programação da emissora. (In: FERRARETTO, Luis Artur. *Rádio: o veículo, a história e a técnica*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000, p 15).

²⁰ Para Ecléa Bosi, "o contexto privilegiado da comunicação de massa é a sociedade industrial do século XX, que tem entre seus traços definidores a *democratização* [grifo do autor] da informação. Aquilo que até meados do século XIX significava a *cultura* [grifo do autor] (uma educação humanística ampla, mas acessível apenas à nobreza e à alta burguesia) não tem mais vigência à medida que os meios de informação, e mesmo de formação profissional, se vão generalizando" (In: BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias*. Petrópolis: Vozes, 1986, p.32). Essa idéia é convergente com a de Umberto Eco, em *Apocalípticos e Integrados*, considerando que "o universo da comunicação de massa é – reconheçamo-lo ou não – o nosso universo; e se quisermos falar de valores, as condições objetivas das comunicações são aquelas fornecidas pela existência dos jornais, do rádio, da televisão, da música reproduzida e reproduzível, das novas formas de comunicação visual e auditiva" (In: ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004, p.11).

²¹ ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. São Paulo: Summus Editorial, 1985, p. 19.

construção de uma consciência nacional; o segundo, percebia o veículo como um instrumento de difusão da propaganda do regime político do Estado.

Com a sua afirmação e popularização nos anos 1930 e o seu apogeu nas décadas de 40 e 50 do século XX, o rádio se distanciou cada vez mais do propósito educativo e cultural pensado por Roquette-Pinto, se transformando num veículo de lazer moderno. Em termos de produção de aparelhos receptores, o país se encontrava em plena produção, embora ainda se utilizando de componentes importados. A entrada no mercado de rádio de válvula, bem como a publicidade em torno dos novos modelos de rádio provocavam o desejo dos brasileiros de possuir a mais nova ferramenta de lazer moderno, que ocupava um lugar privilegiado na sala. No Piauí, os jornais semanalmente publicavam os modelos lançados no mercado como um produto indispensável à família e aos lares ditos modernos.



Fotografia 05: Propaganda de venda de aparelhos receptores através de jornais impressos locais.

Fonte: O PIAUHY. Teresina, ano LVII, n. 378, 14 ago. 1948, p. 4.

O aparelho receptor tornava-se indispensável aos lares modernos, enquanto que para as cidades, a presença de uma emissora radiofônica denotava que a cidade estava na via do progresso e da modernização. No seio dessas transformações e no projeto político de implementação de novas emissoras de rádio no Brasil, Teresina ganhou sua primeira emissora de rádio, em 1948 – a Rádio Difusora de Teresina, com o prefixo ZYQ-3²². Nos primeiros

²² Sobre a história da Rádio Difusora de Teresina, ver: NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *História e memória da Rádio Pioneira de Teresina*. Teresina: Alínea Publicações Editora, 2004; SOLON, Daniel Vasconcelos. *O eco dos alto-falantes: Memória das amplificadoras e sociabilidades na Teresina de meados do século XX*. Dissertação (Mestrado em História do Brasil), Teresina: UFPI, 2006; LIMA, Nilsângela Cardoso. *ZYQ-3: no ar, a primeira rádio teresinense*. Teresina, 2002. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal do Piauí; e ANDRADE, José Maria. *Pelas ondas da Rádio Pioneira de Teresina: história, sociedade e cultura em sintonia*. Teresina, 2005. Monografia (Licenciatura Plena em História) – UFPI, 90f.

anos de seu funcionamento, a Rádio Difusora de Teresina (RDT) funcionava em condições precárias, estabelecendo uma programação que intercalava música, jornalismo e programas que exploravam temáticas populares, discutindo problemas da comunidade local.

Em termos de equipamentos técnicos e do suporte financeiro, era considerada mais do que uma amplificadora, porém, uma rádio muito aquém daquelas que existiam no Sul do país e, até mesmo, de algumas emissoras do Nordeste. Em virtude das dificuldades e do anseio dos ouvintes de possuir uma estação de rádio igual àsquelas sintonizadas pelo aparelho receptor, a RDT foi sistematicamente criticada, por meio de alguns jornais escritos de circulação local, que exigiam uma programação digna daquelas que eram oferecidas pelas emissoras do Sul.

Escreve-nos um leitor:

Quando se iniciou nos círculos dos radialistas teresinenses o movimento em prol da criação nesta capital de uma difusora, emprestei-lhe todo o apoio, e me entusiasmei a ponto de, instalada a mesma, ser seu ouvinte assíduo. Sob a competente direção de Alcenor Madeira, teve a Rádio ensejo de apresentar programas selecionados, e até festas brilhantes como aquela que ofereceu à Imprensa. Hoje todavia nada temos, a não ser a leitura de anúncios e discos. Ora, faz vergonha uma rádio desta, ouvida como é no Estrangeiro. Não há mais jornal, nem programa de calouro, nem regional, nem teatro ligeiro, nem página feminina, nem caixas de segredo, nem boa noite pra você, nada dos antigos programas, inclusive de auditório que arrebatavam os ouvintes. A rádio hoje precisa de um técnico – um radialista enfim. Se me permitir voltarei ao assunto.²³

Esta fase de “apatia” vivida pela RDT, nos primeiros anos de sua estréia, só foi superada com a chegada do radialista José Eduardo Pereira, em 1952, que, recebendo o cargo de Diretor-Gerente da emissora, e pela experiência que adquiriu trabalhando na Rádio Tabajara da Paraíba e Tamandaré de Recife, montou um novo quadro de programação na emissora, atribuindo-lhe outra fisionomia radiofônica, reavivando a presença da RDT na sociedade teresinense e até mesmo, piauiense, na medida em que a emissora podia ser sintonizada em algumas cidades do Estado. Com essas novas características, a RDT “assume” um papel sociocultural em Teresina, fazendo parte do cotidiano e transformando mais um espaço de sociabilidade, cultura e lazer.

Nesta perspectiva, faz-se necessário ressaltar alguns gêneros de programas levados ao ar pela RDT nas décadas de 1950 e 1960, com grande aceitação dos ouvintes, que, na medida em que ganharam importância, começaram a propor novos estilos de vida e

²³ QUEIXAS e reclamações. Um leitor indignado escreve contra a Rádio Difusora de Teresina. *O Piauí*. Teresina, ano LX, n. 597, 14 mar. 1950, p. 4.

estetização do cotidiano. Com a cultura de consumo, algumas formas de lazer vão sendo re-significadas, dado o fetiche que determinados programas tiveram e, por isso, ganharam maior importância, é o caso das radionovelas, dos programas de auditório, do radiojornalismo e do programa esportivo. É em torno desses programas que se procura identificar os “impactos” do rádio no cotidiano e na vida cidadina.

Radionovelas...

Desde os anos trinta do século XX²⁴, novelas dramatizadas pela voz eram levadas ao ar nos Estados Unidos. Porém, foi a partir de 1941 que o gênero passou a ser irradiado, no Brasil, até a chegada da televisão²⁵. A primeira radionovela transmitida pelas ondas do rádio brasileiro foi *Em busca da Felicidade*, um drama do cubano Leandro Blanco, pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro. No mesmo ano (1941), foi irradiada *Fatalidade*, criada pelo autor brasileiro Oduvaldo Viana, da Rádio de São Paulo, e *Direito de Nascer*, do cubano Felix Cagnet.

As primeiras radionovelas eram de origem cubana ou argentina e exploravam o romanesco e o sentimentalismo, de maneira que alguns autores consideram que o enredo das novelas fosse de linguagem simples e “[...] completamente apolíticas e alienantes do ponto de vista participativo”.²⁶ Mais tarde, com a produção e difusão de novelas no Brasil, seus enredos passaram a ter um caráter conservador, visando o “controle social”. Segundo Ferrareto, tal objetivo era enfatizado pelo conteúdo transmitido pelas radionovelas, que focalizando um cenário onde “[...] o bem predomina sobre o mal com a punição ou o arrependimento daqueles personagens que haviam se desviado do comportamento socialmente aceito pela moral

²⁴ Ricardo Medeiros aponta que “[...] os primeiros registros de radionovela dão conta do seu aparecimento a partir dos anos 30 nos Estados Unidos. O gênero tomou como base os fragmentos de romances publicados nos rodapés de jornais diários e passou a ser veiculado nas emissoras de rádio, já estruturadas com um sistema mercantilista centralizado na publicidade” (In: MEDEIROS, Ricardo. *Dramas no rádio: a radionovela em Florianópolis nas décadas de 50 e 60*. Florianópolis, SC: Insular: Fundação Franklin Cascaes, 1998, p. 39).

²⁵ O aparecimento da televisão na década de 1950, no Rio de Janeiro, no entanto, representou uma perda significativa para a radiodifusão brasileira, na medida em que boa parte de seus programas foram transferidos para a tela que juntava ao som a imagem, como: as novelas, os programas de auditórios e humorísticos, e jornal falado; e, a saída destes programas do rádio foi-se com eles também seus profissionais e parte do seu público cativo. No tocante às radionovelas, atualmente, algumas emissoras de rádio têm resgatado este gênero.

²⁶ CAPELATO, Maria Helena. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. In: PANDOLFI, Dulce Chaves (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999, p.177.

vigente na época”.²⁷ Assim, o rádio-teatro, orientado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), deveria explorar os fatos históricos do país por meio de uma narrativa romanceada.

Em decorrência da sintonia de um número significativo de ouvintes e percebendo a influência que as radionovelas adquiriram junto ao público, empresas comerciais que patrocinavam o gênero começaram a exigir a propaganda do seu produto como parte integrante de uso dos personagens, na tentativa de criar o mercado consumidor para os produtos multinacionais, formando uma cultura de consumo. Lever Brothers, Colgate-Palmolive, Gessy Lever, Kolynos, Coca-cola, dentre outros, foram as principais multinacionais que monopolizavam não só a publicidade das radionovelas, como também, passaram a produzir novelas para o rádio, as quais foram perdendo cada vez mais seu caráter de entretenimento e ganhando cunhos publicitários, sendo denominadas também de *soap-operas*, no decênio de setenta do século XX.

Há uma certa “unanimidade” na literatura sobre a radiofonia no Brasil de que o melodrama radiofônico estava direcionado, principalmente, para o público feminino. Uma das explicações se deve ao fato de que a mulher ainda vivenciava o espaço doméstico, de maneira mais dramática que o homem, por ainda exercerem papéis tradicionalmente destinados a elas: o de dona-de-casa, mãe e boa esposa. Para Ricardo Medeiros,

Direcionadas às mulheres do lar, o pano de fundo do surgimento das radionovelas cubanas foi entendido por Félix Caignet como uma espécie de catarse feminina, uma reação passiva diante da impotência em relação às condições sócio-econômicas a que estavam submetidas. Neste sentido, o sucesso público das radionovelas se explicaria através da realização dessa catarse coletiva que, por sua vez, cumpria uma outra demanda – a de abrandar as tensões sociais. [...] Os fabricantes de sabão norte-americanos não descobriram por acaso, na década de 30, que é a dona de casa quem decide o que comprar. Eles constataram isto mediante pesquisas, que acusam ainda que durante os afazeres domésticos as mulheres preferem ouvir algo de entretenimento ao invés de didático. Estes resultados apontam também que o universo feminino, particularmente o de baixa renda, tinha grandes limitações nas opções de entretenimento e lazer e, por isso, fazia das radionovelas sua grande alternativa de divertimento.²⁸

Autores que trabalham com o gênero asseguram que, além das propagandas exibidas durante as radionovelas visando conquistar e formar potenciais consumidores dos produtos, também pretendiam reafirmar o lugar social da mulher reforçando os papéis

²⁷ FERRARETTO, L. A. Op. cit., p. 119.

²⁸ MEDEIROS, R. Op. cit., p. 40.

femininos desejados²⁹. No entanto, deve-se ponderar do ponto de vista alienante das radionovelas transmitidas pelo rádio, visto que tratavam de temáticas e realidades bem diferentes daquelas vividas pelos ouvintes dos diferentes Estados. Da mesma forma, mesmo que alguns autores afirmem que este gênero radiofônico reforçava os papéis sociais destinados à mulher dona-de-casa e mãe de família, preconizados, sobretudo, pela Igreja Católica, foi encontrado no jornal *O Dominical*, comentários que condenavam os enredos das radionovelas, na década de 1950, por transmitirem conteúdos que “feriam” a moral e os bons costumes estabelecidos pelo olhar clínico da igreja católica.

Na Rádio Difusora de Teresina, as radionovelas também faziam parte da programação, alcançando grande sucesso. As primeiras novelas transmitidas pela RDT vieram da Rádio Tupi do Rio de Janeiro, que enviavam já gravadas para serem irradiadas; outras foram compradas da Rádio Clube de Pernambuco e da Ceará Rádio Clube. No entanto, dentre as novelas levadas ao ar pela RDT, algumas foram produzidas por artistas piauienses, sendo novelas de curta duração, algumas com horário diário, sendo interpretadas pelos membros principais do *cast* da ZYQ-3.

Maria Bonita e Lampião, A Dona da Pensão, Coisas da Vida, A Vida de São Francisco de Assis, A Vida de Santa Teresinha do Menino Jesus, são exemplos de novelas irradiadas pela equipe do rádio-teatro da ZYQ-3. E, segundo o sonoplasta “Mestrinho”³⁰, na década de 1970 a novela de recorde em audiência nacional, *O Direito de Nascer* foi reprise em solo piauiense, sendo transmitida e interpretada, exclusivamente, pela RDT. As radionovelas eram lidas pelos artistas durante a encenação dos capítulos.

Mesmo no seu amadorismo, a RDT fez com que as radionovelas de produção local fossem ouvidas pelos diferentes cantos do Estado, embora as condições técnicas e de som fossem precárias e não chegassem ao lar do ouvinte com a mesma qualidade com que eram

²⁹ “Voltada para um público onde a subserviência e alienação ditam o modo de agir, a radionovela exerceu papel importante ao reforçar os papéis femininos desejáveis, fortemente enraizados nos quatro mitos da cultura cristã - ocidental em relação à mulher: o amor, a paixão, o incesto e a pureza. Estes elementos, fortemente presentes na cultura latina foram assimilados, codificados e transformados de modo a constituir um produto rentável e facilmente palatável, seja para o ouvinte quanto aos interesses financeiros de mercado. Assim, formatado como um produto direcionado à mulher, os temas desenvolvidos priorizavam as questões ligadas à busca do casamento (objetivo final de toda mulher de família); mulheres traídas e/ou abandonadas (decorrência do casamento frustrado); mães solteiras (casamento não consolidado) rejeitadas pela família e pela sociedade; adultério (casamento em crise pela incapacidade da mulher em completar os anseios do marido); preservação da pureza feminina (condição necessária para concretizar o casamento) e pecados carnis e luxuriosos (o sexo extracasamento, novamente causado pela incapacidade feminina e reservado exclusivamente ao homem)”. (ANDRADE, Antônio de. *A memória do rádio e da radionovela*. Disponível em: <<http://br.geocities.com/memorialdatv/radio.htm>>. Acesso em: out. 2005)

³⁰ José de Ribamar Aquino, mais conhecido como “Mestrinho”, nasceu em Pedreiras no Maranhão e veio para Teresina em 1961. Trabalhou na Rádio Difusora de Teresina como sonoplasta e operador de programas radiofônicos. Posteriormente, atuou na Rádio Clube de Teresina, não mais como sonoplasta, mas na manutenção da emissora. Hoje, “Mestrinho” trabalha numa emissora de televisão piauiense.

produzidas nos estúdios. Irradiadas no horário de uma e meia da tarde, José Raimundo Teixeira conta a experiência de fazer parte da sonoplastia da RDT nos anos 1950, e em especial, da necessidade de se improvisar ao fazer novelas.

[...] Eram discos de cera e cada faixinha tinha um som diferente. Tinha trem, tinha cavalo correndo, tinha sirene da polícia, tinha cavalo relinchando, tinha um tiro, tinha a tempestade. Agora a gente tinha que prestar muita atenção a isso porque na hora, muitas vezes, o sujeito que leva o tiro não pode levar um cavalo correndo. Mas um dos fenômenos muito interessante dessas novelas ao vivo fazia, que as novelas gravadas vieram depois dessa ocasião. Eram rodadas sempre no horário de uma e meia da tarde. Então, nesse período, passava uma novela que se passava no deserto de Saara. A pessoa que ia no deserto sentia muita sede em nossos estúdios nesse tempo, nós tínhamos ventiladores [...]. Nós estávamos trabalhando em um estúdio e quando entrava a propaganda a gente abria uma janelinha para entrar um ar frio e a propaganda terminou e começamos a novela, e a pessoa esqueceu de fechar a janelinha e a cena se passava no deserto, no Saara [...] Um cidadão com muita sede, pedindo água, morrendo de sede e aí entrava a sonoplastia, dando aquela idéia [...] Passava um picolezeiro pelo lado de fora da rua, ali na rua gritando “picoléééé”, a essa altura eu tive que subir a música e fiz um movimento para que as pessoas não percebessem, mas muita gente percebeu [...]. Saiu picolé no deserto.³¹

José Raimundo Teixeira reconstrói um pouco daquilo que eram as radionovelas de produção e interpretação piauiense. No entanto, não foram encontrados *scripts* das radionovelas escritas pelos autores piauienses e levadas ao ar pela RDT, o que possibilitaria uma análise mais aprofundada do papel das novelas, da sua influência e seu conteúdo irradiados. Tendo como vestígios os títulos das novelas, dentre aquelas irradiadas pela ZYQ-3, verifica-se que algumas delas estavam especificamente voltadas para o conteúdo religioso, dramatizando a vida de santos da igreja católica.

Porém, no que tange ao enredo das radionovelas, aqueles que não eram de caráter religioso ou não se enquadravam dentro de um contexto social conservador, a censura moral da igreja católica não se intimidou em condenar, através do jornal *O Dominical*, temendo que as novelas fossem capazes de alterar comportamentos da sociedade.

EVANGELIZEMOS!

É inacreditável como os ímpios diabolicamente, procuram a corrupção da sociedade e, por isso tratam de abrir o coração humano como brecha pela qual passam a infiltrar o veneno da imoralidade. [...] Tudo se transforma em agente pecaminoso!

³¹ SILVA, José Raimundo Teixeira. *Depoimento concedido ao Núcleo de História Oral da Fundação CEPRO*. Teresina (PI), 21 de agosto de 1990.

Até recesso sagrado de nossas casas é invadido pelos mentores desse grande movimento de corrupção. Servem-se do rádio carnalizando-o, e por seu intermédio espalham cinicamente piadas e anedotas imorais e obscenas, que fazem corar até paredes... Novelas impróprias, que aos poucos vão soterrando os mais belos ideais da vida! [...].³²

Esperamos que o diretor da Rádio Nacional tome em consideração este protesto.

Eis a carta de uma assinante:

“Desejaria que, a título de curiosidade, o ilustrado diretor da ‘A Cruz’, para se convencer do que afirmo [...].

Quanto às novelas, está sendo irradiada, às 8 horas da noite, na Rádio Nacional, a que tem sugestivo nome de ‘O direito de amar’. Seu enredo é imoral. É exaltação das paixões, em alto grau. Os perniciosos exemplos estão em evidência na tal peça radiofônica que é de autoria de Evanir Ribeiro. [...]

Pedimos encarecidamente que a ‘A Cruz’ desencadeie uma enérgica campanha contra tais males, a bem da dignidade de nossas famílias. Este é o papel da boa imprensa. [...]”.³³

Apesar do enredo das radionovelas ficarem em torno do maniqueísmo em que o bem vencia o mal, nota-se a preocupação da igreja católica, quando levados ao ar conteúdos que envolviam relacionamentos amorosos, por considerar que impulsionavam os ouvintes a entrarem no clima novelístico, levando-os à prática. No entanto, ciente de que as radionovelas tinham uma circulação entre as rádios podendo ser compradas de outras emissoras, Ricardo Medeiros informa que a radionovela *O direito de amar*, escrita por Gustavo Neves Filho e interpretada pelos atores da *Sociedade Rádio Guarujá* e da *Diário da Manhã* de Florianópolis, colocava em questão o problema racial, quando “[...] um jovem contabilista, de cor negra, apaixonou-se pela filha de seu patrão. Então, toma a coragem e resolve pedir a moça em casamento. Eis que o pai dela responde: ‘Você acha que eu daria a mão da minha filha a um negro?’”.³⁴

Ainda que a radionovela *O Direito de Amar* apresentasse o problema racial de tal modo que fazia prevalecer a união dos enamorados, o amor neste caso é visto pela igreja católica como anti-social. Na luta pela felicidade, o casal precisou ir contra os pais para vivenciarem o amor. À sua maneira, o rádio passa a ser visto como “[...] uma máquina de simbolização e difusão do amor [...]”³⁵, mas um amor que nem sempre seguiu o modelo católico e cristão, de maneira que Igreja tentava frear a exaltação da paixão, do amor e, principalmente, as novelas em que “[...] o par amoroso não realiza seu destino ficcional

³² FEKMI, Maria Margarida. Evangelizemos! *O Dominical*. Teresina, ano XIV, n. 5, 5 fev. 1950, p. 03.

³³ A MORAL dos bons tempos. *O Dominical*. Teresina, ano XIV, n. 5, 5 fev. 1950, p. 6.

³⁴ MEDEIROS, R. Op. cit., p.51.

³⁵ SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: _____ (Org.). *História da Vida Privada do Brasil República: da belle époque à era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras. 1998. p. 608.

inserido numa sociedade, mas voltados um para o outro e ambos investindo contra a sociedade que lhes é hostil [...]”³⁶

As pessoas que trabalhavam em radionovelas na RDT não recebiam um pagamento específico pelo serviço. Com a montagem de um sistema de rádio-teatro, parte dos radialistas que já trabalhavam na RDT se interessou em participar, assim como rapazes e moças apaixonados pela arte dramática ingressaram no elenco da RDT, sem receberem pagamento algum. O fascínio de encenar através das ondas do rádio fez com que estudantes que tinham algum envolvimento com a arte cênica, como Ana Maria Rego, Santana e Silva³⁷, o Guarani³⁸, Ferdinand Silveira³⁹, José Raimundo Teixeira e Silva⁴⁰, dentre outros, fossem atraídos para representarem através da voz.

A popularidade que oferecia o rádio para aqueles que faziam os dramalhões radiofônicos, pelo fato do Theatro 4 de Setembro viver uma situação de letargia como casa de espetáculo teatrais teresinense, sendo explorado para outros fins, como o cinema, estes jovens atores buscavam na RDT reconhecimento público como “artistas do *cast Q-3*”, principalmente, nos anos 1950, em que o a RDT se fortalecia como produtora de bens simbólicos e culturais, tornando-se os “astros” de Teresina, como relata o rádio-ator José Raimundo Teixeira e Silva:

*O pessoal que trabalhava em rádio eram os astros de Teresina [grifo nosso]. [...] Me lembro muito quando eu fazia o pai de São Francisco, que era um sujeito muito bruto. Eu passava na rua e as pessoas diziam assim: “Esse é o pai de São Francisco? Oh, homem, não seja tão bruto. O senhor é tão bruto com seu filho”. E me encarava, realmente. [...] Era como as novelas que a gente assiste hoje na televisão.*⁴¹

³⁶ SEVCENKO, N., 1998, p. 607.

³⁷ “Santana e Silva nasceu em Oeiras, em 1935, veio estudar em Teresina muito cedo. De Oeiras trouxe a paixão pelo teatro. [...] No quintal de sua residência, no bairro Piçarra, apresenta seu primeiro trabalho, intitulado “*No Tororó*” [grifo do autor], de Gomes Campos, mas o salto triunfal de sua fecunda carreira no teatro do Piauí deu-se em 1953, quando se apresenta no Cine-Theatro 4 de Setembro com a peça “*A vingança do Doutor Freedom*”, de sua autoria” (CAMPELO, A. Op. cit., p. 267). Não existem dados sobre a data em que entrou no *cast Q-3*, porém as fontes pesquisadas indicam que Santana e Silva ingressou na RDT no início dos anos 1950.

³⁸ O Guarani foi humorista da RDT, compositor, sendo reconhecido por seu estilo caipira de interpretar no rádio. (Não foram encontrados mais dados sobre este profissional do rádio).

³⁹ Trabalhou na RDT como ator, fazendo parte do grupo de Rádio Teatro da emissora a partir de 1954. (Não foram encontrados mais dados sobre este profissional do rádio).

⁴⁰ José Raimundo Teixeira e Silva nasceu em Teresina em janeiro de 1932. Começou trabalhando em amplificadoras de Teresina, até o surgimento da Rádio Difusora de Teresina, onde inicia sua carreira no rádio, no setor de locução. Posteriormente trabalhou no rádio-teatro e na sonoplastia.

⁴¹ SILVA, J. R. T. Op. cit.

O rádio é um dos “[...] aparelhos de produção simbólica onde se constituem as linguagens e representações e por meio dos quais ela ganha uma realidade própria [...]”.⁴² Assim, os atores do rádio, através da atuação na emissora e da representação de papéis dramáticos, adquiriam capital simbólico, bem como atuando como “intermediários culturais”, ofereciam bens e serviços simbólicos, na medida em que alguns ouvintes da RDT confundiam ficção e realidade, fazendo-os também refletirem sobre determinadas atitudes humanas e culturais.

O consumo da cultura se dá em grande maneira no lazer moderno, uma vez que ela mobiliza e orienta um novo estilo de vida. O lar é re-significado como um espaço de lazer, com a introdução do rádio dentro de casa, na sala de estar, e proporciona um novo divertimento à família. O lar torna-se um outro lugar. E através da programação radiofônica, abrem-se novas perspectivas de lazer e informação que agora se instalam dentro de casa no momento em que o rádio e a televisão, por exemplo, passam a fazer parte da mobília doméstica.

Fazendo referência à citação colocada anteriormente *O rádio, aliado das mulheres*⁴³, propaganda de rádio ou não, ela revela como o espaço privado, ganhou uma nova conotação com a chegada do rádio no recinto do lar, que antes se limitava a lugar de descanso do trabalho diário e/ou ao “tédio” dos afazeres domésticos e da rotina do dia-após-dia. O rádio promoveu um mundo lúdico e um divertimento outrora reservado ao espaço público, como os botequins, os bares, os clubes, os jogos etc. O “[...] rádio é como a dona de casa: não tem feriado, nem domingo, nem dia santo para descanso [...]”⁴⁴, e com a chegada de um aparelho receptor, o lar ganhou outra dimensão, proporcionando lazer, divertimento, recreação para a família.

Certas invenções recentes tornaram ainda mais premente a necessidade de divertimento. Atividades que outrora eram reservadas para os bares e botequins, penetram agora nas casas. No interior dos lares, o rádio suscita e satisfaz uma necessidade de ambiente musicado que muitas pessoas gostariam de sempre dele usufruir. Só acentuou essa situação o aparecimento de aparelhos de rádio transistorizados e as eletrolas. [...] Quando as dimensões da casa permitem e de acordo com o meio social, a presença dessas máquinas proporciona a realização de ‘assustados’, bailes e atividades afins. [...] As tarefas se encurtam e diminui o tempo dedicado ao *bricolage* [grifo do autor]. A distração em família passa a assumir um novo valor.⁴⁵

⁴² BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

⁴³ Ver página 30 desta dissertação.

⁴⁴ OSCAR Filho. Coluna da cidade. Rádio Difusora. *Folha da Manhã*. Teresina, ano II, n. 285, 11 jul. 1959, p. 2.

⁴⁵ DUMAZEDIER, J. Op. cit., p. 127.

O lazer moderno apresenta-se de várias formas, no caso do rádio, e não diferentemente do cinema e da televisão, tem o caráter específico de se mostrar como um espetáculo, e através do estético estabelece a relação do consumo imaginário. As telecomunicações, a programação e a informação midiática entra nos lares e se insere no seio familiar como um novo elemento. Isso contribuiu para uma mudança no cotidiano privado, bem como nas relações familiares, pois a informação transmitida pelo rádio se torna pertinente no diálogo entre as pessoas da mesma casa, entre vizinhanças e amigos. A família não é mais apenas constituída pela tríade: pai, mãe e filhos, mas também de uma série de personagens criados pelas radionovelas que se inserem na família como um novo parente, com quem é obrigado a se preocupar, comentando e compartilhando seus problemas e, ainda, levantando soluções para as cenas dramáticas do capítulo seguinte.

Segundo Reynaldo Tavares, as mudanças culturais de comportamento resultantes da presença do rádio no interior dos lares se deram, principalmente, no que se refere às relações sociais cotidianas. As implicações das mudanças culturais foram significativas entre os povos, na medida em que forjou novos elementos para o comportamento em sociedade, no qual o indivíduo participa muito mais das engrenagens desenvolvidas ou criadas pelos veículos de comunicação, modificando as relações tradicionais, acrescentando outros costumes e formas de convívio social.

Programas de auditório...

O “ouvir” rádio faz parte do lazer moderno, assim como participar dos eventos que ele promove tornou-se mais uma opção de divertimento e entretenimento cotidiano. Os programas de auditório revelaram grandes nomes de cantores, formaram a constelação de *astros e estrelas* da música popular brasileira e ofereciam novas formas de sociabilidade. A formação de ídolos populares por meio do rádio implicava não só a contratação de cantores para shows em todo o Brasil, como alimentava o desejo de lucro das gravadoras com a venda de discos com os sucessos da época, fortalecendo a nascente indústria fonográfica no Brasil.

Os primeiros programas de auditórios do rádio foram realizados em pequenos estúdios denominados de “Aquários”, onde eram produzidos as primeiras irradiações de cartazes nacionais e calouros. A partir da década de 1930, os “aquários” passaram por modificações, vindo a se transformarem em “palcos-auditórios” ou “teatros-auditórios”,

admitindo a participação “ativa” do público ouvinte, que deixava o posto de ouvinte “passivo” e distante das audições, através do aparelho receptor. A participação direta do público contribuía, também, tanto para fortalecer os laços simbólicos e emocionais entre o fã e seu ídolo, como de termômetro para medir o grau de sucesso dos artistas que acaloravam os auditórios.

O impulso definitivo para essa nova fase do rádio, logo responsável por enorme influência sobre a evolução da música brasileira na área das gravações e da profissionalização artística, verificou-se nos últimos anos da década de 1930, quando, no Rio de Janeiro, começa a movimentação efetiva dos dirigentes das principais emissoras no sentido da conquista de condições para o aproveitamento da participação popular. [...] Assim, a partir do início da década de 1940, o rádio brasileiro assume definitivamente a sua vocação de teatro – casa de diversão (e muitas vezes de circo), ao gosto e alcance das grandes camadas urbanas. E era isso que ia permitir em pouco tempo a representantes do povo subirem ao palco, já agora para fazer o público ouvir também as suas vozes, aproveitando o aparecimento do tipo de programa de maior representatividade popular do rádio: os chamados “programas de calouros”.⁴⁶

Em Teresina, os primeiros programas de auditórios foram promovidos pelo sistema de alto-falantes da Rádio Amplificadora Teresinense (RAT), em 1939. Denominada *A voz da cidade verde*, a RAT promoveu o programa de calouros chamado *Valores da Manhã* sob direção de “Compadre Fialho”, onde atraíram a participação de diversos cantores e compositores locais, alguns já conhecidos pelo público piauiense.⁴⁷

Os primeiros programas de calouros e de auditórios ensaiaram-se a partir do final dos anos 1930, através do serviço de alto-falantes. Na década de 1950, o gênero passou a ser promovido também pela RDT. No ano em que foi instalada, em 1948, a RDT localizava-se na Rua Areolino de Abreu, esquina com a Rua Barroso, era um “[...] prédio em estrutura de concreto, construção e estilo muito em voga nos anos quarenta e cinquenta”⁴⁸, pertencente à Rosa de Sampaio Melo. Nesse prédio a emissora possuía um auditório pequeno contendo apenas vinte e cinco cadeiras, que, segundo Irlane de Abreu, era “[...] calorento, onde a temperatura devia beirar aos 40 graus”.⁴⁹ Essa característica física do prédio da RDT era

⁴⁶ TINHORÃO, J. R. Op. cit., p. 54-56.

⁴⁷ Ver: RÁDIO Amplificadora Teresinense. *Diário Oficial*. Teresina, ano IV, n. 130, 10 jul. 1939, p. 2.

⁴⁸ Atualmente funciona a Livraria Moderna. (Cf. BARBOSA, Edson Gayoso Castelo Branco. *Therezina – Teresina*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, [19--]).

⁴⁹ ABREU, Irlane. Lembranças de Teresina. In: *Cadernos de Teresina*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, ano X, n. 26, ago. 1996, p. 58.

similar à de outras emissoras de rádio brasileiras⁵⁰, cujas instalações eram péssimas, não comportando um número significativo de pessoas.

Apresentado por João Rodrigues de Azevedo Filho⁵¹, um desses programas de auditório da RDT foi denominado *Atualidades Rodrigues Filho*, que animava os domingos teresinenses às dez horas da manhã, apresentando a disputa entre calouros, realizava “jogos” de perguntas e respostas, e com isso atraía jovens pelas brincadeiras e pelos prêmios oferecidos. Outro programa que fez do domingo teresinense uma festa, foi o *Domingo Alegre*, animado pelo radialista Al Lebre⁵², que, acompanhado de uma criança, acalorava o auditório apertado devido à participação ativa do público que, gritava, aplaudia, vaiava, cantava e tentava acertar as perguntas lançadas pelos animadores do programa.

Em decorrência do sucesso dos programas de auditórios e da ansiedade do público ouvinte de ver o seu ídolo nacional, os programas de auditórios se transformariam em “casas de espetáculos”, pois os shows artísticos promovidos pela emissora passaram a acontecer no Clube dos Diários, no Teatro 4 de Setembro, na sede River Atlético e na Boite Socopo, por exemplo. Para esses eventos eram cobrados preços diferenciados, que, apesar de proporcionar um encontro social de Teresina, limitava a vinda de um público heterogêneo. A renda advindo do pagamento das entradas servia para aplainar o orçamento financeiro da emissora.

⁵⁰ TINHORÃO, J. R. Op. cit., p.64.

⁵¹ João Rodrigues de Azevedo Filho, nasceu em 18 de abril de 1928, e ingressou na Rádio Difusora de Teresina em setembro de 1948. “[...] Na ‘associada’, iniciou como locutor-animador. Já tendo desempenhado as funções de locutor-animador, diretor de rádio-teatro, chefe de locutores e, atualmente [1948,] diretor-artístico. Já atuou como convidado nas seguintes emissoras: Rádio Mearim de Caxias (Maranhão), Timbira de São Luis, Ceará Rádio Clube de Fortaleza, Nacional do Rio (Programa César de Alencar), Tupi do Rio (Jubileu de Prata), Continental do Rio e Ribamar de São Paulo, onde fez juntamente com J. Vieira, completa cobertura da V Reunião de Governadores entre Presidente Jânio Quadros e os governadores do Piauí e Maranhão [...]”. (In: COLUNA do rádio. *Folha da Manhã*. Teresina, ano V, n. 1084, 03 out. 1961, p. 4).

⁵² Álvaro Lebre, nasceu em Parnaíba (PI) em 20 de outubro de 1927 e faleceu em Teresina em 08 de março de 2007. Ingressou na Rádio Difusora de Teresina em 1956, como locutor do Jornal Q-3, e depois de um teste, se tornou apresentador e animador de Programas de Auditório, denominado *Domingo de Festa*, na profissão de locutor do rádio ficou conhecido como Al Lebre.



Fotografia 06: Anúncio do Show de Gilberto Alves, em Teresina, em 1951. Promovido pela Rádio Difusora de Teresina.

Fonte: O PIAUÍ, Teresina, ano LXI, n. 701, 23 maio 1951, p. 4.

A RDT dispunha de um conjunto musical denominado *Regional Q-3*⁵³, que comandado por Ângelo Campelo, tinha a missão de acompanhar os cantores da terra e, em alguns casos, os *cartazes* nacionais. Do palco do Teatro 4 de Setembro para os lares daqueles que possuíam um aparelho receptor, foram irradiados os shows de *Gilberto Alves*, *Dilú Melo e sua sanfona mágica*, *Xerém e Bentinho*, *Gozalo Cortez*, *Sivuca*, *Luis Gonzaga*, *Jorge Goulart*, *Nora Ney*, dentre outros. A vinda de vários artistas de renome nacional para os shows da RDT se tornou mais freqüente depois da compra da emissora pelo Diários e Rádios Associados, em 1952. O rádio oferecia oportunidades para aqueles que queriam conhecer pessoalmente os artistas nacionais, mas também para aqueles que, não podendo ir aos shows podiam ouvir pelo aparelho receptor, pois o ato de sintonizar a rádio “[...] significa também vincular ao tempo dos outros, participar da vida da comunidade [...]”⁵⁴, e por isso não ficavam totalmente de fora desses acontecimentos artísticos.

⁵³ O “Regional Q-3 fazia parte do corpo de funcionários da RDT, sendo composto por: “[...] Antônio Simplício (acordeon), Carlos Guedes (cavaquinho), Panfílio Abreu (violão), José Maria Doudment (violão de 7 cordas), Bruno do Carmo (Bandolim/violão). Outros músicos, como: José do Baião (sanfona) e Chico Sanfoneiro tiveram participação neste regional, que acompanhava cantores piauienses, como por exemplo: Totó Barbosa, João de Deus, Dalmier Chaves, Clemilton Silva, Dagmar Pereira, Telva Neide, Francisco Guimarães, Damasceno, Helena Núbia, Walcir Moreira e eventualmente Eduardo Pereira e José Lopes dos Santos (Flauta), que compunham a diretoria da emissora. No correr dos anos cinquenta e sessenta, o Regional Q-3 acompanhou também estrelas de renome nacional [...]”. (BRITO, Geraldo. *Música dos anos 60*. In: *Cadernos de Teresina*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, ano VIII, n. 17, ago. 1994, p. 54).

⁵⁴ MENEZES, José Eugênio de Oliveira de. *Rádio, Memória e Cidade*. Disponível em: <<http://www.cisc.org.br/pesquisadores/eugenio.html>>. Acesso em: out. 2005.

Os shows artísticos nacionais trazidos pela RDT nos anos 1950 se transformaram em verdadeiros espetáculos e atraíam um público cada vez maior, de maneira que a igreja católica mantinha seu olhar vigilante sobre aqueles cantores que poderiam difundir “artes paganeskas”. Em 1952, a cantora *Elvira Pagã* foi impedida pelo clero piauiense de vir se apresentar na Feira de Amostras do Centenário de Teresina, conforme o ofício de repúdio enviado à RDT, por Dom Severino Vieira de Melo, chefe da Diocese de Teresina, veiculado no jornal escrito *A Luta*:

O virtuoso bispo de Teresina dirige-se à Comissão do Centenário – “Reprimirei qualquer tentativa de impossibilitar a liberdade da artista” – afirmou o Chefe de Polícia – outras notas.

O gerente da Feira de Amostra fechou contrato com a artista Elvira Pagã, para exibições em Teresina, no recinto do certame da Praça João Luiz. Essa cantora de rádio costuma apresentar-se ao público em trajes excessivamente reduzidas, fato que provocou a condenação do ilustre e virtuoso membros do clero piauiense, que diligenciou junto aos poderes de conseguir a proibição da entrada da Elvira Pagã em terras piauienses.

OFÍCIO DE D. SEVERINO

Foi o seguinte ofício que o ilustre e estimado Chefe da Diocese de Teresina dirigiu à Comissão do Centenário.

“Exmo. Sr. Presidente e demais Membros da Comissão do Centenário

O “Jornal do Piauí” em sua edição de 13 do corrente, traz a notícia de que se exhibirá em nossa 1ª Feira de Amostras, nos dias 26 e 27, “a conhecida cantora Elvira Pagã”.

Conhecida é pelo despudor com que se exhibe e que a tem tornado indesejável pelo elemento sadio e pelo menor mal, que freqüentam as diversões nos grandes centros.

Venho, em nome do nosso bom povo e da sempre respeitável família piauiense, fazer um apelo a V. V. Excias., no sentido de ser sustado avinda de tal artista.

Se a Feira de Amostras é nossa, Elvira Pagã não é fruto de nosso meio. Que juízo farão de nós e que dirão os que souberem que aqui esteve Elvira Pagã a convite, para nossa 1ª Feira de Amostra, organizada em comemoração do 1º Centenário de nossa cidade? [...].⁵⁵

Atendendo ao “pedido” do ilustre bispo de Teresina, D. Severino Vieira de Melo, em defesa dos *bons costumes*, foi vetada a vinda da cantora Elvira Pagã a Teresina. Atenta a tudo que dizia respeito à moral pública, a igreja católica não só impedia a vinda de Elvira Pagã a Teresina, mas também reivindicava junto às autoridades que censurassem as exibições da cantora considerada cultivadora das “artes paganeskas”, pelo fato de fumar e se apresentar no palco de forma carnalizada através do nu, do rebolado e das músicas de carnaval. Segundo Alcir Lenharo, Elvira Pagã era considerada a “musa do existencialismo” e assumia

⁵⁵ A IGREJA condena a vinda de Elvira Pagã. *A luta*. Teresina, ano I, n. 4, 20 jul. 1952, p. 1.

uma postura radical frente aos valores conservadores, reivindicando a igualdade entre os sexos.⁵⁶

Os programas de auditório da RDT significavam, portanto, uma oportunidade para a apresentação dos artistas locais e daqueles que almejavam ascender socialmente, através da vida artística, e deixar o anonimato. Assim sendo, o palco dos auditórios da RDT se revelou como um espaço importante para cantores e músicos locais que buscavam reconhecimento público e *status* de “Cantor do Rádio”. O reconhecimento público e o prestígio são construídos socialmente.

Para Bourdieu, o capital simbólico é “[...] geralmente chamado de prestígio, reputação, fama, etc. que é a forma percebida e reconhecida como legítima das diferentes espécies de capital [...]”.⁵⁷ Nesse sentido, a RDT nos anos 1950/60 ajudou relativamente na construção do capital simbólico. Para a maioria dos cantores e músicos do Piauí que atuaram no rádio, significou uma mudança de hábitos, costumes e de *status*, servindo de mediadora para o caminho artístico e para a produção de bens simbólicos na vida cotidiana.

Chamados, geralmente, pela imprensa local de “pratas-da-casa”, cantores e músicos piauienses pretendiam sair da condição secundária e chegar ao posto de *cartazes* do rádio nacional. A denominação “pratas-da-casa” refere-se também à própria condição que os artistas que compunham o *cast* da ZYQ-3, tais como *Dagmar Pedreira, Heber Cunha, Edyr Carvalho, Maria de Lourdes, Clemilton Silva*, dentre outros, assumiam na apresentação de shows artísticos promovidos pela RDT, seja na ordem e o tempo de presença no palco, seja no cachê pago pelas apresentações. É comum encontrar no jornal *O Dia*, de circulação local, notas referentes a queixas de artistas devido ao baixo salário e aos pequenos cachês pagos pela emissora, que não davam condições para que esses artistas preparassem um repertório diversificado e obtivessem vestimentas mais adequadas para se apresentarem no palco.

Abdoral de Carvalho Amorim⁵⁸, músico que integrou o *cast* da Difusora de Teresina e de outras rádios do Brasil, afirma que o grupo de músicos era formado por pessoas que tinham amor pela música, mas que não eram profissionais formados na área, sendo, então,

⁵⁶ Cf. LENHARO, Alcir. *Cantores do rádio – A trajetória de Nora Ney e Jorge Goulart e o meio artístico de seu tempo*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995, p. 156-157.

⁵⁷ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. [Trad. Fernando Tomaz]. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, p. 134.

⁵⁸ Abdoral de Carvalho Amorim, nascido em Simplício Mendes (PI) em fevereiro de 1929, foi músico da Rádio Difusora de Teresina. Abdoral começou a tocar na banda da Polícia Militar, bem como animar festinhas particulares, em boates etc. Após alguns anos fora do Piauí, chega em Teresina em 1955 e começa a trabalhar na Rádio Difusora de Teresina tocando no “Regional Q-3”, conjunto que animava os programas de auditórios. Além da Rádio Difusora de Teresina, trabalhou em várias rádios do Brasil: em Campina Grande, Recife, Fortaleza, Brasília etc.

um conjunto de amadores que se especializou de forma autodidata e que exercia outras profissões. Segundo Luís Albuquerque⁵⁹, a atividade artística requer um aparato técnico e educacional para a formação do músico para aumentar seu capital cultural nesse campo. Na década de 1950, em Teresina não havia uma escola de música, o que impossibilitava uma “formação” de músicos, de maneira que esses foram se profissionalizando, a partir de conhecimento empírico e de suas habilidades “técnicas”. A RDT contribuiu para que os músicos pudessem desenvolver suas habilidades, se tornando conhecidos, pelo menos, no meio piauiense, uma vez que a produção artística local raramente atingia uma circulação nacional.

Os programas de auditório e de calouros da RDT não só movimentaram a vida artística teresinense dos anos 1950 e 60, como também a do público ouvinte, que passou a ter mais uma opção de lazer, entretenimento e sociabilidade. Para Alcir Lenharo, partilhar de bens simbólicos produzidos pelo rádio significa uma participação ativa de sua vida, seja através de sua programação, seja pelo “consumo” dos ídolos do rádio em formação. Assim, é salutar, na história do rádio, o papel que teve o público ouvinte na condição de fã das novas estrelas. Nessa relação emissor e receptor, o rádio teve papel fundamental para firmar e “[...] realimentar os circuitos das relações mágico-afetivas [...]”⁶⁰ entre ambos, que não só servia de indicativo para o nível de popularidade de um artista, como também se transformaria no seu mercado potencial.⁶¹

⁵⁹ ALBUQUERQUE, Luís Botelho. Cultura e sociedade: o campo musical e a reorientação do olhar sobre o ouvir. In: SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de (Org.). *Piauí: Formação – Desenvolvimento – Perspectivas*. Teresina: Halley, 1995, p. 327.

⁶⁰ TINHORÃO, J. R. Op. cit., p. 119.

⁶¹ *Ibid.*, p. 125-126.



Fotografia 07: Público do programa de auditório da Rádio Difusora de Teresina nos anos 1960, no Teatro 4 de Setembro. Os shows no teatro eram pagos, o que contribuía para uma certa seleção do público.

Fonte: Cadernos de Teresina. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, ano XIV, n. 34, nov. 2002.

Em termos de comportamento urbano e de mudanças socioculturais, a chegada da RDT nos anos 1950 em Teresina, disponibilizando para os ouvintes uma programação diversificada de entretenimento e lazer, propiciou o surgimento de novos elementos na cidade, tal como a formação de fãs-clubes locais. José Eduardo Pereira, Deoclécio Dantas⁶² e Dídimo de Castro⁶³ relatam que esse tipo de programa de entretenimento e de participação popular teve um público significativo, sobretudo, porque não eram vendidos ingressos para os programas de auditório da RDT e, por que, embora fosse um tipo de lazer gratuito, despertava grande interesse do público.

Acredito que houve alguma coisa que a emissora influi, que ela era a única emissora. Em termos de rádio, nascia uma espécie de fã clube, de pessoas que admiravam o pessoal que trabalhava na rádio, aquele elenco e tudo, porque de qualquer maneira, isso já seria [...] um comportamento. [...] As “macacas” de auditório [grifo nosso], havia também na emissora aquelas pessoas, aquelas mocinhas, aqueles rapazes que apareciam em todos os

⁶² Deoclécio Dantas Ferreira, natural de Teresina, nasceu em junho de 1938, começou a trabalhar na Rádio Pioneira de Teresina em 1965 até 1979, no setor de rádio jornalismo. Além do rádio, Dantas foi redator de jornais escritos, entre os quais, o jornal *O Dia*, de Teresina. Em decorrência da popularidade que adquiriu enquanto trabalhou no rádio, seguiu carreira política.

⁶³ Dídimo de Castro, natural de Esperantina no Piauí, inicia sua carreira no rádio em março de 1962 no Departamento Esportivo da Rádio Difusora de Teresina, ao lado de Carlos Said, Rui Dourado e Dennis Clark. Ainda desempenhou atividades como repórter de linha de campo, apresentador de notícias e narrador de jogos de futebol. Com a inauguração da Rádio Pioneira de Teresina (08 de Setembro de 1962) passa a trabalhar na emissora católica, principalmente no desenvolvimento de programas de cunho educativo, religioso e cultural, por exemplo, o MEB (Movimento de Educação de Base).

programas, queriam participar de todos... todas as disputas e que batiam palmas demais, tinha fãs e tal, queriam retrato, isso era uma característica do Rádio naquela época.⁶⁴

Apesar do caráter depreciativo da expressão “macacas-de-auditório⁶⁵”, para estereotipar o público dos programas de auditórios, sobretudo das emissoras de rádio do Rio de Janeiro e de São Paulo, que tiveram uma participação efetivamente popular de empregadas domésticas, negros (as) e pobres, a narrativa de José Eduardo Pereira não revela esse sentido preconceituoso, mas trata de um número significativo de ouvintes que ia se potencializando enquanto público cativo de um determinado ídolo, e que queriam vivenciar esse tipo de evento promovido pela RDT, já bastante propagado pelas emissoras do país. Dentre as fontes pesquisadas, quando se trata do público dos programas de auditórios na RDT nos anos 1950/60, apenas o jornal escrito *Folha da Manhã* faz referência aos seus participantes, como “[...] Domingo de Festa – programas irradiados do auditório para a *gurizada* [grifo nosso] [...]”.⁶⁶

Os programas de auditório e de calouro, assim como a maioria dos programas da RDT, não possuíam patrocinadores, de maneira que os brindes distribuídos pelo programa eram os mais diversos possíveis, sendo “doados” em troca de divulgação dos eventos culturais e de algumas casas comerciais pelo rádio. Geralmente os brindes oferecidos eram ingressos para espetáculos de circos que chegavam à cidade, ou para o cinema, teatro, estádio de futebol, e também outros tipos de produtos. Esse fator contribuiu também para que a ZYQ-3 se tornasse numa espécie de “agenda cultural” da cidade.

A Rádio Difusora também divulgava o programa cultural da cidade, dando dicas sobre o teatro e cinema. Ao meio-dia, naquele programa do meio-dia tinha uma espécie de roteiro, itinerário da... das atrações, dava o nome do filme. O cinema não pagava nada, nos dava permanente [...] para que a gente distribuísse para os locutores, faziam um roteiro distribuindo, não é? [...] Os brindes distribuídos nos programas radiofônicos, era os mais variados, como: entrada em circos, cinemas, teatro, e produtos de utilidade doméstica (saboneteiras, etc.). Todos “doados” em troca de divulgação pelo rádio dos eventos e das firmas. [...] Quando vinha o circo, o circo vinha pedir uma propaganda em troca de um camarote para o diretor e mais tantas poltronas e coisa. A partida de futebol, nós tínhamos entrada no Lindolfo Monteiro, então dávamos a pauta, além de sair no horário esportivo e todo show todo acontecimento que tinha lugar em Teresina, o cidadão vinha em primeiro lugar, eu acho que eles pensavam em ir na Rádio pra entregar um

⁶⁴ PEREIRA, J. E. Op. cit.

⁶⁵ Cf. NAPOLITANO, Marcos. *Cultura brasileira: utopia e massificação (1950-1980)*. São Paulo: Contexto, 2001, p. 14; e TINHORÃO, José Ramos. *Música popular: do gramofone ao rádio e TV*. São Paulo: Ática, 1981.

⁶⁶ FOLHA da Manhã. Teresina, ano I, n. 166, 27 abr. 1958, p. 2.

convite, um permanente, uma coisa e com aquilo merecer a divulgação. [...] Sobre esta questão da influência de opinião, aí esta de fazendo na cidade, justamente o comportamento.⁶⁷

Para o músico Abdoral de Carvalho Amorim, deve-se atribuir ao programa de auditório da RDT a importância de ter *quebrado a monotonia da sociedade teresinense*, mesmo coexistindo outros lazeres na cidade, como os bailes do Clube dos Diários, as sessões cinematográficas do Rex e as encenações teatrais no 4 de Setembro, por exemplo. Assim:

[O auditório] ficava sempre lotado. A Difusora atuou aqui em Teresina quebrando a monotonia do povo, porque ela trouxe muitas alegrias. A Difusora, ela mexeu com o povo, ela estava em todos os segmentos sociais, então, ela teve a maior aceitação do povo. *A Difusora foi quem alegrou Teresina* [grifo nosso].⁶⁸

A quebra da monotonia está relacionada ao fato de os programas de auditórios se transformarem num tipo de festa popular que alegrava os domingos teresinenses e piauienses, sobretudo da população como menor poder aquisitivo, que encontrava no espaço da RDT lazer e divertimento, usufruindo, assim, dos bens simbólicos e culturais gerados pelo rádio.

Apesar da importância dos programas de auditórios para a formação de um capital simbólico para cantores e músicos que faziam parte do corpo de funcionários da RDT, ou que participavam dos programas de calouros almejando sair do anonimato, observa-se, através das fontes escritas e orais, que a RDT serviu de certa maneira para a formação destes profissionais. Contudo, dentre os “valores do meio artístico” piauiense que se apresentaram aos microfones da emissora, poucos saíram da condição de “pratas-da-casa” conquistando sucesso nacional.

Todavia, os programas de auditórios e de calouro da RDT dos anos 1950 e início do 60 tiveram grande participação popular, o que interferia diretamente no cotidiano teresinense. Os programas de auditório podem ser apontados não só como um espaço para novas sociabilidades, mas também como responsáveis por uma nova configuração dos hábitos, à custa do desenvolvimento da mecanização, que trazia um mundo maravilhoso, divulgando as celebridades do rádio e (re)modelando o gosto em favor de um determinado tipo de música, e ainda promovendo um divertimento de participação comum, entre a “tríade

⁶⁷ PEREIRA, J. E. Op. cit.

⁶⁸ AMORIM, Abdoral de Carvalho. *Depoimento concedido ao Núcleo de História Oral da Fundação CEPRO*. Teresina (PI), 21 de novembro de 1990.

familiar” e as diferentes classes sociais, seja no âmbito da vida social e cultural, seja na vida doméstica.

Radiojornalismo...

Em 1941 entra no ar o *Repórter Esso*. O contexto histórico que envolveu a criação do jornal falado no Brasil diz respeito a necessidade de um setor informativo no rádio, no período da Segunda Guerra Mundial. Irradiado pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro, o *Repórter Esso* foi considerado *Testemunha ocular da história*, slogan que se referia à importância do programa, diante da transmissão de notícias. Constituiu-se num programa de caráter informativo e noticioso, em nível nacional, que passava a ser a verdade, para a população brasileira, conquistando vários ouvintes e levando os acontecimentos do Brasil e do mundo através das ondas do rádio. O *Repórter Esso*, ao exercer seu papel informativo no país, alcançou credibilidade absoluta e, mesmo com o surgimento de outros programas jornalísticos em outras emissoras da época, as pessoas só acreditavam nas notícias quando estas eram transmitidas pelo *Repórter Esso*.⁶⁹

O *Grande Jornal Q-3* representou para o Piauí a mesma importância que o *Repórter Esso* representava para o Brasil. Segundo José Lopes dos Santos⁷⁰, o “Grande Jornal Q-3” possuía um papel importante em termos de informar a sociedade, pois tendo em vista que os jornais escritos eram restritos a uma pequena parcela da população e de publicação periódica, e que ainda não existia a televisão, o jornal falado era mais acessível à população⁷¹, sem contar que, nos anos 1940/50,

⁶⁹ Cf. TAVARES, R. C. Op. cit., p. 153.

⁷⁰ José Lopes dos Santos, nasceu em setembro de 1919 no município de Ipuéiras (CE). Chegando a Teresina em 1951 ingressa na Rádio Difusora de Teresina, onde exerceu o cargo de Diretor Administrativo e diretor dos jornais falados da rádio durante trinta anos (entre 1951 a 1980). Organizou e comandou o *Grande Jornal Q-3*, *Bate-papo na Praça*, *Mesa de Debates*, assim como dirigiu programas de entretenimento e participou do “Quinteto Serenata”, de caráter musical.

⁷¹ Considerando o alto índice de analfabetismo do Brasil, Teresinha Queiroz considera que “[...] a palavra, principalmente a palavra falada, a palavra dada, tem um peso social muito grande sendo valorizada e respeitada enquanto tal. Um dos elementos que induzem a esta respeitabilidade é a menor importância no cotidiano do documento escrito. Além da menor incidência da palavra escrita, é menor também a possibilidade concreta de sua decifração. É possível que esteja nesses elementos que permeiam a sociedade colonial e imperial e adentram pela república, algumas das explicações para o desejo de expressão pela palavra falada, da apropriação desse seu símbolo e do seu uso [...]”. (QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Os literatos e a república*: Clodoaldo Freitas, Hígino Cunha e as tiranias do tempo. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994, p. 143)

[...] as notícias escritas chegavam a Teresina com atraso, pois os vãos vindos do sul, penso que através da companhia aérea CRUZEIRO DO SUL, chegavam aqui somente uma vez por semana. O velho e precário aeroporto – o campo de aviação, como era chamado – se transformava numa festa, apesar do calor insuportável e da poeira que as hélices dos aviões provocavam na decolagem e no pouso!⁷²

Embora outras emissoras pudessem ser sintonizadas no Piauí, como a *Rádio Jornal do Comércio*, a *Rádio Tupi*, *Rádio Nacional do Rio de Janeiro*, a *BBC de Londres* e a *Voz da América*, por exemplo, coube ao *Grande Jornal Q-3* o papel de transmitir as notícias de acontecimentos políticos, econômicos, sociais e culturais, da capital e dos outros municípios piauienses. O *Jornal Q-3* destacava-se como o programa de maior prestígio da RDT, na capital e no interior do Estado do Piauí.

O formato deste jornal se ajustava aos “padrões da época”, segundo José Eduardo Pereira, e mesmo com as reformulações que fez na programação da emissora, em 1952, o *Jornal Q-3* continuou com a mesma estrutura jornalística. Coordenado por José Lopes dos Santos desde 1951, o *Grande Jornal Q-3* se tornou um momento de reunião para aqueles que estavam interessados adquirir informações e conhecimentos antes restritos aos jornais escritos. Embora a Rádio Educadora de Parnaíba⁷³ também tivesse um jornal falado nos anos 1950, o *Jornal Q-3* continuou sendo, no Piauí, umas das fontes de notícias pelo rádio mais ouvida, até o início de 1960.⁷⁴

Diariamente, o *Jornal Q-3* entrava no ar depois da apresentação do programa *A Hora do Brasil*. Horário estratégico, o jornal falado da RDT aproveitava o momento em que os ouvintes estavam ao lado do rádio, para transmitir “[...] notícias completas do que se passa[va] na capital e no interior do Estado, com amplo noticiário das repartições públicas federais e estaduais, inclusive do Palácio do Governo, Assembléia Legislativa e Tribunais de Justiça Eleitoral”.⁷⁵ Embora tivesse caráter informativo e noticioso, repassando os acontecimentos do dia-a-dia da cidade e do Estado, o jornal falado assumia uma outra faceta – o viés político e partidário.

O viés político-partidário herdado do coordenador e apresentador do jornal falado, José Lopes dos Santos, não diminuía a sua cota de audiência, antes chamava a atenção dos políticos e interessados para que ficassem antenados com as notícias da batalha partidária em

⁷² ABREU, I. Op. cit., p. 58.

⁷³ Jornais falados da Rádio Educadora de Parnaíba: o *Grande Jornal da Manhã*, *Rádionotícia* e *Informes J-4*.

⁷⁴ Com a inauguração da Rádio Clube do Piauí em 1960, esta emissora coloca no ar o rádio-jornal *A Voz da Notícia*, e em 1962 é fundada a Rádio Pioneira de Teresina, lançando a *Grande Revista Noticiosa Pioneira*.

⁷⁵ OS GRANDES programas permanentes da Rádio Difusora de Teresina Ltda. *O Dia*. Teresina, ano I, n. 41, 11 nov. 1951, p. 3.

períodos eleitorais, assim também com as das desavenças políticas existentes entre as duas maiores agremiações políticas do Piauí, de meados dos 1940 até os anos 1960: a UDN (União Democrática Nacional) e o PSD (Partido Social Democrático). O *Jornal Q-3* tornava-se imprescindível para o piauiense, sobretudo, pelos comentários tecidos durante o jornal que provocava mais ruídos entre as facções políticas, do que aqueles que, geralmente, saíam dos aparelhos, em decorrência do deficiente sistema de transmissão dos anos 1950.

De vários pontos do território estadual, onde a Rádio Difusora é sintonizada com desusado interesse, chegam reclamações de que a sintonia da ZYQ-3 não está sendo boa. As principais reclamações partem dos políticos, naturalmente interessados em acompanhar, em todo os seus lances, a luta que começou a esboçar-se no Estado, visando as eleições de 3 de outubro vindouro. Estes defeitos de sintonia, segundo nos informaram pessoas entendidas, têm origem nas instalações do cabo condutor que liga a Rádio Difusora aos seus transmissores no Pirajá e que é o primitivo, instalado a 6 anos. Cogita, porém, apresentar-se melhor em seu novo auditório e sede. Aguardemos.⁷⁶

Do ponto de vista técnico, estruturar o jornal falado não era fácil, sobretudo, quando o local da notícia em voga exigia transmissão externa. Mesmo, em 1952, quando a RDT foi integrada ao grupo dos Diários e Rádios Associados, a rádio não teve melhoria dos equipamentos técnicos e dos recursos financeiros. Funcionando de forma amadora, a emissora mantinha-se no ar, apesar das limitações técnicas e financeiras que dificultavam a emissão de som com boa qualidade, principalmente quando se tratava de transmissões externas, que dependiam do gravador de rolo, do sistema elétrico deficiente e equipamentos precários. Do ponto de vista da recepção sonora no rádio, “[...] as pessoas que o tinham o alimentavam com baterias, sendo que o fornecimento de energia elétrica, até a inauguração da Barragem de Boa Esperança, na década de 1970, era cortado às 21 horas”.⁷⁷

Apesar dessas dificuldades, a RDT, sob responsabilidade de José Lopes dos Santos, manteve sua equipe jornalística no local da notícia e dos eventos que mexiam com o cotidiano teresinense. Em 1953, por exemplo, a RDT transmitiu a chegada da imagem de Nossa Senhora de Fátima a Teresina e a primeira demonstração de pára-queda militar no Piauí. Lado a lado com a notícia, a equipe de locutores do *Jornal Q-3* levou pelas ondas *hertzianas* a emoção dos grandes acontecimentos que chamavam a atenção do Piauí.

⁷⁶ RÁDIO. *O Dia*. Teresina, ano IV, n. 178, 13 jun. 1954, p. 3.

⁷⁷ NASCIMENTO, Francisco Alcides do. História e memória: O rádio por seus locutores. In: *Fênix: Revista de História e Estudos Culturais*. v 3, ano III, out./nov./dez., 2006, p. 13.

José Eduardo Pereira relata que as transmissões externas foram as que mais deram prestígio à emissora e à sua equipe, especialmente, em um momento em que as limitações técnicas e o imprevisto eram constantes. Testemunha, porém, a popularidade, que a RDT conquistou perante o público ouvinte, o recebimento de mais de cinquenta cartas⁷⁸, advindas de diferentes municípios do Piauí e do país, parabenizando, e, por vezes, criticando a transmissão não só o *Jornal Q-3*, mas também outros programas oferecidos pela emissora.

Devido ao prestígio e à credibilidade entre os ouvintes, o *Jornal Q-3* passou a ser parte integrante do cotidiano, se tornando um “horário sagrado”, para alguns ouvintes que se postavam ao lado do rádio para ouvir as notícias do dia.

[...] Tava todo mundo conversando aí um dizia: “Agora o senhor dá licença que eu vou ouvir o Jornal Q-3”. Quer dizer, ficar todo mundo preso ao Jornal Q-3, que era o jornal que entrava com as notícias. No interior se pegava a Difusora. Do mesmo jeito o Jornal Q-3, como hoje você vê marcar um encontro: ‘Depois do Jornal Nacional a gente conversa’. Então, do mesmo jeito a Difusora passou a fazer parte da sociedade. O Jornal Q-3 era ponto de referência: era antes ou depois do Jornal Q-3, o sujeito tava num lugar, aí dizia: “Tá na hora do Jornal Q-3, depois a gente conversa”.⁷⁹

Num período em que o rádio tinha audiência absoluta, alguns horários passaram a ser considerados “sagrados”, em decorrência de programas de preferência nacional, como por exemplo, o *Jornal Q-3* e as radionovelas. Tais programas impuseram novas cenas do viver na sociedade, pois, sendo a vida cotidiana heterogênea e hierárquica, as pessoas foram mudando e organizando seu cotidiano e seu lazer. Mas isso não significa dizer que as outras formas deixaram de existir, foram tomando novas significações na trama do cotidiano dos indivíduos. Assim, atividades culturais, como o teatro e o cinema, mudaram de horário em decorrência de determinados programas de audiência nacional que faziam parar as cidades, deixando as pessoas estáticas diante do seu aparelho receptor.

No Grande Jornal Q-3, o Piauí inteiro ou em quase todo o Estado, um ou outro município que não recebia bem aí tinha uma espécie de Diário Oficial que era parte que nós publicávamos do Governo, as informações do Palácio do Governo, os atos, nomeação, demissão, o que o Governo fazia e tal e depois vinha o “Noticiário Livre” e o “Comentário Livre” que José Lopes dos Santos sempre foi muito arguto. [...] O jornal Q-3, ele se transformou num momento obrigatório de todas as pessoas tanto em Teresina como no interior, quem queria se atualizar. O que mais deu prestígio à Rádio Difusora durante todo o seu tempo, foi o Grande Jornal Q-3. [...] José Lopes dos Santos se encarregava de fazer [algum comentário político] (sic!), isso

⁷⁸ Não foi encontrada nenhuma dessas cartas durante o período da pesquisa.

⁷⁹ SILVA, J. R. T. Op. cit.

para levar a... satisfazer ao interesse daqueles homens do interior, mas esse conscientizar, bom, o trabalho que está sendo feito por uma emissora de rádio dentro desse padrão termina conscientizando, sobretudo quando é a única fonte de informação que a comunidade ouve e termina sendo realmente isto que ela fazia.⁸⁰

Para Dumazedier, “[...] o lazer não é somente tempo da distração, recreação e entretenimento, mas, também, aquele no qual se obtém uma informação desinteressada [...]”.⁸¹ O horário do *Jornal Q-3*, portanto, era um momento de reunião junto ao rádio, todos atentos à voz do locutor, que, pausadamente, apresentava as notícias e os acontecimentos locais e do mundo. Era um momento de distração, mas também de informação, de visualização das imagens criadas pelo locutor, sentindo as emoções dos fatos colocados em destaque no jornal. O “amigo ouvinte” estabelecia uma relação com o emissor das notícias, o que constitui uma relação característica própria do rádio que é a “sensorialidade”. Gisela Ortriwano, chama a atenção para um dos motivos do rádio ainda continuar vivo e muito presente na sociedade de hoje. Segundo a autora, isso se deve à capacidade do rádio de criar imagens e gerar emoções. A voz, quando não acompanhada de imagens, desperta o envolvimento do ouvinte, influenciado pelo imaginário de seu tempo. Ou seja,

[...] o rádio envolve o ouvinte, fazendo-o participar por meio da criação de um “diálogo mental” com o emissor. Ao mesmo tempo desperta a imaginação através da emocionalidade das palavras e dos recursos de sonoplastia, permitindo que as imagens tenham nuances individuais, de acordo com as expectativas de cada um.⁸²

Nesta perspectiva, considerando o prestígio que o *Grande Jornal Q-3* assumiu e fazendo parte do “lazer” teresinense, ele “oferece aos membros [...] formação desinteressada e participação social de boa vontade”.⁸³ Assim, um dos principais fatores para a construção de um modelo de vida contemporâneo foi a sua interferência no comportamento da sociedade, no sentido de que as pessoas começaram a organizar suas horas de lazer, conforme a grade de programação da emissora. Esse comportamento reflete diretamente na cidade, uma vez que espaços antes de grande movimentação, do *footing* da sociedade local, tais como as praças, deixam de ter grande mobilidade em decorrência da programação do rádio que prendia os ouvintes ao lado do aparelho, onde o silêncio é uma exigência.

⁸⁰ PEREIRA, J. E. Op. cit.

⁸¹ DUMAZEDIER, J. Op. cit., p. 42.

⁸² ORTRIWANO, G. Op. cit., p. 80.

⁸³ *Ibid.*, p. 107.

Mike Featherstone⁸⁴ considera que, com os avanços tecnológicos, as sociedades contemporâneas passam a ter uma maior variedade de escolhas e de consumo, sobretudo, promovida pelos meios de comunicação de massa. A entrada dos meios de comunicação aumenta as opções de cultura, lazer, divertimentos, e com isso vai “rompendo”, ou acrescentando, com as formas tradicionais existentes. Com a instalação da RDT no final dos anos 1940, no que tange às novas opções de lazer oferecidas, através de sua programação, deve-se considerar que não há um rompimento, de fato, com as formas de lazer tradicionais, mas uma modificação, uma remodelação de hábitos, na medida em que as pessoas não deixaram de sair ou de ir se verem nas praças, o que houve foi uma redefinição do tempo e uma entrada do rádio nas sociabilidades.

A comunicação acirrou novos processos, ao inaugurar outra relação com a informação e com a ficção (radionovelas), mas o cinema, por exemplo, não deixou de ser freqüentado, por causa do rádio e nem mesmo por causa da televisão, embora tenham ocorrido algumas modificações. Se até final do século XIX e início do século XX, as pessoas organizavam seu cotidiano e seu lazer de acordo com as atividades e a partir das opções de divertimento que a cidade oferecia a elas, com o rádio, muitas atividades eram feitas antes ou depois de determinados programas. A família, por sua vez, não perdeu tanta importância, uma vez que, até na ficção, os modelos passados pelo rádio endossavam o paradigma de família desejado, que devia ser tomado como uma sinalização que aponta os valores sociais que deveriam ser valorizados, pois “[...] devido ao seu grande prestígio, fornece modelos de conduta e pode imprimir um certo estilo de vida cotidiana”.⁸⁵ A alteração de valores tradicionais não significa a devassa desses valores, mas uma “modificação” nos parâmetros culturais do novo contexto histórico.

Programas esportivos...

Nelson Werneck Sodré⁸⁶ atribui a dois fatores da cultura popular brasileira a capacidade de mobilizar multidões: o futebol e a música popular. Integrados à programação

⁸⁴ FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. [Trad. Júlio Assis Simões]. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

⁸⁵ DUAMAZEDIER, J. Op. cit., p. 98.

⁸⁶ SODRÉ, Nelson Werneck. *Síntese de história da cultura brasileira*. 7 ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

radiofônica, o futebol e a música deram ao rádio uma força extraordinária, alimentando o universo lúdico dos ouvintes e criando imagens, quer através da voz do locutor esportivo que acompanhava lance a lance a partida e levava as emoções do placar, quer através do desfile musical dos *cartazes* do rádio pelo microfone.

Antes mesmo que as partidas de futebol fossem transmitidas pelas ondas do rádio, a primeira euforia em torno do futebol se deu em 1919, quando a seleção brasileira ganhou do Uruguai no Campeonato Sul-americano de Futebol, no Rio de Janeiro. De acordo com Nicolau Sevcenko⁸⁷, aquela vitória mexia com o universo simbólico dos torcedores, e também com os princípios da cultura dominante que não reconhecia o esporte como uma atividade culta.

Na primeira metade do século XX, pós-primeira guerra mundial, é que a prática desportiva começa a ser valorizada no Brasil. Nos principais centros urbanos do país, surgia a geração “juventude”, “saúde” e “beleza”, aliada aos valores modernos vinculados aos processos de urbanização e industrialização. A prática desportiva foi, então, re-avaliada e passou a ser vista como um instrumento importante para adaptar corpos e mentes, frente aos novos meios tecnológicos e urbanos⁸⁸. Esse processo de transformação das cidades afetou diretamente os valores socioculturais dominantes, visto que até o final do século XIX, praticar esporte era visto como uma atividade fútil que estragava a juventude.

[...] Fazer *sport* [grifo do autor] há vinte anos ainda era para o Rio uma extravagância. As mães punham a mão na cabeça quando um dos meninos arranjava um haltere. Estava perdido. Rapaz sem *pince-nez* [grifo do autor], sem discutir literatura dos outros, sem cursar as academias – era homem estragado.⁸⁹

Todavia, na medida em que o esporte se tornou um *fetich*e da modernidade e dos princípios estético-higienistas da Regeneração, a prática desportiva servia para ajustar os corpos e as mentes para as novas tecnologias dos centros urbanos. Ainda, a partir do momento em que foi apropriada pela burguesia nascente, a prática desportiva recebeu novas conotações no quadro de valores sociais, influenciando para que os clubes esportivos fossem procurados, sobretudo, pela modalidade de esporte que mais tarde se tornaria a “paixão nacional” – o futebol.

⁸⁷ Nicolau. A capital irradiante 1998. p.571: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: _____ (Org.). *História da Vida Privada do Brasil República: da belle époque à era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras. 1998. p. 571.

⁸⁸ Id. *Ibidem*.

⁸⁹ *Ibid.*, p. 570.

Na década de 1920, o futebol é integrado à grade de programação do rádio, que passou a ter seu departamento esportivo. As primeiras informações veiculadas pelo rádio sobre as partidas de futebol não eram acompanhadas da transmissão dos jogos, anunciando apenas o placar e o nome dos jogadores que marcavam gol nas partidas. É a partir de 1930, que as emissoras de rádio começaram a transmitir os jogos de futebol diretamente dos estádios, de maneira que o locutor esportivo narrava lance a lance a partida, levando ao público ouvinte as emoções do jogo.

Mobilizador de multidões, os programas esportivos se tornaram a “coqueluche” do rádio. Em 1938, o rádio brasileiro fez sua primeira transmissão esportiva, em cadeia nacional, tratava-se da Copa do Mundo realizada na França. Diretamente da Europa, os torcedores brasileiros puderam sintonizar no aparelho receptor, a narração do locutor Leonardo Gagliano Neto, da PRE-3, Rádio Clube do Brasil do Rio de Janeiro. Apesar do terceiro lugar alcançado pela seleção brasileira no campeonato mundial, a transmissão da Copa do Mundo pelas emissoras de rádio brasileiras ficou marcada na história do rádio do Brasil.

Em solo teresinense, Celso Pinheiro Filho⁹⁰, afirma que, os serviços de amplificadoras retransmitiram o campeonato mundial de futebol, em 1938, aglomerando pessoas ao redor dos alto-falantes fixados nas praças Pedro II e Rio Branco. Atenta aos campeonatos nacionais e internacionais, os dirigentes das amplificadoras colocaram na pauta de sua programação a cobertura esportiva. Em 1939, o *Diário Oficial* noticiou que a Rádio Amplificadora Teresinense retransmitiu um clássico da história do futebol internacional, o jogo Brasil *versus* Argentina:

Com os seus dois poderosos alto-falantes ligados para as praças D. Pedro II e Rio Branco, a Rádio Amplificadora Teresinense – A voz da Cidade Verde – capitou e retransmitiu, ontem, com grande êxito, a peleja futebolística realizada no Rio de Janeiro, entre os brasileiros e os argentinos em disputa da “Taça Rocca” e da qual saíram vencedores os palatinos, pelo elevado score de 5x1.

A R.A.T. [Rádio Amplificadora Teresinense] por nosso meio leva no conhecimento do público teresinense que no domingo próximo retransmitirá o segundo encontro da “Copa Rocca”.⁹¹

Para os apaixonados pelo esporte, o rádio se tornou peça fundamental para garantir a visualização das partidas de futebol através da voz. O narrador de futebol tinha a missão de levar aos quatro cantos do país, as imagens do campo do futebol, o comportamento dos

⁹⁰ PINHEIRO FILHO, Celso. *História da imprensa no Piauí*. 3 ed. Teresina: Zodiaco, 1997, p.66.

⁹¹ RÁDIO Amplificadora Teresinense. *Diário Oficial*. Teresina, ano IX, n. 13, 16 jan. 1939, p. 3.

jogadores em campo, o tempo e o placar do jogo, provocando emoções no torcedor ouvinte à espera do grito de gol, de preferência, de seu time. O locutor, portanto, assume papel fundamental durante a transmissão esportiva, pois:

[...] Com a bola em jogo, o narrador é o centro da transmissão esportiva. [...] O repórter faz o *closed* [grifo do autor] pelo lance, detalhando-os para o ouvinte. A análise do jogo cabe ao comentarista. Já o plantão traz as informações complementares. Tudo gira em torno da necessidade de fornecer ao ouvinte uma visão de imaginário da partida.⁹²

A cada partida de futebol transmitida pelo rádio, um número significativo de ouvintes era atraído para ficar ao “pé do rádio” para acompanhar lance a lance o jogo, seja aqueles que não foram para o estádio, seja para o torcedor que mesmo indo ao estádio de futebol, não deixa de levar o radinho à pilha, para acompanhar os lances do jogo.

No Piauí, as primeiras transmissões esportivas foram feitas pelos serviços de amplificadoras, como já foi apontado. O rádio-escuta captava pelo aparelho receptor a transmissão dos jogos, e repassava as informações sobre a partida de futebol para o seu público ouvinte. Somente a partir de 1938, com a instalação da Rádio Educadora de Parnaíba (REP), é que alguns jogos de futebol foram transmitidos diretamente do estádio da cidade. Edson Leite e Oliveira Júnior, por exemplo, fizeram parte da equipe esportiva da REP, num momento em que para levar ao ar uma partida de futebol era preciso mesclar trabalho técnico com trabalho artesanal e criatividade, devido aos poucos recursos financeiros e técnicos da emissora:

Era chamada “linha física”, não tinha nada a ver com física. Então, ali se fazia uma cabine de madeira e ali ficava um técnico pra cuidar da mala, chamada mala portátil, o malador, o comentarista e... Eu fiz até esse trabalho, tinha o trabalho de pista do repórter como se usa e um rádio-escuta dentro daquela cabine depois foi que a gente passou a verificar que podia se fazer isso lá do estúdio, uma central pra dar aqueles “flashes” de vez em quando do campeonato a nível nacional e dos vários Estados. Mas, eu fiz muito isso da cabine com o rádio lá no canto ali procurando uma emissora ou outra e de repente dava um sinal para o narrador, fazia assim com o dedo, né, apontava de cima e ele entendia, ai dizia: “Atenção campeonato maranhense”, por exemplo. Aí o operador já tava no ponto, lá com a vinheta, aí rodava aquele sinal, aí entrava o campeonato maranhense, resultado, digamos, do Maranhão e Moto, Sampaio Correia. Campeonato carioca, e o pessoal sempre levava algum rádio para o estádio. Nos anos [19]60, já existiam rádios importados transistorizados. E a gente fazia isso. Um trabalho que gratificava muito e folgava demais a gente esse trabalho

⁹² FERRARETTO, Luiz Artur. *Rádio: o veículo, a história e a técnica*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000, p. 385.

também ao nível de transmissão esportiva. E aqui, tivemos boas equipes durante o longo dos anos de pessoas que trabalhavam nesse departamento.⁹³

O processo de transmissão de jogos de futebol diretamente do estádio não era uma tarefa fácil. A “linha física”, destacada pelo radialista Jaime Lins Solano Lopes, refere-se ao método artesanal de estender um fio elétrico nos postes, da emissora de rádio até o estádio em que aconteceria o jogo. A transmissão pela “linha física” era uma das dificuldades de se fazer a transmissão ao vivo de partidas de futebol, bem como estava sujeita a interrupções, em virtude de problemas técnicos e, até mesmo, por “sabotagem”⁹⁴. Assim, a cada transmissão esportiva, os locutores e técnicos tinham que driblar as dificuldades técnicas, e lançar mão de estratégias para agradar o “amigo ouvinte”.

Na década de 1950, a RDT estrutura o Departamento Esportivo, sob a direção do radialista Carlos Said⁹⁵. Ao lado de Pedro Mendes Ribeiro e Dennis Clarck, Carlos Said era responsável pela cobertura esportiva e, de captar e retransmitir os jogos nacionais e internacionais. Ainda, a RDT reservou um horário, denominado *Tarde Esportiva*, para que os locutores esportivos fizessem as crônicas, as resenhas esportivas e os comentários sobre o esporte local, nacional e internacional.

Ao se tratar do setor esportivo da radiofonia teresinense, estar se tratando da história do futebol local, pois foram os jogos de futebol que deram vivacidade aos programas radiofônicos esportivos, fazendo com que os clubes tivessem apoio do rádio, para formar um grupo de torcedores.

Assim, a primeira equipe de futebol organizada no Piauí foi o Parnahyba Sport Club, pelo industrial José Moraes Correia (Zeca Corrêa), em 1913. Como presidente do clube “azulino do litoral”, e na tentativa de empolgar seus torcedores, bem como os clubes de futebol piauienses, promovia disputas de futebol entre os clubes locais, aos domingos, e

⁹³ LOPES, Jaime Lins Solano. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento*. Parnaíba (PI), 05 de Fevereiro de 2003.

⁹⁴ Na década de 1960, a Rádio Clube de Teresina passou também a fazer transmissões esportivas, de maneira que, “[...] esta e a Difusora de Teresina iniciam um período de ‘sabotagem’ e concorrência acirrada. Para garantir índice superior de audiência faziam qualquer coisa para atrapalhar a transmissão da outra. À época, linhas de transmissão eram cortadas/quebradas, fios eram grampeados para curto-circuitar e impedir a transmissão alheia. São alguns dos elementos que fizeram parte da história das rádios. Estes episódios retratam o que José de Ribamar A. Pernambuco, o ‘Mestrinho’, sonoplasta da radiodifusão teresinense, chama de *lado escuro do rádio*”. (In: LIMA, Nilsângela Cardoso. *ZYQ-3: no ar, a primeira rádio teresinense*. Teresina, 2002. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal do Piauí, p. 56).

⁹⁵ Conhecido também como o “Magro-de-Aço”, Carlos Said nasceu em janeiro de 1931, trabalhou na Rádio Difusora de Teresina sendo Chefe do Departamento Esportivo da emissora. Em 1962, Carlos Said deixa a rádio Difusora e passa a atuar na Rádio Clube de Teresina, e mais tarde (1975) na Rádio Pioneira de Teresina, como redator esportivo, locutor-comentarista de rádio-esporte. Carlos Said é considerado um dos símbolos da radiofonia local principalmente pela sua forma de atuar na rádio e em decorrência das histórias pitorescas que fizeram parte de sua vida enquanto radialista.

também levava a equipe de Parnaíba para jogar em outros Estados, como Goiás, Rio de Janeiro e Bahia, para aperfeiçoar a técnica e a potência de seus jogadores.



Fotografia 08: Parnahyba Sport Club X Sampaio Correia, em 01 de Agosto de 1948. Da direita para a esquerda: Raimundo Bio, Icão, Toinho, Babá, Barros e Pantote, Luiz, David, Heráclito, Leiteirinho e outros.

Disponível em: <<http://parnahyba.multiply.com/photos/photo/27/59.JPG>>. Acesso em: jan. 2007.

Em 1926, o industrial Zeca Corrêa, provocou uma disputa esportiva entre as duas casas comerciais que exploraram e movimentaram a economia de Parnaíba: portugueses x ingleses.

[...] Pouco tempo depois da implantação do futebol no Brasil, os parnaibanos aderiram ao jogo coletivo dos ingleses. Tanto é prova que, em 1912, no dia primeiro de maio, um pioneiro do “soccer” britânico, o então jovem industrial Zeca Corrêa fundou o Parnaíba Sport Club. E começou a indescritível rivalidade entre os filhos da incisiva (sic!) Parnaíba, cada um fundando as suas equipes de futebol, antes que a capital teresinense tivesse a audácia de lançar-se a aventura da implantação do novo desporto que ia conseguindo popularidade em todo o continente brasileiro.

[...] Diziam naquela época e já passou para a história do futebol piauiense como memorização fidedigna Zeca Corrêa formava no time de descendência portuguesa e era adversário de Septimas Clarck, descendente da Casa Real Inglesa.

O tradicional dessa septuagésima associação esportiva diz respeito à visita do príncipe herdeiro da Casa Real de Orleans e Bragança (Portugal-Brasil) ainda em 1926. Parnaíba para recepcionar os ilustres visitantes fez realizar em significativo jogo que terminou empatado. Logo após essa visita, surgiu o Internacional (vermelho que deu nome ao antigo estádio da mais importante cidade do interior do piauiense (Hoje, estádio Petrônio Portela, administrado pelo Parnaíba Sport Club) [...].⁹⁶

⁹⁶ SAID, Carlos. Comentário de Carlos Said, pioneiro da crônica esportiva piauiense. SAID, Carlos. Comentário de Carlos Said, pioneiro da crônica esportiva piauiense. Disponível em: <<http://www.parnahyba.com.br>>. Acesso em: jan. de 2006.

A mais tradicional agremiação esportiva do Estado liderou, no Piauí, campeonatos de futebol e abriu caminho para que outros municípios formassem seus *clubes* ou *sociedades* esportivas. No final dos anos 1930, vários clubes foram sendo formados e admitidos pela Federação Piauiense de Futebol: Botafogo Esporte Clube (1932, Teresina (PI)), o Esporte Clube Flamengo (1937, de Teresina (PI)), River Atlético Clube (1948, Teresina (PI)), Auto Esporte Clube (1951, Teresina (PI)), Caiçara Esporte Clube (1954, Campo Maior (PI)), Sociedade Esportiva Tiradentes (1959, Teresina (PI)), dentre outros.

Esses foram alguns dos principais *clubes* ou *sociedades* esportivas que disputavam entre si o Campeonato Piauiense de Futebol e esquentavam os ânimos dos torcedores locais. Concomitante ao nascimento das equipes esportivas do Piauí, pode-se relacionar o papel das emissoras de rádio, Rádio Educadora de Parnaíba e Difusora de Teresina, que, através das transmissões externas, ajudaram no surgimento das equipes de futebol e na sua afirmação enquanto prática desportiva no Piauí.

As coberturas esportivas do futebol piauiense pelo rádio deram uma nova roupagem às partidas de futebol, pois com “[...] uma voz... a imaginação fez o resto [...]”.⁹⁷ O grande lance das transmissões esportivas estava não só em levar ao ouvinte as cenas dos jogadores em campo, mas também, proporcionar reconhecimento aos *clubes* ou *sociedades* esportivas que pretendiam sair do amadorismo e alcançar reconhecimento social. Com a chegada dos meios de comunicação no Piauí, o esporte piauiense ganha espaço para divulgação dos clubes. O rádio fez parte do dia-a-dia das pessoas, sobretudo, até os anos 1970, quando se tem a chegada do primeiro canal de televisão do Piauí. Rádio e futebol mexiam com o universo lúdico das pessoas, com o cotidiano, eles deram uma grande parcela de contribuição para a mudança de hábitos, de comportamentos e de sociabilidade.

Sob a responsabilidade de Carlos Said, o setor esportivo da RDT, também teve sua importância no desenvolvimento e afirmação do futebol piauiense. Segundo Pinheiro Filho, até a década de 1930 o futebol não constituía assunto de interesse para a população local e para a imprensa escrita. Com a chegada da RDT, é que os jogos entre os times locais começaram a aparecer e serem apreciados, através das crônicas esportivas. Assim:

Sem levarmos em conta casos isolados, podemos afirmar que, entre nós, já foi a radiodifusão que levou grande área da população a interessar-se por futebol. Os jogos irradiados passaram a constituir assuntos de todos os meios sociais. Contudo, o responsável pela transformação do futebol em

⁹⁷ ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *França 1938, III Copa do Mundo. O rádio brasileiro estava lá*. Universidade de São Paulo. p. 2. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/ortriwano-gisela-copa1938.pdf>>. Acesso em: jan. 2007.

assunto sério no Piauí, foi indubitavelmente o radialista e jornalista dr. Carlos Said, o **Magro de Aço** [grifo do autor] como o chamam seus admiradores. Fez escola, e vários de seus discípulos enchem hoje páginas de jornais com brilho, seriedade e elegância.⁹⁸

Comentarista esportivo e mentor das principais crônicas esportivas do rádio, Carlos Said conhecia a realidade dos times de futebol do Piauí, pois foi jogador do River Atlético Clube na década de 1950, fez parte do Conselho Regional de Desportos em 1954⁹⁹ e, em especial, sabia da importância do rádio para ajudar os clubes de futebol piauienses a conseguirem patrocinadores e a serem legitimados socialmente, quebrando a carga de preconceito com relação ao jogador de futebol e, também, com relação aos comentaristas e narradores de futebol.

Até os anos 1960, a equipe esportiva da RDT, foi a responsável pela transmissão do Campeonato Piauiense de Futebol. Dentre as transmissões esportivas externas feitas pela equipe esportiva da Difusora de Teresina, a disputa ferrenha entre River Atlético Clube e Esporte Clube Flamengo do Piauí se constituiu num clássico do futebol piauiense – o Rivengo¹⁰⁰ – que reunia as duas equipes com maior número de títulos estaduais.

Esportes? Só na Difusora!

DOMINGO – Estará em ação a melhor equipe esportiva de 1960, transmitindo lance por lance, detalhe por detalhe, o sensacional clássico River X Piauí pelo certame teresinense de futebol (1960).

Transmissão dupla a cargo de Carlos Said e Dennis Clarck. Comentários imparciais de J. Vieira. Reportagem de Raimundo Lima. Plantão esportivo a cargo de Bem-Hur Martins.

DIFUSORA – A EMISSORA “ASSOCIADA DAS GRANDES INICIATIVAS”.¹⁰¹

Em 1961, a “Associada” perde o título de campeã em transmissão esportiva, com a saída dos principais radialistas do Departamento de Esporte da emissora: Pedro Mendes Ribeiro (ainda em 1960), J. Vieira, Carlos Said e Dennis Clack. No jornal escrito *Folha da Manhã*, de Teresina, é noticiada a saída dos locutores esportivos em função das péssimas condições técnicas e da falta de assistência que a emissora dava à sua equipe esportiva, cujos integrantes passaram a trabalhar na emissora concorrente, a Rádio Clube de Teresina¹⁰².

⁹⁸ PINHEIRO FILHO, C. Op. cit., p.71.

⁹⁹ CONSELHO Regional de Desportos. *Jornal do Comércio*. Teresina, ano V, n. 282, 15 ago. 1954, p. 5.

¹⁰⁰ A expressão “Rivengo” surgiu com o jornalista Arimatéia Moreira, em 1968. (Cf. SEVERINO FILHO. *Rivengo: o clássico do século*. Teresina: Halley, 2001).

¹⁰¹ ESPORTES? Só na Difusora. *Folha da Manhã*. Teresina, ano IV, n. 907, 17 fev 1961, p. 4.

¹⁰² Na década de 1960, a Rádio Clube de Teresina levou ao ar um dos programas de esportes mais conhecidos da cidade de Teresina, denominado “Um Prego na Chuteira”. Apresentado por Deusdeth Nunes, o *Garrincha*, criou

[...]

J. VIEIRA NA RÁDIO CLUBE

Já está fazendo parte do Departamento Esportivo da Rádio Clube de Teresina o comentarista J. Vieira, ex-integrante do “cast” da Difusora. J. Vieira vem recebendo diversos telefonemas, parabenizando-o por ter passado a integrar a melhor equipe esportiva do Estado, comandado por Pedro Ribeiro.

C. SAID SAIU DE VEZ

Parece ter chegado a seu final a novela Carlos Said – Rádio Difusora. O Said resolveu mesmo abandonar a “associada” de uma vez por todas. Com a saída de C. Said, liquidou-se o Departamento Esportivo da Difusora. Quem duvidar de nossa afirmação, é só ouvir as resenhas esportivas (13:15 e 18:15 hs). São de amargar.¹⁰³

Mesmo com o rótulo de “Associada”, a RDT sobreviveu meio às dificuldades técnicas e financeiras e conseguiu montar uma grade de programação que, de certa forma, agradou diferentes ouvintes do Piauí. No tocante à programação esportiva, a RDT teve certa importância para o desenvolvimento do esporte no Piauí e para mudanças comportamentais do cotidiano teresinense, contribuindo para novos hábitos, sociabilidade e novas práticas socioculturais. Através da transmissão esportiva, a RDT chamava o ouvinte para junto do aparelho receptor, ao mesmo tempo em que convidava o torcedor para ir ao estádio prestigiar a partida de futebol e os clubes esportivos.



Fotografia 09: Amistoso entre as equipes do River de Teresina e do Botafogo do Rio de Janeiro, no Estádio Lindolfo Monteiro, em 1957. A miss Piauí Teresinha Alcântara deu início à partida com o primeiro chute na bola.

Fonte: *Teresina: 1852 – 2002*. Teresina: Halley, jan. 2002, p. 29.

grandes figuras do rádio através de personagens, como: “Maria do Buchão”, representava uma torcedora do River; “Pé de Chinelo”, um torcedor do flamengo; “Piauilino”, torcedor do Piauí Futebol Clube, “Zé Chinelo”, torcedor do Tiradentes e “Prego José”, um colunista social. (Cf. ANDRADE, José Maria. *Pelas ondas da Rádio Pioneira de Teresina: história, sociedade e cultura em sintonia*. Teresina, 2005. Monografia (Licenciatura Plena em História) – UFPI, 90f., p. 40).

¹⁰³ COLUNA do Rádio. *Folha da Manhã*. Teresina, ano V, n. 1135, 8 dez. 1961, p. 6.

O futebol e o rádio interferiram, significativamente, no dia-a-dia do piauiense, assim como, sub-repticiamente, contribuiu para diminuir o grau de preconceito em relação a negros e mulatos, que se tornaram os novos ídolos do futebol brasileiro, através do reconhecimento popular e do prestígio social. É sabido que existe uma discussão na historiografia e nas ciências sociais sobre as origens do futebol brasileiro, bem como discussões acerca do preconceito racial em torno dos jogadores negros e mulatos. Porém, o futebol foi trabalhado neste tópico como uma nova modalidade esportiva, que ganhou espaço na programação radiofônica e, com isso, contribuiu para a construção dos astros do futebol e para a profissionalização dos desportistas, de tal maneira que alguns alcançaram sucesso nacional e internacional.

O rádio em Teresina, no caso a Rádio Difusora, teve grande relevância na formação e orientação da opinião pública, no sentido de modelar o comportamento político, econômico e cultural, principalmente durante a década de 1950, quando imperou sozinha como meio de comunicação local. Os “impactos” promovidos com a entrada do rádio como mais uma ferramenta de lazer podem ser identificados, a partir da remodelização dos comportamentos sociais. O passeio público, as conversas entre as pessoas passaram a ser orientada não apenas pela vida real, mas pelas cenas transmitidas pelo rádio. Da mesma forma, o “horário sagrado” imposto por determinados programas também contribuiu para algumas alterações no espaço público e privado no cotidiano na cidade de Teresina.

Nesta perspectiva, a inauguração da RDT, no final dos anos 1940, significou mais que um empreendimento de progresso para a cidade de Teresina, disponibilizando novos fios para que as pessoas tramassem seu cotidiano. O *ventríloquo* chamava os ouvintes para perto do aparelho receptor, no aconchego do lar, para dali viajarem pelo mundo da fantasia dramatizada das radionovelas, se “sensibilizarem” com o drama da vida real através do *Grande Jornal Q-3*, e aquecerem seus corações de fãs com a vinda dos astros do rádio nacional e a cada anúncio de um gol. A RDT colocou em cena novas formas de viver, ao promover a estetização do cotidiano, e trazer à baila a contradição do próprio veículo de comunicação no que tange ao espaço público e ao privado, pois, na medida em que seduzia os ouvintes para ficarem em casa ao pé do rádio, atraía homens e mulheres para o exercício de uma nova atividade profissional. Trabalhar no rádio era visto pela sociedade normatizadora, da época, como uma “ameaça” aos papéis tradicionais femininos e masculinos e à conduta moral e cristã daqueles que escolhiam essa atividade como profissão, como veremos a seguir.

2 A “radiodite” atraiu homens e mulheres



Fotografia 10: Profissionais da Rádio Difusora de Teresina da década de 1960.
Fonte: Cadernos de Teresina. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, ano XIV, n. 34, nov. 2002.

“As lembranças nunca são falsas ou verdadeiras, elas simplesmente contam o passado através dos olhos daquele que o vivenciou”. (Renato Ortiz)

A atividade radiofônica serviu de projeção política, econômica, social e artística para aquelas pessoas que souberam usar o instrumento de comunicação, atuando de diversas formas e em diferentes posições. Mesmo sendo uma ferramenta cotidiana de lazer que criava mitos, astros e estrelas da produção artística, não só em termos musicais, como também no seu conjunto de radialistas, por trás de uma aparência de sucesso e de fama o trabalho no rádio, sofria certas restrições sociais, havia um certo *preconceito* contra homens e mulheres que haviam escolhido o rádio como profissão:

[...] o rádio despertou sentimento que variavam do fascínio à rejeição. O universo radiofônico estava impregnado de todo tipo de estereótipo: Era o lugar da fama e da ascensão social, e ao mesmo tempo o ambiente da marginalidade e dos marginais, proibido às pessoas de “boa família”.¹

Em 1948, ano em que é instalada a Rádio Difusora de Teresina, chegava à cidade não apenas uma estação de rádio, símbolo da modernização, mas também a oportunidade para homens e mulheres que esperavam ansiosamente ingressar na vida radiofônica, quer como locutor (a), quer como cantor (a) ou ator ou atriz. O desejo de virar uma estrela do rádio se tornava possível através da RDT, ainda que atingisse uma repercussão apenas local.

A RDT se transformou na “radiodite”² de Teresina, nos anos 1950, polemizando os recintos familiares, na medida em que, um filho optava por ingressar na vida radiofônica, uma atividade considerada cheia de vícios e sem compromisso com os papéis masculinos e femininos tradicionalmente determinados. Incomodados com as novas possibilidades de papéis que poderiam, ou não, exercer aqueles que participavam da atividade artística, alguns segmentos da sociedade teresinense se colocaram contra à paixão radiofônica.

Na Rádio Difusora de Teresina, homens e mulheres dividiam o mesmo espaço, atuando em “quaisquer” atividades da programação, sem distinção das tarefas por sexo, o que propiciava uma certa “igualdade” e um deslocamento de fronteira de gênero³, assim como

¹ CALABRE, Lia. *A era do rádio*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar., 2004, p. 25.

² O rádio, na década de 1950, foi visto como um fanatismo, configurando-se numa “doença” contemporânea denominada pelo pensamento católico de “radiodite”, por irradiar programas que, segundo a ideologia cristã, levavam maus costumes ao povo: “É uma doença nova, moderníssima – elegante e terrível. A mania do rádio, a paixão radiofônica. Como se diz peritonite, meningite, laringite, podemos muito bem classificar a mania, a enfermidade da época – radiodite aguda. A indústria é mesmo aguda e terrível. A invenção de Marconi, é verdadeiramente assombrosa. [...]”. (BRANDÃO, Mons. Ascânio. Radiodite aguda. *O Dominical*, Teresina, ano XX, n. 70, 15 jan. 1956, p. 1).

³ “[...] Uma compreensão mais ampla de gênero exige que pensemos não somente que os sujeitos se fazem homem e mulher num processo continuado, dinâmico (portanto não dado e acabado no momento do nascimento, mas sim construído através de práticas sociais masculinizantes e feminizantes, em consonância com as diversas concepções de cada sociedade): como também nos leva a pensar que gênero é mais do que uma identidade

possibilitava um certo desvio dos modelos masculinos e femininos preconizados pela sociedade normatizadora e cristã.

2.1 Homens no rádio e vizinhos da boêmia

As fontes pesquisadas - jornais escritos e entrevistas - deixaram evidente que trabalhar no rádio em Teresina nos anos 1950 e 60, além de ser uma profissão com baixos rendimentos do ponto de vista salarial, por estar ligada ao caráter artístico, não era benquista por alguns setores da sociedade, que não via com *bons olhos* aqueles que se interessaram em trabalhar no rádio. Assim, dependendo do setor e da atividade radiofônica na qual ingressavam, alguns radialistas da RDT tiveram que enfrentar preconceitos.

Para o historiador Nelson Werneck Sodré⁴, a carga pejorativa que envolvia as pessoas ligadas a atividades artísticas, era decorrente de uma mentalidade ligada à cultura oficial e dominante que não via tais atividades como um meio para a profissionalização, mas um mero divertimento, uma atividade de adorno. Essa concepção começa a mudar após a Revolução de 1930, quando as atividades ligadas ao meio artístico vão se profissionalizando e alguns artistas começam a atingir *status* social e os produtos culturais começaram a se tornar mercadorias. Os artistas do rádio, portanto, estavam incluídos nesse contexto socialmente desqualificador.

A atividade profissional é um dos meios que ajudam a reprodução social, por isso, homens e mulheres deveriam seguir as normas estabelecidas socialmente, reproduzindo papéis tradicionais feminino e masculino ditados histórica e culturalmente. Aos homens caberia seguir os papéis destinados a eles, tais como: o de intelectual, político, marido e provedor e, de preferência, escolhendo um ofício que proporcionasse ao indivíduo *status* e legitimação por parte da sociedade normatizadora.

Aliada aos problemas de reconhecimento social da profissão radiofônica estava a preocupação, no seio familiar, de que a convivência dos homens e mulheres de família com o meio artístico pudesse desviá-los dos valores sociais dominantes e da boa conduta moral. Em Teresina, assim como em outras cidades do Brasil, existia um preconceito social muito grande

aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais”. (In: LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995, p. 103).

⁴ SODRÉ, Nelson Werneck. *Síntese de história da cultura brasileira*. 7 ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

em relação aos homens e mulheres que trabalharam no rádio na década de 1950. Eram, respectivamente, os “vagabundos” e as “meretrizes”. Alguns radialistas da RDT eram “repudiados” ou tratados com desprezo pelas famílias conservadoras que não aceitavam que seus filhos ingressassem no meio artístico. A profissão de radialista, identificada com a boêmia, possibilitava a recriação do cotidiano de seus seguidores, que passaram a exercer determinadas práticas sociais não aceitas pela cultura oficial e dominante.⁵

O setor artístico da RDT nos anos 1950, portanto, passou por algumas dificuldades para ser montado e legitimado socialmente. Em uma edição do jornal *Folha da Manhã* são apontadas algumas dessas dificuldades de conseguir pessoas para fazerem parte do *broadcast* da RDT. No ano de 1954, a RDT teve problemas para formar um grupo de atores em virtude do preconceito social erigido em relação às pessoas que trabalhavam no rádio, e, sobretudo, daqueles que participavam de programas artísticos, uma idéia corrente na época era a de que “[...] o mundo artístico é repleto de surpresas e atitudes totalmente inesperadas [...]”.⁶

Foi precisamente, pelo ano de 1954, quando eu dirigia a Rádio Difusora de Teresina que me apareceu o Trindade Júnior. Estava em organização o Rádio Teatro da Emissora e a procura de valores era intensa pois não se acreditava possível produção de programas com a participação de rádio teatro que os escrúpulos afastavam da lida radiofônica moças e rapazes da sociedade. Mas com perseverança fomos vencendo o preconceito e logo depois reuníamos um grupo de jovens, idealistas, talentosos e de bom pedigree. Recomendando alguns nomes: Madeirinha, Aurora Wanderley, Trindade Júnior, Itamir do Carmo, Edson Barbosa, Ferdinand Silveira e outros.⁷

Um dos motivos pelo qual “[...] os escrúpulos afastavam da lida radiofônica moças e rapazes [...]”⁸, refere-se à ligação que a atividade radiofônica tinha com a boêmia. Segundo José Eduardo Pereira⁹ havia uma crença de que a prática da vida noturna induzia a uma vida de “bebedeiras”, a “fazer noitadas”, e serenatas ao luar etc. Para os mais conservadores, a vida boêmia fazia com que os homens se entregassem a comportamentos “cheios de vícios” e divertimentos ditos “mundanos”, como, por exemplo, a frequência a “casas noturnas”. Na Teresina dos anos 1950, a “Zona da Paissandu” se tornou um dos pontos de reunião, onde

⁵ Cf. LENHARO, Alcir. *Cantores do rádio – A trajetória de Nora Ney e Jorge Goulart e o meio artístico de seu tempo*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1995, p. 25.

⁶ TAVARES, Reynaldo C. *História que o rádio não contou: do galena ao digital, desvendando a radiodifusão no Brasil e no mundo*. 2 ed. São Paulo: Harbra, 1999, p. 243.

⁷ ENLUTADA a imprensa piauiense com o prematuro falecimento do jornalista Trindade Júnior. *Folha da Manhã*. Teresina, ano V, n. 1187, 18 fev. 1962, p. 1.

⁸ Id. *ibidem*.

⁹ PEREIRA, José Eduardo. *Depoimento concedido ao Núcleo de História Oral da Fundação CEPRO*. Teresina (PI), 22 de junho de 1990.

“muitos moços e homens de família influentes eram presenças cativas em que os pecados contra a moral e os *bons costumes* [grifo do autor] eram cometidos”.¹⁰

Deusdeth Nunes, *O Garrincha*, expressou numa crônica as opções que tinha ao boêmio na primeira metade do século XX em Teresina, e através dela ressalta a coexistência desses dois mundos, o tradicional e o moderno, colocados, respectivamente, como sinônimos de cristão e profano pela igreja católica.

ASSIM SE PASSARAM DEZ ANOS (OU MAIS)

[...]

Hoje o boêmio sem destino,

Lembra a Carnaúba do Argentino.

E o cinema do Alfredo Ferreira?

Legítimo caubói, o mais autêntico poeira

Ah, naqueles tempos a zona era a Paissandu

Boates Fascinação, Estrela do Godô

Raparigas vindas do Maranhão

15 anos em Flor.

Ah, naquele tempo tinha fuxico e não fofoca

As noitadas de farra eram no Cabaré da Maroca

Tinha o falso moralista, enganava a família

E se escapulia na noite, numa boate Brasília.

[...].¹¹

As “casas de perdição”¹² faziam parte do cotidiano de divertimentos noturnos dos radialistas. Segundo José Eduardo Pereira e Antônio Barbosa de Miranda, freqüentar esses ambientes noturnos era visto como práticas marginais, o que ajudava a criar os estereótipos e levantar preconceitos em relação aos homens que trabalharam na RDT. A igreja católica censurava moralmente e condenava o apego às seduções do mundo moderno, na tentativa de frear as práticas desviantes dos modelos masculinos tradicionais.

Devido ao parentesco entre o rádio e a vida boêmia, as famílias mais conservadoras não concordavam que seus filhos fossem trabalhar na RDT. Em decorrência dessa posição normatizadora, alguns radialistas tiveram que adotar pseudônimos para que o nome da família não fosse colocado em público. Embora no meio artístico seja corriqueira a adoção de pseudônimos para brilharem no mundo da fama, em Teresina, observou-se que

¹⁰ PEREIRA, Luciana de Lima. *O discurso da Igreja Católica de Teresina e a formação do ideário cristão através de “O Dominical”*. Teresina, 2005. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal do Piauí, 100f., p. 73.

¹¹ SANTOS, Deusdeth Nunes dos. *Rádio calçada*. Teresina: Editora Júnior, 1995, p. 13.

¹² Essa denominação era expressa pelo discurso católico que consideravam os “prostíbulos” como um ambiente no qual a “[...] juventude pervertida [freqüentava, e], inimiga da verdade, da moral e do bem [...]”. (In: MR. JOSEPH. As lições do centenário. *O Dominical*. Teresina, ano XVI, n. 40, 31 ago. 1952, p. 3).

também foi usado como tática e como um escudo para que a verdadeira identidade do radialista, e, conseqüentemente, o “nome da família”, fosse escamoteado.

Entrou na rádio em 1948, na Rádio Difusora de Teresina onde ainda se encontra. Seus pais não gostaram da idéia de seu filho tornar-se um radialista, tanto que José Feitosa Pires se escondeu atrás do pseudônimo que surgiu por acaso, e “colocou” de tal maneira que poucos sabem o seu verdadeiro nome. Só se ouve falar em Dennis Clark.¹³

José Feitosa Pires¹⁴ foi radialista da RDT e ficou conhecido popularmente através de seus programas e atuação na rádio como *Dennis Clark*. Destacou-se como um dos principais funcionários, ocupando diversos cargos, desde os programas de caráter informativo, aos programas esportivos, atuando como comentarista e locutor, como redator de jornais falados, até aos programas de entretenimento e de cunho artístico, tais como as radionovelas, seja na produção de dramaturgia para a RDT, seja atuando como rádio-ator.

Do ponto de vista do capital simbólico, Dennis Clark não só assume uma nova identidade, como também passa a se distinguir dos demais profissionais. Cantores, atores, apresentadores de programas e radialistas assumiam um nome estrangeiro que lhe conferisse *glamour*, sobretudo, num período em que se valorizava significativamente o nome estrangeiro, via cinema. O pseudônimo *Dennis Clark*, portanto, mais do que esconder e preservar a “linhagem familiar”, lhe conferia uma certa distinção para que atingisse determinados níveis de audiência e aceitação popular. Ou seja, uma estratégia em função de construir para si um capital simbólico, para se distinguir e ser aceito e legitimado pela sociedade teresinense dos anos 1950, sobretudo, num período em que o *status* de “*speaker* de rádio” fascinava não só os ouvintes, como também os jovens que viam a RDT como uma porta de entrada para exercer um posto tão desejado.

Optar por trabalhar no rádio significava vivenciar momentos de tensões e de “levezas”, dado o contexto ambíguo que viviam as pessoas que trabalhavam no meio artístico do rádio. Ao mesmo tempo em que eram desqualificados como “boêmios” e “vagabundos” pelos mais conservadores, eram tratados como “astros e as estrelas” do rádio de Teresina, de

¹³ COLUNA do rádio apresenta hoje Dennis Clark. *Folha da Manhã*. Teresina, ano V, n. 1115, 12 nov. 1961, p. 12.

¹⁴ José Feitosa Pires, nasceu em 20 de novembro de 1930, e ingressou na RDT em 1948. Conhecido popularmente como Dennis Clarck, revelou-se como um dos melhores radialistas da emissora, apresentando programas de grande sucesso local, tais como: o programa “Mesa de Debates”, no qual colocava em pauta assuntos de interesses coletivo; o programa “Teatro em Miniatura”, de caráter humorístico e satírico com assuntos locais; apresentou durante algum tempo as notícias do “Grande Jornal Q-3”; desenvolveu e produziu rádio-novelas e rádio-teatros, revelando grandes atores da sociedade local. Dennis Clarck pediu demissão em 1961.

acordo com o sucesso alcançado através de seus programas, da música ou do rádio-teatro. Era uma via de mão dupla. Ouvir um cantor de rádio através do aparelho receptor e consumir seus produtos, era diferente de ter um filho cantor, afirma Alcir Lenharo, ao tratar da trajetória artística de Jorge Goulart:

Do lado da família, o garoto não podia esperar a sua vontade de ser cantor. Queriam outra coisa do menino, que um dia deveria se tornar doutor e ajudar a levantar o bom nome da família. [...] Se quisesse ser cantor, que o fosse de música clássica. [...] Nem mesmo o pai, jornalista e boêmio, gostaria que o filho se tornasse cantor popular [...].¹⁵

No tocante aos conjuntos musicais que temperavam a programação da RDT animando os programas de auditórios dos anos 1950, era significativo o grau de preconceito dirigido às pessoas que atuavam no rádio. Por um lado, a atividade de músico não era reconhecida como uma profissão de *status*, como, por exemplo, a de advogado e a de médico, assim como era vista como “desclassificadora”, já que os músicos não tinham um salário fixo, ganhando cachês por cada apresentação na rádio. Ainda, a condição de amador e autodidata, reforçava a idéia de uma ocupação que não dava *status* social.

De acordo com Antônio Barbosa de Miranda¹⁶, havia uma certa discriminação em torno daqueles que tocavam determinados instrumentos musicais, como o violão, qualificando o exercício de músico como uma atividade marginal. Segundo Nicolau Sevcenko¹⁷, o fato de o violão ser visto como um instrumento marginal era decorrente da mentalidade remanescente de um período da história brasileira, em que se encontrava em vigor o ideário civilizatório. Na primeira república do Rio de Janeiro, as tensões sociais e culturais eram acentuadas com o processo de transformação do espaço público que visava modelar novos hábitos e costumes na sociedade carioca, para manter a cidade dentro dos parâmetros civilizado. Para tanto, condenava hábitos e costumes associados às sociedades tradicionais e à cultura popular, principalmente, aqueles que destoavam do projeto civilizatório que era almejado, como é o caso da serenata e da boêmia.

¹⁵ LENHARO, A. Op. cit., p.43.

¹⁶ Antônio Barbosa de Miranda nasceu em 13 de dezembro de 1919 em Teresina, e ficou conhecido como *Totó Barbosa* em decorrência da campanha eleitoral no final dos anos 1950. Na Rádio Difusora de Teresina, fez parte do *Cast Q-3* atuando como cantor em programas de auditório e shows promovidos pela emissora. Totó Barbosa também exerceu outras profissões, como a de fotógrafo, alfaiate e músico.

¹⁷ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 45. Ver também: BARRETO, Lima. Eis a lição do violão. In: _____. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. 16 ed. São Paulo: Ática, 1997, p. 19-21.



Fotografia 11: Antônio Barbosa de Miranda apresentando-se acompanhado do conjunto Regional Q-3, da Rádio Difusora de Teresina, nos anos 1950.

Fonte: *Cadernos de Teresina*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, ano VIII, n. 17, ago. 1994.

Totó Barbosa, destaca que, por associar o violão às serestas e às modinhas, dedilhar suas cordas era um sinal de que o jovem poderia se desviar dos alicerces conservadores desejado pela família e de que deixaria de seguir os preceitos sociais estabelecidos pela *finesse* da sociedade local, passando a levar uma vida desregrada. Tocar violão era um dos caminhos para que o filho entrasse na vida boêmia, podendo ser identificado como “cachaceiro” e “vagabundo”. Ser músico era uma atividade cheia de temores e resistências, pois ser boêmio era sinônimo de “rejeição ao mundo do trabalho e da disciplina, sendo identificada com o ócio e o não-trabalho. Mais do que a construção idealizada do boêmio que se encontrava desvinculado de todas as normas familiares, do trabalho, das obrigações sociais [...]”.¹⁸ A vivência de Totó Barbosa como músico constata isso:

[...] Você sabe que muitos não gostavam de violão. [...] Dentro da igreja não tinha violão não. Hoje você vê violão dentro da igreja. Não gostavam disso não. Era um negócio de boêmio, né. A gente pra tocar um violãozinho precisava de permissão. Hoje estão chamando a gente para um [...]. Onde

¹⁸ MATOS, Maria Izilda S. de. *Melodia e sintonia em Lupcínio Rodrigues: o feminino e o masculino e suas relações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996, p. 31.

não tem um violão numa mesa do ponto quente do cinco estrelas, não está bom. Violão, violão ali, tocando num violão, uma pessoa tocando. Hoje é o chique! Mas não tinha isso. [...] Até para namorar, a mulher: “Ei bicho, toca violão? Vixi!”. *É um vagabundo, um cachaceiro* [grifo nosso], né, naquela época.¹⁹

Havia uma certa reserva em torno do instrumento violão, a qual Totó Barbosa atribui ao fato de que tocá-lo não era reconhecido como arte, ou como um instrumento que revelava um requinte familiar, como por exemplo, o piano. Ainda, devido ao fato de o violão ser um instrumento de madeira, que podia ser levado para a rua, era identificado como um instrumento próprio para boêmios, o que o aproximava ainda mais da atividade dita marginal. A ligação entre o violão, a noite e a seresta, contribuía para a idéia de que os “jovens ‘têm o destino da lua para todos que andam na rua’”.²⁰ No entanto, se tocar piano revelava o grau de “alta cultura” e valor social da família, especialmente da elite; tocar violão era totalmente o avesso.

[...] Ninguém gostava do filho pegar no instrumento, ninguém gostava. Ninguém gostava do filho pegar em violão. Isso principalmente em violão, porque piano a gente não leva pra rua, né? Não pode! Ninguém pode fazer serenata com piano, só se for em cima de um caminhão.²¹

O cantor Totó Barbosa foi um dos personagens da história da RDT, que vivenciou esse sentimento desclassificatório por parte de alguns segmentos da sociedade, os quais viam o artista como “[...] um indivíduo sem caráter, que não trabalha, que vive a cometer desajustes, ou mais comumente, é um vagabundo [...]”.²² O olhar estereotipado desconsiderava a idéia de que “[...] através da música, também se impõem valores aos homens, indivíduos que trabalham ou que estão aptos ao trabalho, e, logo, devem se submeter à disciplina do cotidiano de trabalho, de preferência sem contestação”.²³

Vivenciar o meio artístico através da RDT passou a ser visto como um dos motivos para que os homens se distanciassem do protótipo masculino desejado pela igreja católica e de seus papéis tradicionais socialmente estabelecidos. Isto é, “o homem deve-ser (sic!) trabalhador e provedor, enquanto o ‘não-deve-ser’ (sic!) masculino diz respeito ao vagabundo, ébrio, ‘perdido para o mundo’. A referência é o mundo do trabalho; logo, o

¹⁹ MIRANDA, Antônio Barbosa de. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina (PI), 12 de janeiro de 1991.

²⁰ MATOS, M. I. S., 1996, p. 10.

²¹ MIRANDA, A. B. de, 1991.

²² MATOS, M. I. S., 1996, p. 32.

²³ *Ibid.*, p. 148.

homem deve se trabalhador, ordeiro e bom pai de família”²⁴, o boêmio era visto como uma pessoa desvinculada dos valores fundantes da sociedade: o trabalho, o casamento, a família e as obrigações sociais.²⁵

Alguns segmentos da sociedade local envolvida pela “teia conservadora dos costumes”, conforme Alcir Lenharo, desconsideravam que se poderia dosar boêmia com trabalho profícuo. Qualificando-os como *desviantes* do protótipo masculino, desconsideravam que os profissionais do rádio trabalhavam muito para alcançar o estrelato e o reconhecimento social, bem como, para se manterem no lugar conquistado.

Na RDT, a maioria dos funcionários trabalhou diariamente para manter uma programação de qualidade no ar, mesmo com os poucos recursos técnicos que a emissora possuía. Os integrantes do *cast* Q-3 dos anos 1950 podem ser qualificados de acordo com a categoria de “homem deve-ser”, definida por Maria Izilda Matos, visto que exerciam, ao mesmo tempo, as atividades no rádio e outra ocupação, como a de advogado, funcionário público e da iniciativa privada, por exemplo.

Através das fontes pesquisadas, orais e escritas, pode-se apontar que, a boêmia vivida pelos profissionais da RDT era apenas como descontração e lazer, vivenciando a noite, a música, os cabarés, a bebida etc., mas sem fugir totalmente da disciplina do trabalho e dos papéis tradicionais destinados a eles socioculturalmente.

Ao redor das atividades radiofônicas estava o estigma de desviantes do protótipo de masculinidade. E, ao tempo em que desponta o papel de colunista social no rádio, se exercido por homens era visto com ojeriza e receio. Embora não se tenham dados que possam ser identificados diretamente na Rádio Difusora de Teresina, pode-se apontar o caso do radialista Josias Clarence Carneiro da Silva²⁶, que trabalhou na Rádio Clube de Teresina na década de 1960.

Primeiro colunista social do rádio no Piauí, Josias Clarence participou do setor radiofônico por seis anos, irradiando uma crônica social diária pela Rádio Clube de Teresina²⁷. No entanto, na entrevista concedida à Fundação Cepro em 1990, o cronista social relata que teve de deixar o trabalho na Rádio Clube de Teresina, em virtude da reação

²⁴ MATOS, M. I. S., 1996, p. 140.

²⁵ LENHARO, A. Op. cit., p. 25.

²⁶ Josias Clarence Carneiro da Silva nasceu em Floriano em 4 de maio de 1930. Formado em Ciências Jurídicas e Sociais, e em Filosofia com o curso duplo de História e Geografia. Ainda, tem cursos na área de Biologia, de artes, pós-graduação em Cultura e arte Barroca feita pela Universidade Federal de Ouro Preto. Começou a trabalhar inicialmente em revistas especializadas na academia, periódicos universitário, e daí passou a colaborar com jornais de circulação local: *O Estado*, *O Piauí*, *Do Piauí*, *O Dia*, sendo que nestes dois últimos jornais manteve uma coluna social e, nos anos 1960, passou a atuar na Rádio Clube de Teresina como cronista social.

²⁷ Cf. MATOS, J. Miguel. *Perfis*. Teresina: COMEPI, [19--], p. 188.

contrária de sua família. Os familiares acreditavam que exercendo este ofício, Josias Clarence poderia ser confundido com homossexual, por se tratar de uma atividade própria para mulheres, uma vez que este tipo de programa era reservado para tecer comentários sociais e políticos, destacar festas, personalidades etc., comumente vista como uma “coluna de fofocas”.

Fotografia 12: Josias Clarence Carneiro da Silva
In: MATOS, J. Miguel. *Perfis. Teresina: COMEPI, [19---]*.



[...] Eu tenho a impressão que foi em sessenta e quatro, aliás, uns sessenta e cinco ou sessenta e seis. Eu havia voltado do Recife, e tinha deixado de colaborar no jornal e na radiofonia, e que eram os dois meios mais importantes daquela época, em Teresina. Quando eu volto de um curso da SUDENE, então aquilo já não tinha mais um aspecto de lance, não tinha aquele valor, tanto pra mim. Particularmente, se tratava: “não quero mais ser cronista social”, mas era crônica social, e eu já não era queria mais. A família trazia uma imposição muito cerrada, muito forte contra isso, e depois eu já estava desencantado, não satisfazia a vontade. [...] O problema é o seguinte: *as pessoas que faziam teatro, que faziam crônica social, geralmente eram tidas como homossexuais* [grifo nosso]. Então, a família sempre guarda, embora a cidade fosse cheia de homossexuais importantes, mas a família sempre guarda aquele preconceito. A gente não fazia teatro, e haja vista que se pensava que aquele que fazia teatro, que até mesmo, às vezes, feminino, que você sabe que teatro Elisabetano não tinha figurantes masculinos, era o teatro que os homens faziam...²⁸

A participação de Josias Clarence como cronista social na Rádio Clube de Teresina e sua identificação como homossexual, sugere que, por exercer tal atividade, havia um deslocamento de fronteira de gênero, na medida em que era um exercício adequado para as mulheres e não para homens na época. Por outro lado, atuando como cronista social desconfigurava o modelo de masculinidade definido pela sociedade, ferindo sua imagem de virilidade.

Percebe-se, ainda, que há em torno dos papéis de masculinidade e feminilidade a construção do “conteúdo” (como o homem e a mulher deveriam se comportar) e a “margem” (aqueles que fogem dos papéis destinados socialmente). Assim, a partir do modelo padrão de masculinidade pré-estabelecido condenavam os desviantes, como os homossexuais, vistos como desertores da obrigação de ser pai, passando a ser um problema para a sociedade, na medida em que estavam fora do “conteúdo”, do padrão que se estava propondo como modelo masculino.

²⁸ SILVA, Josias Carneiro da. *Depoimento concedido ao Núcleo de História Oral da Fundação CEPRO. Teresina (PI), 09 de agosto de 1990.*

Distanciando-se do protótipo de masculino desejado, era preciso conter os ânimos dos radialistas e artistas da RDT que, como intermediários culturais, alteravam os padrões tradicionais de masculinidade e provocavam mudanças comportamentais, na medida em que, transmitiam novos estilos de vida. A igreja católica e as famílias conservadoras pretendiam conter os desatinos da mocidade desvairada, que com a chegada da RDT, passaram a ter com a rádio, novas possibilidades de diversão, de lazer e de carreira vinculada ao meio artístico, considerada socialmente desclassificatória.

Para tanto, moças e rapazes que ingressavam na vida radiofônica em Teresina nos anos 1950-60, tiveram que usar de estratégias para conseguir reconhecimento da sociedade local. A RDT, portanto, servia não para a construção de um capital simbólico para aqueles que pretendiam alcançar o mundo da fama, do estrelato e sair do anonimato. Mas também, diminuir o grau de preconceito que rondava os radialistas e artistas do rádio, para que fossem legitimados socialmente. Ingressar na RDT nos anos 1950, era lutar contra uma série de preconceitos que desqualificavam a profissão radiofônica, muito embora, a maioria dos funcionários da RDT naquele período, não fugissem necessariamente dos seus papéis tradicionais de pai, ordeiro e provedor do lar.

A grande provocação que a atividade radiofônica gerava, era a de propor novas bases para os modelos masculinos e femininos. Mesmo que inconscientemente, considerando que a maioria dos entrevistados afirmem que entraram no rádio devido à paixão radiofônica, mas homens e mulheres do rádio passam a modelar e propor um novo tipo de comportamento, contorcendo os protótipos de masculino e feminino desejado pelos princípios cristão e morais.

2.2 Mulheres no rádio: “antenas sensíveis do seu tempo”

Em meados do século XX, a coexistência de novos e velhos modelos de comportamentos provocava uma forte disputa. As novidades trazidas pelo mundo moderno através das revistas, do cinema, da chegada do avião, do jipe, do telefone, do rádio e, mais tarde, da televisão “revolucionavam” cada vez mais os comportamentos sociais estipulados pelos perfis tradicionais. No entanto, embora os ares da modernidade estivessem cada vez mais chegando à capital piauiense, se tomarmos o conceito de Marshal Berman sobre o que é *ser moderno*: “[...] encontra-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo

ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos”²⁹, nota-se que nem todos estavam preparados para embarcar na aventura da modernidade em Teresina nos anos 1950 e 60, sobretudo, em se tratando dos valores morais e cristãos.

Na Teresina dos anos 1950 e 60, as permanências e as modificações pelas quais passava, realçavam ainda mais os remanescentes costumes e valores do século XIX. A separação entre o público e o privado interferia diretamente na divisão dos papéis femininos e masculinos, que reservava aos homens o papel de pai, ordeiro e provedor da família, através do exercício de funções no espaço público; e às mulheres os afazeres domésticos, o matrimônio e a maternidade, ou seja, o lar como espaço de atuação.

Essa concepção começou a ter sinais de mudanças, a partir do processo de urbanização e industrialização das cidades brasileiras e, também, a partir da divulgação das idéias feministas que reivindicavam a emancipação da mulher através da extensão do sufrágio universal, as discussões em torno da lei do divórcio, e o acesso da mulher à vida política.

A configuração dessas mudanças comportamentais femininas, sobretudo, após a Revolução de 1930, chegou em Teresina através dos meios de comunicação, que, “além do milagre das notícias trazidas pelas ondas do rádio, passou a receber com mais regularidade, jornais, revistas e livros e passou a ter contato mais direto com as idéias que estavam transformando o mundo”.³⁰ No seio dessas transformações, algumas mulheres passaram a reivindicar a igualdade entre os sexos e o reconhecimento intelectual e, ainda, a questionar os papéis tradicionais impostos a ela: de mãe, esposa e rainha-do-lar.

Segundo Pedro Vilarinho Castelo Branco, na primeira metade do século XX, a vida feminina estava reservada aos espaços domésticos, sendo que o casamento seria a “atividade mais tenra (sic!) e invejável que a mulher poderia exercer”.³¹ Do mesmo modo, Nerina Castelo Branco e Herculano Moraes enfatizam que tal condição era decorrente do atraso político, econômico e sociocultural em que se encontrava a mulher na sociedade teresinense, de maneira que a expansão da universidade e a chegada dos meios de comunicação de massa foram fundamentais para o processo de revisão da condição feminina e do lugar que ocupavam socialmente:

Esse processo de conscientização tem amparo em três iniciativas consagradoras do progresso piauiense nos setores da cultura, educação e

²⁹ BERMAN, Marshal. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. [Trad. Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioratti]. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p. 15.

³⁰ CASTELO BRANCO, Nerina; MORAES, Herculano. Presença da mulher. In: SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de (Org.). *Piauí: Formação – Desenvolvimento – Perspectivas*. Teresina: Halley, 1995, p. 395.

³¹ CASTELO BRANCO, N.; MORAES, H. Op. cit., p. 285.

pesquisa: 1. A presença da Universidade abre horizontes mais amplos ao conhecimento da juventude e gera oportunidades a que homens e mulheres de todas as raças e origens se enriquecem pela troca de experiências e acesso comum aos bens culturais; 2. A janela aberta [do rádio e] da televisão, aqui instalada há vinte anos, nos põe em contato com os acontecimentos do mundo, notadamente com as idéias políticas e sociais do nosso tempo; 3. O esforço conjunto de historiadores/pesquisadores para que se resguarde a memória do povo piauiense, no que tem de mais expressivo e notável, inclui a perspectiva de estudos mais definitivos sobre a presença feminina no contexto de nossa história.³²

A partir de meados do século XX, as mulheres de Teresina passaram a participar cada vez mais do espaço público, não apenas através do lazer, como os passeios públicos e os bailes, mas, também, através do mercado de trabalho, como as atividades do setor têxtil e da educação primária. As mais ousadas rebelaram-se contra os paradigmas conservadores pré-estabelecidos pela conveniência social e passaram a exercer funções pouco comuns ao sexo feminino. Seja na literatura ou no teatro, seja no rádio, a mulher teve que bater de frente com preconceitos sociais e com modelos tradicionais de atuação feminina que impediam a sua participação fora do espaço doméstico.

A alteração dos papéis tradicionais atribuídos à mulher, a partir da sua ascensão à vida pública foi motivo para que a igreja católica condenasse moralmente aquelas que optavam por esse novo modelo feminino. Eram consideradas como *desviantes* do protótipo de mulher cristã, principalmente aquelas que pretendiam igualar-se aos homens, freqüentando lugares públicos e acompanhando a moda. Partindo desse contexto, a entrada de uma mulher na carreira radiofônica, significava a adoção do modelo feminino avesso àquele que conservava os valores morais da família e da Igreja. No rádio, as mulheres ocuparam funções também exercidas pelos homens e o espaço de atuação das cantoras do rádio era o espaço público.

Referindo-se à presença de mulheres nas emissoras de rádio do Brasil, no ano da fundação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro – PRA-2, 1923, a voz feminina já soava nos aparelhos receptores através de *Maria Beatriz Roquette-Pinto*, primeira locutora do rádio no Brasil, e na década de 1930, *Ivani Ribeiro* escrevia e apresentava um programa de rádio-teatro diário, denominado *Teatro Ivani*.³³

Embora as mulheres começassem a trilhar na vida radiofônica na década de 1920, Alcir Lenharo afirma que era comum na imprensa veicularem “[...] o suposto de que a

³² CASTELO BRANCO, N.; MORAES, H. Op. cit., p. 393.

³³ Ver: TAVARES, R. C. Op. cit., p. 109.

condição de artista seja incompatível com a de mãe e esposa [...]”³⁴, na tentativa de reafirmar os valores sociais normativos, de maneira que, apenas na década de 1940 e 50, é que começavam a se formar as estrelas da música popular e as “rainhas” do rádio nacional.

No tocante ao conjunto de cantoras da radiodifusão brasileira, destacaremos *Dilú Mello*³⁵, não apenas por ter se consagrado como um expoente da música popular brasileira como cantora e compositora, mas também por ter que se impor ao posicionamento contrário da família para seguir a carreira artística no rádio e no teatro. Dilú Melo começou na vida artística com a música clássica, porém ao ter um contato mais íntimo com a música popular, preferiu a segunda à primeira. Todavia, seu trabalho no rádio e seu envolvimento com o teatro também não agradaram a seus pais, embora o teatro durante as primeiras décadas do século XX, tivesse grande influência no Brasil e constituísse a forma de lazer por excelência no Sul, sobretudo, entre a elite.

Nas principais capitais brasileiras, notadamente no Rio e São Paulo, a maior diversão ficava por conta dos teatros. Existiam as companhias de ópera, de dança (a maioria vinda da Europa), o chamado teatro sério e ainda as popularíssimas revistas musicais, que chegavam a ter uma média de produção de cem exemplares por ano. Nesse *Teatro de Revistas* surgiram as figuras das vedetes que se por um lado eram cultuadas e ovacionadas, principalmente pelo público masculino, por outro despertavam a repulsa e o desprezo das classes sociais mais abastadas, aumentando com isso o preconceito já existente em torno do artista. O artista, portanto, não era bem-visto por uma sociedade que, paradoxalmente, exaltava o teatro.³⁶

Apesar das imposições estabelecidas pelo preconceito social contra o artista, Dilú Mello teve que lidar com a resistência da família que não queria ver a filha atuando como cantora de rádio. Assim, ingressa no mundo do rádio e, ao entrar na Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), “[...] sentiu-se em casa e dessa casa não mais se afastaria pelo resto de sua vida, embora para isso tivesse de enfrentar a oposição da família toda e especialmente do seu pai, pois não se viam com *bons olhos* sua carreira de cantora do rádio, muito menos

³⁴ LENHARO, A. Op. cit., p. 101.

³⁵ Dilú Mello, nasceu em Viana, no Maranhão, onde iniciou seus estudos em música clássica e com 10 anos de idade já fazia apresentações internacionais com seu violino. Aos vinte anos de idade Dilú Mello começa a se interessar pela música popular, tocando instrumentos como acordeom, violão, viola caipira, harpa paraguaia, etc. No final da década de 1930 vai para o Rio de Janeiro e estréia na Radio Cruzeiro do Sul. A partir de então, lança-se em várias rádios do Brasil e na Argentina. Considerada “folk-lorista” na época, viaja por todo o Brasil fazendo shows e divulgando suas músicas. Do sucesso adquirido gravou 12 discos compactos 78 rpm e 3 LPs, e ainda deixou 100 composições.

³⁶ RAPÔSO, Luiz Alexandre Brenha. *Dilú Mello: um expoente da música brasileira*. São Luis: [s.n.], 2001. p. 233.

veriam o seu envolvimento com o teatro”.³⁷ Como já foi apontado, ao lado de todo um mundo mágico de fama e popularidade, para trabalhar no rádio era preciso enfrentar uma rígida censura moral.

No Piauí, o ingresso das mulheres no rádio também não foi fácil. Por um lado, até o final dos anos 1950, o Piauí contava apenas com três emissoras de rádio: a Rádio Educadora de Parnaíba, a Rádio Difusora de Teresina e a Rádio Difusora de Floriano. E, por outro, pela objeção moral e cristã que desqualificava a mulher que entrava no rádio como desviante dos papéis tradicionais femininos, bem como pelo estereótipo que condenava como “meretrizes” as mulheres que frequentassem lugares públicos.

[...] Maria Irma foi a primeira locutora de radio do Estado do Piauí, Maria Irma. Inclusive isso despertou a atenção porque, assim como... Ela ingressou como locutora, bem jovem, uma mulher bonita, mas assim como era difícil o acesso pra se tornar uma cantora assim também era pra ingressar como locutora de rádio. A sociedade reprimia, a família, e, ela corajosamente lançou no rádio e se tornou famosa. Também como cantora e em pouco tempo devido à expressão da emissora, seu nome ficou conhecido além Piauí, né, além das divisas. E em pouco tempo ela foi trabalhar no Recife, e lá ela trabalhou tanto na Radio Jornal do Comércio como na Radio Clube de Pernambuco que eram as duas emissoras famosas aqui do Nordeste, Clube e Jornal.³⁸

Pioneira piauiense em radiofonia, a Educadora de Parnaíba no final dos anos 1930, levou pelas ondas eletromagnéticas a voz de *Maria Irma*, primeira locutora e cantora do rádio no Estado do Piauí. Desde então, os ouvintes piauienses passaram a desfrutar da “voz forte e firme” de Maria Irma, que se tornava a mais nova cantora do rádio.

MARIA IRMA DA FONSECA E SILVA (filha do Sr. E da Sr^a Eduardo Napoleão) apenas nasceu no Rio de Janeiro, na década de 1930. Mas veio garota para Parnaíba, aqui estudou, viveu sua infância e adolescência. [...] Adolescente, descobriu-se outro talento. A voz, não só de cantora, também de locutora. Voz forte, firme e segura, dicção perfeita, e a Rádio Educadora de Parnaíba, sempre na descoberta de novos valores a contratou. Cantora era Maria Irma. Locutora, Edna Maria, para separar as duas personalidades. O povo parnaibano tinha em Maria Irma um ídolo. Sua presença era marcante. Seus encantos a todos envolviam. Em todas as apresentações de artistas do Sul, circos bons e mesmo as culturais da cidade, Maria Irma era a primeira a cantar. Os artistas ficavam impressionados com a garota-estrela. [...] Bonita, elegante, graciosa, lábios sempre a sorrir, bem trajada, atualizada, roupas às vezes ousadas para a época. Maria Irma tinha em torno de si uma legião muito grande de amigos e admiradores. Todos, os homens

³⁷ RAPÔSO, L. A. B. Op. cit., p. 235.

³⁸ LOPES, Jaime Lins Solano. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento*. Parnaíba (PI), 05 de Fevereiro de 2003.

principalmente, queriam a sua amizade. E ela era a luz. ‘A todos encanta e não é de ninguém’. [...] A firma Moraes S.A., em homenagem ao seu talento, mandou confeccionar calendários grandes, com o seu retrato, para distribuir à sua vasta clientela espalhada em todo o Piauí, com os seguintes dizeres: “MARIA IRMA DA FONSECA, a estrelinha do Rádio Parnaíba”. Nelson Chaves chamavam-na “Estrelíssima”.³⁹



**Fotografia 13: Maria Irmã,
primeira cantora da Rádio
Educadora de Parnaíba.**

Acervo pessoal Francisco
Alcides do Nascimento

De fato, Maria Irma se destacava pelo posto ocupado na Rádio Educadora de Parnaíba. Provocando *frisson* aos ouvidos masculinos e admiração do público feminino, a chamada “Estrelíssima”, se tornou um modelo alternativo de feminilidade e uma possibilidade de carreira a ser seguido, abrindo espaço para que outras mulheres ingressassem na vida radiofônica local, tais como, *Edna Maria, Vilma Rocha, Maria do Rosário e Teresinha Rocha*.⁴⁰

Na RDT, as mulheres ocuparam diferentes cargos e atividades. Havia aquelas que se destacavam, publicamente, reproduzindo sua voz através das ondas do rádio e outras, que, nos bastidores, organizavam a programação e cuidavam do setor administrativo e financeiro da emissora. As radialistas e artistas que ingressaram na RDT, do lugar que passaram a ocupar, de intermediários culturais, as mulheres começaram a desempenhar novas funções no

³⁹NEVES, Berito. *Rádio Educadora de Parnaíba: 47 anos de pioneirismo*. Parnaíba: [s. n.], 1987, p. 25.

⁴⁰Trabalharam como locutoras e cantoras na Rádio Educadora de Parnaíba nas décadas de 1940-1950. Vilma Rocha e Maria do Rosário apresentaram um programa musical denominado *Hora da Saudade*, oferecendo aos ouvintes a seleção de músicas antigas de sucesso. Teresinha Rocha, foi uma das componentes do *cast* da Educadora de Parnaíba, apresentando-se também como cantora nos famosos programas de auditórios. (Cf. ELISIÁRIO, Francisco. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento*. Parnaíba (PI), 11 de fevereiro de 2003).

espaço público, que comprometiam os modelos femininos tradicionais de mãe, esposa e dondo-lar.

Maria Guadalupe Lima foi uma das primeiras locutoras da RDT. Na RDT exerceu diferentes cargos e funções, tais como, a de *speaker*, rádio-atriz e escreveu novelas e crônicas para a emissora. Apesar da posição de destaque que Maria Guadalupe assumiu na rádio, não foram encontradas, nas fontes escritas, mais informações sobre a radialista. Porém, alguns radialistas entrevistados contam sobre a sua atuação na emissora, e sua importância para o desenvolvimento da programação da RDT, nos anos 1950. José Eduardo Pereira, ao fazer referência a essa radialista e ao seu comportamento, a aponta como um modelo alternativo para a vida feminina:

[...] Quando eu [José Eduardo Pereira,] cheguei aqui era vereadora, vereadora da Câmara Municipal em Teresina. Advogada, uma mulher muito brilhante, poetiza, jornalista, é... brigadora, liberada, era desquitada e... e não tinha amarras, era palavra fácil, boa oradora, enfrentava esses coronéis da época, esses mandões de época com muita coragem, por isso que ela foi eleita, por que ela reagia, ela foi uma moça realmente brilhante. Ela passou então a vir freqüentar a Rádio Difusora [de Teresina] e terminou locutora, fazendo programa de rádio-teatro, e também escrevendo é... programas, montando programas que ela aprendeu rápido a técnica. Era excelente radialista. [...] Participou de programas femininos e era uma mulher danada.⁴¹

A fala de José Eduardo Pereira constrói uma identidade feminina que se diferencia da maioria das mulheres dos anos 1950, em Teresina. De acordo com Elisângela Cardoso, na segunda metade do século XX, em Teresina, “[...] investir numa carreira profissional era uma prática singular [...]”⁴², na medida em que o profissionalismo deixava de ser uma condição secundária no espaço a atuação feminina, e assumia lugar central, em detrimento da maternidade, a infância e domesticidade. Maria Guadalupe privilegiou o papel profissional, desviando-se daqueles papéis tradicionais vigentes na época, e propôs novos estilos de vida, ao vivenciar múltiplos papéis: desquitada, advogada, escritora, vereadora e radialista.

De fato, Maria Guadalupe conquistou espaço no rádio e na política e a sua atuação na RDT teve sua cota de participação para que a radialista chegasse ao posto de vereadora da câmara municipal de Teresina, sobretudo, num período em que a inserção da mulher no espaço público “incomodava” os valores conservadores e tradicionais. A RDT contribuiu para

⁴¹ PEREIRA, J. E. Op. cit.

⁴² CARDOSO, Elisângela Barbosa. *Múltiplas e singulares: história e memória de estudantes universitárias em Teresina (1930 – 1970)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2003, p. 216.

que Maria Guadalupe atuasse na esfera pública, através do rádio, e que, a partir dele também, alcançasse a carreira política.

Sabe-se que “[...] a fonte oral sugere mais do que afirma, caminha em curvas e desvios obrigando a uma interpretação sutil e rigorosa [...]”⁴³, no tocante à entrada de Maria Guadalupe na vida política como vereadora de Teresina, encontram-se vozes dissonantes, pois alguns radialistas⁴⁴ consideram que a sua entrada no exercício político esteve associada à sua ligação com a RDT em decurso da popularidade que adquiriu através de seus programas na época, uma vez que a RDT serviu de projeção política para alguns radialistas. Em contrapartida, José Eduardo Pereira enfatiza que a participação de Maria Guadalupe na vida política não teve tanta influência da rádio, pois depois de vereadora é que passou a trabalhar na emissora. Ou seja, a eleição de Maria Guadalupe para vereadora não teve nenhuma relação com a militância dela no rádio, mas,

[...] com a militância dela como mulher corajosa, é... desafiadora naquela época da... de certos hábitos, de certas... de certo... é... procedimentos políticos. Então ela se tornou defensora de uma série de pessoas que eram injustiçadas e tal. Muito corajosa, enfrentou nos tribunais a defesa dessas pessoas e aonde chegava com um, com dois, então ela conquista um bom público. Ela veio depois, já como vereadora que passou a freqüentar a Rádio Difusora de Teresina.⁴⁵

No entanto, esse “embate de memórias”, pode ser cruzado com o estudo de Nerina Castelo Branco, afirmando que “[...] até meados do século a participação da mulher na política se resumia à influência doméstica exercida sobre os maridos governantes [...]”⁴⁶, e que Maria Guadalupe através de seu espírito guerreiro e do carisma que adquiriu através da RDT é que conquistou espaço e votos, chegando à Câmara Municipal de Teresina, servindo também de exemplo para que outras mulheres rompessem os preconceitos, não só por ser mulher, mas também por ser de classe média, e conquistassem outros espaços além daqueles estabelecidos pelo papel tradicional de mulher:

A fundação da Rádio Difusora de Teresina, no entanto, revelou o carisma de uma mulher oriunda de classe média, filha do porteiro dos auditórios do Tribunal de Justiça, Maria Guadalupe Lima. Trabalhando ao lado das destacadas figuras de José Lopes dos Santos, Geraldo Fontenelle, Guarani,

⁴³ BOSI, E. 2003, p. 20.

⁴⁴ José Lopes dos Santos (2002), Dídimo de Castro (1991) e José Raimundo Teixeira (1990), por exemplo, apontam a entrada de Maria Guadalupe na vida política associada à sua ligação com a Rádio Difusora de Teresina.

⁴⁵ PEREIRA, J. E. Op. cit.

⁴⁶ CASTELO BRANCO, N.; MORAES, H. Op. cit., p. 399.

Dennis Clark, Clodoveu Filho, Guadalupe conquistou seus próprios espaços, superou seus limites e se tornou expressão de primeira grandeza no rádio e na política, chegando à Câmara Municipal de Teresina. Mais tarde, outras mulheres romperiam os preconceitos e passariam a representar o povo na Assembléia Legislativa e Câmaras Municipais. [...] Em Teresina, depois da experiência de Maria Guadalupe, por volta de 1950, só vinte anos depois uma mulher voltaria a representar o povo na Câmara Municipal. Trata-se de Irmani Veloso [...].⁴⁷

Maria Guadalupe exerceu o cargo de vereadora de Teresina por duas legislaturas: 1951 a 1954⁴⁸ e de 1955 a 1959⁴⁹ pelo Partido Social Progressista (PSP). Apesar das informações sobre Maria Guadalupe ser escassa, no que se refere à sua participação nas disputas políticas partidárias, ela teve papel destacado na campanha de Rocha Furtado para o governo do Estado, logo depois do Estado Novo. Naquele momento duas agremiações políticas se destacaram: UDN e PSD. Maria Guadalupe aproximou-se da UDN e subiu em caminhões para fazer comícios.

Os artistas de uma maneira geral e, em particular, as mulheres passaram a desenhar novas práticas, que provocaram uma revisão dos valores tradicionais e dos papéis a quais deveriam desempenhar.

As mudanças comportamentais da radialista corroboravam para que a igreja católica e as famílias mais conservadoras condenassem a entrada das mulheres na RDT, por temerem que elas desviassem de seus caminhos tradicionais e do perfil católico. Para tanto, a igreja católica, através do *O Dominical*, jornal escrito, de orientação católica, tentava frear práticas desviantes das mulheres reafirmando os valores sociais conservadores pretendendo, com isso, conter a entrada das “moças de família” num meio de comunicação, como o rádio em que...

[...] os artistas funcionam como antenas sensíveis do seu tempo, captam as ansiedades coletivas; através dele a sociedade se vê, se revê, se pensa. Basta historiar, nesse momento, a discussão sobre a crise do casamento como instituição, a possibilidade do divórcio, o destino dos filhos e, de uma maneira mais velada, o aborto [...].⁵⁰

Antenas sensíveis do seu tempo, o ingresso das mulheres na RDT era um sinal de desequilíbrio da ordem hierárquica vigente, pois a vida radiofônica, o seu envolvimento com

⁴⁷ CASTELO BRANCO, N.; MORAES, H. Op. cit., p. 399.

⁴⁸ Para as eleições de 1950, não foram fornecidos os dados pelo Tribunal Eleitoral do Piauí, e durante a pesquisa não foi encontrado o partido pelo qual Maria Guadalupe se elegeu.

⁴⁹ MORAES, Herculano. *Senadinho – Roteiro para a história da Câmara Municipal de Teresina*. Teresina: [s.n.], 2004, p. 36-37.

⁵⁰ LENHARO, A. Op. cit., p. 102.

o meio artístico e com o espaço público, ofereciam caminhos para que as mulheres se desvirtuassem do protótipo de “moças casadoiras” e se tornassem mulheres “mal faladas”, como ocorreu com a radialista *Sandra Maria*⁵¹, nos anos 1950, em Teresina. Vivenciar o mundo do rádio e o meio artístico estava sujeito a viver entre a “fama” e a “difamação”, no tocante aos estereótipos que envolviam os profissionais de rádio, como os de “vagabundos” e “meretrizes”.

Sobre a radialista *Sandra Maria* foi encontrado no jornal escrito *A Folha* a seguinte nota que trata do seu desempenho como locutora da RDT, sobressaindo-se como rádio-atriz durante as apresentações de radionovelas, com “[...] uma voz agradável e sabe sentir realmente o que os autores queriam dizer nas suas peças. Temos portanto um meio caminho andado no rádio-teatro da nossa terra com a atuação dessa bela jovem colaboradora de nossa rádio [...]”.⁵² Apesar do jornal ter feito elogios à radialista pela função ocupada e pelo bom trabalho que desenvolveu na RDT, ao destacar a presença de Sandra Maria como mais uma radialista que integrou o *cast Q-3*, é preciso trazer à cena uma “história que o rádio não contou”, mas que ficou, na história do rádio de Teresina, a carga de preconceito social à qual estavam submetidas as mulheres que escolhiam o rádio como profissão.

Durante a década de 1950, a RDT realizou no Clube dos Diários os concursos de Miss Piauí. Inicialmente, foram organizados por José Lopes dos Santos e, a partir de 1956, passou a ser promovido pelos Diários e Rádios Associados em todo o território nacional, de maneira que, neste ano, o concurso de Miss Piauí esteve vinculado ao de Miss Brasil. Para esses concursos era exigida uma inscrição prévia das candidatas, devendo atender a alguns requisitos, tais como, beleza, presença de espírito e nível intelectual.

Os mais conservadores da sociedade teresinense e a igreja católica olhavam com reservas para o concurso de beleza, por ele requisitar comportamentos mais ousados das moças, vestimentas mais decotadas, maquiagem para cobrir as imperfeições da pele e realçar a beleza, e, sobretudo, porque exigia que elas desfilassem de maiô. Além destes fatores que já serviam de motivos para que os concursos de misses não fossem considerados de *bom tom*, o concurso de 1956, coordenado pela RDT, não foi bem recebido por uma parcela da sociedade local por ter como participante a radialista Sandra Maria. Os motivos que levaram algumas pessoas a se rebelarem contra a candidatura da radialista ficaram por conta do seu

⁵¹ Denise Ribeiro Farias, nasceu em 26 de março de 1932, em Teresina. Seus primeiros anos de formação escolar foram feitos na rede escolar de Parnaíba (PI), quando retornou para Teresina, concluindo o antigo ginásio na Escola Demóstenes Avelino. Em 1950 foi convidada para atuar na Rádio Difusora de Teresina, de onde ficou conhecida por Sandra Maria trabalhando como locutora e no setor artístico como rádio-atriz.

⁵² O QUE vai pelo nosso rádio. *A Folha*. Teresina, ano I, n. 100, 08 abr. 1950, p. 4.

comportamento considerado fora do padrão das "moças de família" e distante dos valores morais exigidos pelos mais conservadores do concurso.



Fotografia 14: Denise Ribeiro Farias, candidata a Miss Piauí de 1956, pela Associação Atlética do Banco do Brasil e Comerciário Atlético Clube.

Fonte: JORNAL do Piauí, Teresina, ano V, n. 400, 17 maio 1956, p. 1.

Segundo José Eduardo Pereira, as práticas sociais e cotidianas da locutora se revelaram “avançadas” demais para a época e, por conta do seu comportamento, colocaram em xeque a sua condição de virgem:

Exatamente nesse concurso ou no seguinte, que a Sandra Maria que era locutora da Rádio Difusora de Teresina, é... participou do concurso. Tem um detalhe...a... falavam que ela não era mais virgem e tal, e queriam... é... rejeitar, dar um jeito de rejeitar a sua participação porque era uma “moça falada”. Aquela... aqueles preconceitos existiam na época. E ela solicitou uma junta médica para fazer o exame de virgindade. E comprovou, constatou que era virgem e, quer dizer, derrubou esse... esses boatos que surgiram porque ela era uma moça ligada a vida de rádio, locutora, moça muito, [...] naquela época, avançada por que fumava, por que saia só e conversava mais à vontade com as pessoas, com os homens e tal. Por isso ela era um tanto mal vista e houve quem pusesse em dúvida, naquela época, a sua condição de virgem, de moça idônea e tal.⁵³

⁵³ PEREIRA, J. E. Op. cit.

Entretanto, à época “[...] não era [apenas] a perda da virgindade que maculava a imagem de uma moça [...]”⁵⁴, mas suas práticas, seu comportamento social, e os lugares que freqüentava que colocava em descrédito a sua condição de virgem⁵⁵. A igreja católica condenava as mulheres que se afastavam dos modelos tradicionais e se deixavam levar pela sedução e pelos vícios modernos, como, por exemplo, fumar, freqüentar espaços públicos, e que queriam se igualar aos homens. As mulheres que se aproximavam destes comportamentos eram vistas como “mulheres moralmente decaídas” e de comportamento desviante. Devido ao envolvimento da radialista com o meio artístico e do comportamento “avançado demais” para a época, Sandra Maria foi considerada como um modelo de mulher avesso ao estabelecido pela Igreja e, por isso, sua presença no concurso poderia “difamar” o concurso de Miss Piauí.

Somente com o “ultimato” da junta médica do Clube dos Diários, Sandra Maria pôde participar do concurso de Miss Piauí de 1956, que teve como vencedora Teresinha Alcântara.

O concurso de Miss Piauí promovido pela RDT em 1956 ganhou destaque na imprensa escrita. Os jornais escritos que circularam em Teresina neste ano, *O Dia*, *Jornal do Piauí*, *Jornal do Comércio* e *O Dominical* acompanharam os movimentos do certame, e em suas edições podem-se verificar opiniões diversas, no que tange à vitória de Teresinha Alcântara. Enquanto o *Jornal do Comércio* e o *Jornal do Piauí* festejavam o título da representante da beleza feminina piauiense, na figura de Teresinha Alcântara, o jornal *O Dia* condenou publicamente uma parcela júri que retirou da radialista Denise Ribeiro Farias a faixa de miss Piauí de 1956.

Para determinados membros da coluna de notícias do jornal *O Dia*, a radialista sofrera um “golpe” por parte dos jurados que estavam a favor da Teresinha Alcântara, candidata apresentada pelo Diretório Acadêmico de Direito do Piauí e pelo Clube dos Diários, em detrimento da radialista, candidata pelo Clube dos Comerciários e apoiada pelo Banco do Brasil. No decurso de suas páginas os editores teceram críticas ao júri, conforme a citação a seguir:

Reunidos os políticos na Praça Rio Branco, domingo último comentavam o julgamento do júri que elegeu a miss Piauí.

⁵⁴ CARDOSO, E. B. Op. cit., p. 216.

⁵⁵ De acordo com Elisângela Cardoso, “[...] em Teresina, nesse período, a virgindade era tida como um valor fundamental. Por ser considerada um selo de garantia da honra e da pureza das mulheres, esperava-se a pureza virginal, tanto das moças casadouras, quanto das que ficassem solteiras, uma vez que a sexualidade feminina deveria ser vivenciada somente no âmbito conjugal. Enquanto que os rapazes poderiam ter experiências sexuais, sendo estas, inclusive, incentivadas, pois potência sexual era e é considerada uma das bases da masculinidade hegemônica”. (CARDOSO, E. B., Op. cit., p. 211).

Diz o Carrasco:

- Nunca vi tanta imoralidade em minha vida como a decisão desse júri. Imagine vocês que somente quatro componentes votaram de acordo com a consciência. Foram os seguintes: Dra. Alaíde Marques, Professora Vanda Corrêa Lima, professores Camilo Filho, Edimar Santana e o major Vidal. O resto já foi para lá mandando para eleger a Teresinha.

Diz o Alberoni:

- O diretor da rádio local ficou alheio a tudo, e tendo também recebido ordens do situacionismo tratou de “deixar como está pra ver como é que fica”. O Dr. Nodgi Nogueira, homem de atitude, quando conheceu a *manobra* tratou de dar o fora, a fim de não tomar parte da patifaria.

Diz A. Tito Filho:

- Não posso compreender como um júri de homens formados e pessoas de responsabilidade pôde fazer tamanho julgamento. A Teresinha é uma menina bonita, mas ainda é um broto de 17 anos, não tem traquejo social e sem qualquer interesse, ninguém pode negar que a Sandra está duas ou mais vezes acima da Teresinha. Traquejo social, beleza plástica e acima de tudo a cor que é uma maravilha.

Entra o turco Camal:

- Nunca vi tanta injustiça! Só mesmo neste infeliz Piauí pode acontecer o que vimos. O povo no Clube dos Diários já havia eleito a Sandra Miss Piauí, com aplauso retumbantes. O júri *impasse* [grifo do autor], composto de gente feia, inclusive umas duas velhocas horríveis, recalçadas não consentiu que fosse a Sandra a miss Piauí. Mas é isto mesmo, no Piauí, tudo é diferente.

Entra o Alberoni:

- É isto mesmo. O feio não pode julgar o belo, pois o recalque não permite e até impede fazê-lo. Há uma grande prevenção contra a Sandra por uma meia dúzia de recalçadas, ante a sua beleza. Daí que se aproveitaram desta oportunidade para uma vingança. Mas Sandra venceu, porque com ela ficou 90 por cento da população de Teresina. O júri foi de uma infâmia sem limite, e até os céus reclamaram por injustiça com um estrondoso trovão como se anunciasse já a trama da maioria do Júri. As mesmas que vivem como barata de igreja, hipocritamente a rezar para enganar a deus, lá no júri se transformaram em tiranas e negaram a mais bela o título que é seu e ninguém o pode tirar, pois esta é a vontade soberana do povo.

Entra o conde Rosmaninho:

- A Sandra está com o título de Miss Teresina, mas este título com a decisão injusta de um júri adredemente preparado, vale mais que o título de miss Piauí. Sandra é teresinense, nascida em Teresina e a miss de meia dúzia de recalçados que recebeu o título de miss Piauí não passa de uma miss maionese e teresinense nascida em Altos.

Finaliza o Alberoni:

- Aqui estamos, e como homens de imprensa, não podemos deixar de criticar os atos péssimos de quem quer que seja, pois nós destas colunas, nada mais fomos do que servos da vontade do povo.⁵⁶

A longa citação expressa o sentimento de um grupo de políticos e intelectuais da época que ficaram descontentes com o resultado do certame Miss Piauí, de 1956. E, embora ao longo do diálogo não tenham mencionado diretamente a “condição de virgindade” da

⁵⁶ MISS Maionese. Reportagem de K. W. *O Dia*. Teresina, ano V, n. 358, 24 maio 1956, p. 1.

radialista para participar do concurso, como apontou José Eduardo Pereira, fica evidente que a crítica veiculada pelo jornal *O Dia* referia-se a um grupo de pessoas de destaque da sociedade ainda muito presa aos costumes provincianos e princípios católicos. Reafirmando os recalques sociais, os mais conservadores concebiam o comportamento feminino de um modo diferenciado e, por isso, não aceitavam as práticas sociais da radialista consideradas “ousadas” para a época, e envolvidas pelas seduções de opções de lazer e prazer ligado ao mundo moderno e “profano”.



Fotografia 15: Teresinha Alcântara, eleita Miss Piauí de 1956.

Fonte: *Caderno de Teresina*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, ano XIV, n. 34, nov. 2002.

No entanto, o concurso de miss Piauí de 1956 promovido e divulgado pela RDT mexeu com o universo lúdico das moças teresinenses que pretendiam alcançar o título de miss, sobretudo, porque, a partir de 1956, as misses participariam do concurso de beleza a nível nacional e eram notícias nos jornais e rádios à época. Ser coroada simbolicamente com títulos de beleza passou a ser um dos objetivos das belas moças da capital, de maneira que, neste ano, 1956, várias escolas também começaram a realizar o certame entre as alunas. A imprensa escrita e falada, portanto, ajudou a criar novos eventos na cidade movimentando a participação das moças em eventos públicos e diminuindo os preconceitos envolvidos no concurso de beleza.

E, apesar de Sandra Maria ter sido vítima do preconceito social, por ser vista como uma “moça falada” e de comportamento desviante pelos mais conservadores, a comprovação médica apurada revelou que a radialista ainda conservava alguns dos valores da moral e cristã, como é o caso da preservação da virgindade até o casamento.

Os “concursos de beleza” em si foram condenados moralmente pela igreja católica, que, no decurso das publicações de *O Dominical*, não deixou de colocar sua nota de repúdio sobre os concursos de misses, por considerá-los como um meio de *mercantilização* das mulheres e uma desonra aos princípios cristãos e aos valores morais. Às vésperas do concurso de Miss Piauí de 1956, o jornal de orientação católica passou a alertar sobre os perigos à moralidade das moças católicas, que tais concursos de beleza poderiam promover:

CONCURSO DE BELEZA

[...] A sociedade contemporânea vive conturbada porque perdeu a noção do verdadeiro valor.

O sistema de valores de nossa época é baseado na futilidade, no utilitarismo, no materialismo, erguem-se monumentos a atletas; aplaudem-se pessoas que mais se prestam a papéis ridículos. [...] São mais louvadas as habilidades circenses; do que a inteligência, a desonestidade do que a virtude, a beleza física do que a moral.

Disto há inúmeras provas. [...] Organizam-se concursos de beleza, desfile de moda, tudo para obter maiores lucros.

Os concursos de beleza estão em grande voga hoje. Porém que fazem eles senão corromper, destruir, ofender a dignidade humana? Que fazem eles senão inverter os valores?

A beleza física é um valor secundário. [...]

Os concursos de beleza classificam determinado número de pessoas apenas conforme os atributos físicos. Ficam assim desprezados os verdadeiros valores, aqueles que de fato distinguem os indivíduos, tornando-os mais dignos de nosso respeito, obediência e admiração. A moralidade, a inteligência, e educação são esquecidos.

E quando isso acontece, é claro que só pode dominar a imoralidade, a superficialidade, o materialismo. [...]

E terrível é verificar como tudo [todos os processos do concurso de beleza] isto é aceito hoje como coisa normal, inofensiva, justa e boa. Mesmo nos lares que se dizem católicos, discute-se, compara-os há entusiasmo pelo certame e pela as candidatas. As fotografias indecorosas correm de mão em mão avidamente examinadas. Quantas paixões despertadas, quantos pecados! [...].⁵⁷

Os concursos de beleza eram o avesso do papel disciplinador que a igreja católica desejava: de normatização do corpo para enquadrar as mulheres no perfil católico de mãe, esposa, e rainha-do-lar, recatada e longe dos prazeres proibidos. E traziam à cena tudo o que mais a igreja mais condenava: a exaltação da beleza física, a exposição do corpo feminino com vestes coladas e o seminu dos maiôs, maquiagem etc. (Ver Fotografia 16). Esses eram os principais fatores para que a igreja católica condenasse a realização e a participação das moças nos certames de misses. Em 1959, por exemplo, as candidatas ao título de Miss Universo, Sra. Sue Ingersol, Miss Novo México e Miss Omanha tiveram que abandonar o

⁵⁷ ANBI. Concurso de beleza. *O Dominical*. Teresina, ano XX, n. 18, 29 abr. 1956, p. 3.

concurso porque as autoridades eclesiásticas ameaçou negar-lhes os santos sacramentos se tirassem fotografias de maiôs.⁵⁸



Fotografia 16: Candidatas a Miss Piauí de 1956: Teresinha Alcântara, Denise Ribeiro Farias e Yolanda Machado.

Fonte: JORNAL do Piauí, Teresina, ano V, n. 400, 17 maio 1956, p. 1.

No Piauí, a igreja católica através do semanário de ação católica, propugnava os valores morais na sociedade, ao mesmo tempo que alertava os “lares que se dizem católico” que, sub-repticiamente, iam mudando de opinião em relação aos concursos de misses, passando a vê-lo como algo “inofensivo” às moças católicas. Assim, para o concurso de Miss Piauí, realizado no Clube dos Diários, o clero publicou a seguinte nota de repúdio àqueles que se deixavam seduzir pelo concurso de beleza de 1956:

[...] Concursos de beleza, ou na definição de um pensador que não é padre, concursos de imoralidade, eis o que não passa de exibição descabida de carnes humanas a um público curioso, quando não excessivamente malicioso. E as jovens se submetem a tudo isto, num desejo incontido de aparecer. Miss Piauí... Miss Brasil... eis um ideal que justifica qualquer meio naturalista.

No Rio se fez, nas praias de São Paulo ou do Recife está na moda, portanto, vamos trazer também para os salões do Clube dos Diários. Nada há demais num desfile de jovens seminuas. Tudo isto é muito natural. A mulher não apareceu com os animais no desfile paradisíaco; precisa desfilhar sozinha no século esclarecido da luz e da bomba atômica. Nenhuma maldade nisto. Ela é tão inocente como inocentes são os espectadores no Clube dos Diários ou

⁵⁸ CATÓLICAS não podem ser “misses”. *O Dominical*. Teresina, ano XXIII, n. 30, 16 jul. 1959, p. 3.

os seus paizinhos de mão no queixo diante da beleza feminina da filha que passa com ares de bode expiatório.

E assim vamos marchando na senda do progresso, rumo a dias que já se vão num passado de milênios de anos. Um pequeno passo atrás não faz mal...⁵⁹

Segundo José Lopes dos Santos, no início, o próprio concurso de Miss Piauí promovido pela RDT, nos anos 1950, não foi bem interpretado pela sociedade local, mas, aos poucos, foi ganhando a simpatia do público. De maneira que foi preciso todo um cuidado, um tratamento adequado para que o concurso não colocasse em xeque a “vida idônea” das participantes, até que ganhasse apóio da sociedade local, permitindo a participação de suas filhas no concurso.

[...] Enquanto muitas pessoas achavam que o concurso podia ser um caminho de perdição para as jovens, no Piauí ele funcionou de uma maneira altamente dignificante, é que, quase todas as moças que se elegeram miss se casaram bem, são hoje mães notáveis.⁶⁰

Na medida em que o concurso foi se legitimando socialmente, e que as *moças de família* se tornaram misses e “casaram bem”, criou-se um mito de princesa ao redor delas, o que proporcionava uma abertura para que arranjassem um *bom casamento*. Como por encanto, o concurso passou a ser olhado como uma porta no horizonte, pela qual a *princesa* deixaria o castelo de seus pais e sua condição de solteira, para viver no seu novo reino encantado, vivenciando o matrimônio, os filhos e o lar. Ser miss, portanto, tornava-se um “bom negócio” e o título de beleza passou ser visto com um amuleto de sorte para o casamento, de maneira que se propagava a seguinte assertiva: “Menina, quer casamento? Vai ser miss”.⁶¹

Os concursos de misses, portanto, no Piauí e no Brasil, elegeram belas mulheres para desfilarem e expor sua beleza física, além do traquejo intelectual. Ganhando repercussão nacional, as misses do Brasil eram bastante requisitadas para viajarem pelos diferentes Estados do País, exibindo sua beleza, que conquistavam uma legião de fãs e curiosos para aguardar sua chegada. Karam Jorge Cury foi um dos principais responsáveis pela vinda de misses Brasil para o Piauí. Em 1956, o jornalista e radialista articulou a vinda da gaúcha Maria José Cardoso e da amazonense Teresinha Morango, eleita miss Brasil de 1957. (Ver Fotografias 17 e 18)

⁵⁹ PIRES, Pe. Isidoro. Desfile da inocência. *O Dominical*. Teresina, ano XX, n.19, 20 maio 1956, p. 1.

⁶⁰ SANTOS, J. L. dos., 2002.

⁶¹ JOSÉ EDUARDO. Instantâneos. Bom negócio ser miss. *Jornal do Comércio*. Teresina, ano XIII, 25 jan. 1960, p. 4.



Fotografia 17: Karam Jorge Cury e a Miss Brasil de 1956, Maria José. A Miss visitou o Piauí e participou do 111º aniversário do Colégio Estadual do Piauí.

Fonte: O DIA, Teresina, ano VI, n. 496, 7 out. 1956, p. 1.



Fotografia 18: Miss Brasil de 1957, Teresinha Morango, em cumprimento com o jornalista Karam Jorge, aceitando convite de vir à Teresina, a convite da direção do Jockey Club.

Fonte: O DIA, Teresina, ano VII, n. 496, 22 set. 1957, p. 1.

Segundo Karam Jorge Cury, a vinda da gaúcha Maria José Cardoso foi articulada para fazer parte da comemoração do 111º aniversário do Colégio Estadual do Piauí⁶², de maneira que atraiu uma grande multidão para os arredores da praça Landri Sales, bem como movimentou grande número de pessoas pelas ruas de Teresina, acompanhando o desfile da Miss pela cidade. Jogos esportivos e bailes foram realizados com os espectadores que aguardavam ansiosamente para ver a mulher eleita como representante da beleza feminina do Brasil. Prestigiar a vinda de misses Brasil não foi corriqueiro no Piauí. A falta de patrocinadores que ajudassem a manter suas despesas, as deficiências econômicas do Estado e das diferenças climáticas e alimentícias das misses sulistas, em particular, dificultou a vinda delas ao Piauí.⁶³

Denotam-se modelos distintos de feminilidade entre as mulheres que trabalharam na RDT nos anos 1950. Embora as duas radialistas destacadas acima tivessem um comportamento mais ousado para época, sendo apontadas como “donas” de perfis femininos

⁶² Também denominado Colégio Estadual Zacarias de Góis (Liceu Piauiense).

⁶³ Cf. CURY, K. J. Op. cit.

alternativos e desviantes, em detrimento dos papéis tradicionais, poder-se-ia supor que a entrada delas na vida radiofônica deveu-se ao fato de serem “mais livres” dos valores cristãos, conforme já foi apontado. Todavia, é necessário ressaltar outra personagem da RDT que, em entrevista, se afirmou católica e presa aos seus princípios, mas que, nem por isso, deixou de ingressar na vida radiofônica.

Ana Maria Rego foi admitida na RDT em 1955, trabalhando no departamento artístico da emissora no setor de rádio-novela e rádio-teatro. Atuando como rádio-atriz num programa crítico humorístico, chamado *Mariquinha e Maricota*, Ana Maria Rego alcançou grande sucesso local, ao lado de *Miriam Lopes dos Santos*, *Franci Batista* e *Maria de Jesus*. Sobre seu ingresso nas atividades artísticas, a atriz relata algumas das dificuldades que teve, à época, no que diz respeito à aceitação da mulher no teatro e no rádio:

Nessa ocasião era a sociedade que não admitia que as mulheres trabalhassem na rádio porque achava que era uma imoralidade, muita gente, muitos homens trabalhando com a gente. Mas elas não estavam lá dentro para saber a qualidade dos homens que trabalhavam com a gente. Eram homens finos, educados, homens que nos tratavam muito bem, e nos respeitavam. Mas depois foi diminuindo e reconheceram a nossa força. Assim foi no teatro também. No teatro foi a mesma coisa, não aceitava que mulher trabalhasse. Mas deixa-nos até feliz saber como nós suportamos e superamos a resistência. E hoje você vê que a grande cultura do mundo é o Teatro, do mundo, e todo mundo faz teatro, todo mundo quer teatro, todo mundo quer rádio. Mas naquele tempo foi difícil, muito difícil.⁶⁴

Por conviver em um meio católico e conservador, a sua entrada no teatro e no rádio não agradou em casa, por considerarem que a convivência com o mundo artístico poderia desviá-la dos comportamentos tradicionais e cristãos socioculturalmente estabelecidos. Por um lado, a atividade artística não era reconhecida socialmente como uma atividade profissional e, muito menos, próprias para moças católicas. E por outro, a RDT se constituía em um espaço de sociabilidade e de sentimentalidade, na medida em que o contato cotidiano entre homens e mulheres poderia provocar um olhar diferenciado, um toque de mãos mais apertado, por exemplo, por isso não era de bom grado para os famílias mais conservadoras que suas filhas trabalhassem numa emissora de rádio, por temerem que ficassem "mal faladas", afetando a honra das moças e o “nome da família”.

⁶⁴ REGO, A. M. Op. cit.



Fotografia 19: Ana Maria Rego, atriz piauiense dos palcos do teatro e da Rádio Difusora de Teresina.
 In: SANTOS, Deusdeth Nunes dos. *Rádio calçada*. Teresina: Halley, 1995.

No entanto, se a família temia que suas filhas ficassem “mal faladas”, em relação aos maridos, nem todos concordaram que suas esposas continuassem trabalhando na emissora depois de casadas, uma vez que a RDT abria outros caminhos que não o de dona-de-casa, esposa e mãe, bem como contribuía para que as mulheres vivenciassem outros espaços que aqueles próprios de seu cotidiano doméstico e privado. Assim, radialistas como *Franci Batista* e *Maria de Jesus*, que interpretaram a personagem *Mariquinha*, deixaram o rádio, quando se casaram, devido à exigência dos maridos que não aceitavam a idéia das esposas fazerem programas radiofônicos.

Contudo, Ana Maria Rego, dentre outras radialistas, casou-se, mas continuou exercendo suas atividades na RDT e no teatro, resistindo às implicâncias do marido, da família e de certos segmentos da sociedade, que ainda não admitiam a presença da mulher no espaço público.

No jornal *O Dia* de 1953, numa coluna destinada aos comentários sobre a radiofonia local, há uma reclamação sobre a situação do *cast Q-3*, destacando-se a ausência de *Dagmar Pedreira*, cantora que fazia parte do *cast* da RDT. O seu “desaparecimento” está associado a sua condição de casada, motivo pelo qual teria deixado a profissão:

[...] Tivemos Dagmar Pedreira, sem favor a melhor cantora radiofônica que o Piauí já deu. Todavia, Dagmar desapareceu. Que é feito dela? – Casou-se,

foi a resposta que alguém nos deu. E só por isso deixou o rádio? Não é motivo bastante para justificar que os ouvintes da Rádio Difusora fiquem privados de escutar tão deliciosa voz. É verdade que, com a sua nova condição de mulher casada, Dagmar deve, necessariamente, participar de programas selecionados, deve ter melhor acompanhamento, melhor remuneração, mas deve continuar cantando.⁶⁵

Percebe-se que, além de atentar para a sua nova condição de mulher casada, e do tratamento diferenciado que deveria ter, a notícia veiculada pelo jornal remete para a questão do salário dos cantores de rádio, sendo usado como um dos recursos para trazê-la de volta à emissora aumentando sua remuneração. Nerina Castelo Branco e Herculano Moraes, afirmam que:

Divididas entre o novo e velho, as mulheres teresinenses mostraram-se bastantes seduzidas pelas novas propostas de vestuário, pelo aprimoramento da educação, pela participação mais freqüente em eventos públicos e também pelas novas oportunidades de trabalho. Entretanto, continuaram fortemente ligadas à Igreja Católica, à família e certamente não pensariam duas vezes em abandonar o emprego, se essa fosse a vontade do marido, ainda tão desejado e esperado. Casar, possuir um lar com um marido bom e leal e, também, ter filhos era algo que se estava no centro das preocupações e desejos femininos.⁶⁶

A saída de mulheres da vida radiofônica e artística para que fossem vivenciar os papéis tradicionais de esposa, mãe de família e dedicar-se ao lar, era prática “corriqueira”. O projeto de vida de muitas mulheres ainda estava misticamente expresso através do casamento. De acordo com Alcir Lenharo, o “[...] casamento é a quintessência da vida do artista para o qual converge sua existência [...]”.⁶⁷ A *Revista do Rádio*, por exemplo, um dos principais meios de divulgação da vida dos artistas, cantores, atores e locutores do rádio, reafirmavam os signos conservadores através da instituição casamento⁶⁸, no decurso das páginas dedicadas *As noivas do Rádio*, para as mulheres, e *Por Que Ainda Está Solteiro*, especialmente para os homens. (Ver anexo A)

Em Teresina, nos anos 1950 e 60, a imprensa escrita local divulgava uma profusão de discursos relativos aos novos espaços conquistados pelas mulheres e às mudanças comportamentais femininas, que se distanciavam daqueles papéis tradicionais. Segundo Elisângela Cardoso, havia vários discursos: aqueles que reafirmavam o lugar da mulher no espaço doméstico, na tentativa de valorizar os papéis de mãe, esposa e dona-do-lar. Outros

⁶⁵ RÁDIO. *O Dia*. Teresina, ano II, n. 102, 11 jan. 1953, p. 4.

⁶⁶ CASTELO BRANCO, N.; MORAES, H. Op. cit., p. 299.

⁶⁷ LENHARO, A. Op. cit., p. 191.

⁶⁸ Id. Ibid.

que re-significavam e redefiniam os papéis femininos tradicionais, considerando que “[...] exercer atividades públicas [até] é legítimo, caso as mulheres também conservem os lugares tradicionais, pois seria no seio da família que residiria a maior importância feminina”.⁶⁹ E, ainda, a idéia de que as mulheres deveriam casar-se com seus empregos.

Atuando no rádio, as radialistas teresinenses assumiram um papel importante na transmissão de novos estilos de vida⁷⁰. A RDT, portanto, abriu espaço para as mulheres redefinirem os papéis tradicionais ao provocarem mudanças comportamentais, tais como, trabalhar em uma emissora de rádio e legitimar-se em uma atividade ainda vista como desclassificatória e promotora de hábitos desviantes. No entanto, é preciso ressaltar que essas mudanças comportamentais, em torno daquelas que trabalharam no rádio, se deram pela conquista da posição de radialistas e atuação em carreiras artísticas, e não em termos de difusão de idéias de caráter feministas pelas ondas da RDT, em programas específicos.

Até onde foi constatado, na grade de programação da RDT, não havia programas que divulgassem idéias de emancipação da mulher, além das notícias sobre o movimento feminista e as discussões em torno da lei do divórcio e do sufrágio universal. Antes, possuía programas, que, de certa maneira, reforçavam os papéis tradicionais da mulher, como por exemplo, os programas *Vesperal das Moças*, *Página Feminina*⁷¹ e *Crônica Dominical*.

O jornal escrito *Folha da Manhã*, de 1960, publicou em suas páginas a transcrição de alguns dos textos da *Crônica Dominical*, levados ao ar no horário do jornal falado da RDT, chamado *A Notícia Sonora*, a partir de 1960. Irradiado de 7 às 8 horas da manhã, o jornal falado oferecia aos ouvintes os mais variados assuntos e, dentre estes, estava o crônica social feita por Iracema Santos Rocha da Silva, umas das primeiras colunistas sociais de Teresina. Os assuntos veiculados pela *Crônica Dominical* relacionavam-se a críticas a determinados comportamentos sociais femininos e masculinos, à produção cultural via cinema, sobretudo, aqueles filmes direcionados para a formação das crianças, e, ainda, aos eventos que aconteciam na cidade, tais como os bailes, bem como a frequência feminina a esses ambientes.

Embora ainda de maneira tímida, Iracema Santos Rocha da Silva, em suas crônicas dosava o reforço aos papéis tradicionais atribuído à mulher com comentários que levemente criticavam aqueles que não admitiam a possibilidade de conciliação dos papéis de mãe,

⁶⁹ CARDOSO, E. B., Op. cit., p. 186.

⁷⁰ Cf. FEATHERSTONE, M. Op. cit.

⁷¹ Apresentados por Denis Clarck, Miriam Lopes dos Santos, Geraldo Fontenele e Enri Nelson, esses programas eram destinados às mulheres, e mesclavam poesias, conselhos para as mulheres, receitas culinárias, informações sobre maternidade, o matrimônio, dentre outros, reforçando os papéis tradicionais femininos.

esposa e dona-de-casa com o estudo e o trabalho. Contudo, dentre as crônicas publicadas na *Folha da Manhã* destaca-se uma em que Iracema Santos Rocha da Silva reafirmava o papel da mulher como guardiã da honra de suas filhas.

[...] Os comentários maiores que ouvimos são de que os responsáveis pelos desatinos da nossa juventude, não só aqui, mas em todo o mundo são os pais de família, em especial a mãe.

[...] Temos notado como a febre excitante de atrações materiais tem rondado nossa juventude e subido à cabeça de muitos. [...] Temos visto tão quão repetido tem sido o corre-corre da infante adolescência, para as festas, para os cinemas, os passeios, as reuniões. Algumas moças ainda de pelezinha rosada pelos esfregões de sabonete Johnson, carregam os cílios com o rímel e o coração com as futilidades.

Não queremos absurdamente ser contra, as festas, divertimentos, os passeios; não somos adeptos do Zwinglio na velha Genebra dos puritanos. Mas seria de bom alvitre pensar no que cada mãe, cada família, faz pela formação social-moral de suas filhas.

Muito antes de completarem os 15 anos – fazemos convenientemente anotação, ainda é idade de bonecas e de balanços – as mocinha correm logo para as festas e bailes, os encontros...

Desgastam-se, emurhecem, emaciam-se pelas vigílias festeiras e pelo cansaço dos excessos. Ainda na plenitude da idade juvenil, antes mesmo dos vinte anos, já sentem a alma desiludida, o coração amargurado e o semblante envelhecido. Não existe a seleção de quais bailes e o intervalo entre eles, os cinemas, os passeios.

A vida é curta, devemos aproveitar, é o “fiare” da moderna sociedade.

E nesse sorvedouro caem muitas mães inadvertidamente [...].⁷²

Iracema Santos Rocha da Silva, ao levantar os “problemas da sociedade” teresinense de 1960, durante a transmissão pelo rádio da *Crônica Dominical*, reforçava o discurso normatizador e católico, ao alertar para os perigos da vaidade das mulheres que acompanhavam os “vícios” do mundo moderno e freqüentavam espaços públicos, tais como as festas, os cinemas e o *footing* feminino, nas praças, de forma desregrada. A cronista social da RDT salientava que a culpada de tais comportamentos desviantes das “meninas-moças” era da mãe, considerada socioculturalmente como a responsável pela educação feminina.

Através dos assuntos publicados nas páginas do jornal escrito, pode-se verificar que a cronista social da RDT corroborava para o reforço do papel tradicional da mulher, porém, não deixou de tecer críticas “[...] as fortes e rotineiras mentalidades da época, que achavam caber à mulher somente o fogão e o cuidado à família [...]”.⁷³ Do lugar que ocupava na RDT, de intermediário cultural e de exercer uma atividade envolta em preconceitos e

⁷² SILVA, Iracema Santos Rocha da. Problemas de nossa sociedade. *Folha da Manhã*. Teresina, ano III, n. 739, 21 jun. 1960, p. 3.

⁷³ SILVA, Iracema Santos Rocha da. Assuntos que a história nos dá. *Folha da Manhã*. Teresina, ano III, n. 712, 15 maio 1960, p. 3.

estereótipos, Iracema Santos Rocha da Silva sabia da importância dos novos papéis sociais que as mulheres poderiam exercer no espaço público, sobretudo, num período em que as teresinenses estavam conquistando novas profissões, através de seus empregos e da inclusão no ensino superior. Embora as crônicas levassem pelo rádio conselhos morais e valores ainda presos aos princípios cristãos e provincianos, chamou também a atenção para os novos comportamentos sociais e profissionais que as mulheres poderiam ocupar, dividindo e conciliando as suas funções no espaço público e privado.

Entretanto, tais programas, *Vesperal das Moças*, *Página Feminina* e *Crônica Dominical* serviram de instrumentos, tanto para a formação, quanto para o divertimento. Embora, talvez, à época, não tenham atentado que...

[...] suas crônicas, seus conselhos, suas receitas culinárias, seu consultório sentimental, ou ainda seus editoriais, tenha conscientemente ou não, dado início ao movimento pelos direitos da mulher, conquistando várias reivindicações na luta pela emancipação, abrindo caminhos até então só percorridos pelos homens, tido como machistas.⁷⁴

O rádio mais uma vez se mostra como um *aliado das mulheres*⁷⁵, não mais como na década de 1930, quando atraía os maridos para o recinto do lar para a convivência com a família e com os filhos, ouvindo as atrações que as emissoras de rádio ofereciam através do aparelho receptor. Agora promovia também a “emancipação” das mulheres que decidiram viver o espaço público, através de seus empregos e da vida artística no rádio, embora muitas delas não fugissem do protótipo de mulher desejado pela igreja católica e pelas famílias ligadas aos princípios cristãos.

Ainda que a implantação de uma emissora de rádio em Teresina, em 1948, tivesse o significado de progresso e de incremento cultural para a cidade, ter um(a) filho(a) ou uma esposa trabalhando no rádio nem sempre foi motivo de orgulho para a família e para o marido. E da mesma maneira que a ZYQ-3 atraía homens e mulheres para o espaço privado, para ouvir a sua programação no aconchego do lar, também atraiu e seduziu homens e mulheres, que, apaixonados pela radiofonia, desejavam fazer parte do *cast Q-3*.

A atração para vivenciar o espaço público e assumir mudanças comportamentais masculinas e femininas fez que a RDT fosse vista como uma “radiodite”, como uma “doença infecciosa”, por provocar deslocamento de fronteira de gênero e por “desviar” seus filhos (as) dos arquétipos masculino e feminino tradicionais.

⁷⁴ TAVARES, R. C. Op. cit., p. 113.

⁷⁵ Ver página 30 desta dissertação.

A chegada da RDT ajudou a diminuir o grau de preconceitos relacionados aos homens e mulheres, que, por ingressarem no meio radiofônico e vivenciar o espaço público e artístico, foram desqualificados como “vagabundos” e “meretrizes”.

Ainda na década de 1960, pode-se verificar nos jornais escritos a “luta” dos profissionais do rádio contra o “mau juízo” de determinados segmentos sociais que viam a atividade radiofônica como marginal e desclassificadora.

MAU JUÍZO

Há, nos meios da radiofonia local um certo ambiente criado pela imaginação fértil de pessoas que julgam apressadamente os artistas colocando-os em nível com as criaturas que não têm a propriedade de respeitar seu semelhante. Talvez os que assim pensam, ignorem que nas emissoras do Piauí o meio é bem mais elevado do que aquele criado pelas imagens férteis. Por exemplo, na Rádio Difusora, há no quadro de funcionários, de senhores, senhoras e senhoritas, trabalhando num clima de perfeita harmonia profissional, o mesmo acontecendo na Rádio Clube. O rádio que se faz no Piauí, diga-se de passagem, é um rádio de elite, onde impera elevado índice de moralidade.⁷⁶

Envoltos por sentimentos de fascinação e rejeição, os estereótipos e adjetivos pejorativos foram, aos poucos, sendo modificados, na medida em que músicos, cantores, atores e locutores de rádio ganharam “personalidade”, *status* e reconhecimento social. Através da RDT, os interlocutores da emissora contribuíram para rever os estereótipos “construídos” por alguns segmentos da sociedade teresinense, de maneira que alguns radialistas conseguiram formar uma imagem positiva através de seus programas, e criou laços de afetividade como o seu público ouvinte. E a partir da popularidade adquirida no decurso de seus programas na RDT, ingressaram na carreira política, alcançando vitória nas urnas eleitorais.

⁷⁶ JOTA MOR. Rádio em Revista. *Jornal do Piauí*. Teresina, ano X, n. 896, 19 fev. 1961, p. 3.

3 A RDT no jogo político partidário do Piauí nos anos 1950-60



Fotografia 20: Profissionais da Rádio Difusora de Teresina.
Fonte: Cadernos de Teresina. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, ano XIV, n. 34, nov. 2002.

“O rádio permitia uma encenação de caráter simbólico e envolvente, estratégias de ilusão participativa e de criação de um imaginário homogêneo de comunidade nacional. O importante do rádio não era exatamente o que era passado e sim como era passado, permitindo explosão de sensações e emoções propícias para o envolvimento político dos ouvintes”.
(Alcir Lenharo)

Na história moderna do Brasil, Getúlio Vargas foi o primeiro governante a utilizar o rádio como meio de alcance social, para legitimar e difundir a ideologia do seu governo. Sobre este período da história nacional, Angela de Castro Gomes afirma que a sua utilização visava “[...] identificar e construir o verdadeiro espírito de nacionalidade que se encontrava no inconsciente coletivo do povo [...]”.¹ Por intermédio de Marcondes Filho, principal organizador dos programas de rádio do governo de Getúlio Vargas, defendia o ideário trabalhista para alcançar as classes trabalhadoras. Através do rádio, criava-se um elo entre o povo e o presidente, que pretendia, sobretudo, a legitimação do novo regime e a obtenção do apoio dos trabalhadores à política varguista.

Apesar da importância que se têm dado ao uso político do rádio por Getúlio Vargas, para a manutenção e sustentação do seu governo, através da propaganda política no Brasil pelas ondas sonoras, quando se trata do controle da “consciência” da população, é preciso abrir um parêntese. De acordo com a análise de Helena Capelato, quando se refere à utilização dos meios de comunicação como propaganda política, embora o rádio tivesse adquirido um posto central durante o Estado Novo, “[...] não se pode exagerar sua importância no que se refere ao controle das consciências [...]”², uma vez que as teses que consideram tal mérito “não levam em conta o fato de que ela só reforça tendências já existentes na sociedade e que a eficácia de sua atuação depende da capacidade de captar os anseios e os interesses predominantes num dado momento”³. Para a autora, o uso dos meios de comunicação para a difusão da propaganda política não conseguiu formar uma “opinião única”, embora seja inegável que o emprego dos microfones de emissoras de rádio do Brasil, tenham se constituído em um dos pilares de sustentação de vários governos.

Sabe-se que “[...] o rádio elegeu presidentes, governadores, prefeitos e vereadores, o rádio ajudou a derrubar governos [...]”⁴. A “invenção de Marconi” assumiu esta faceta na vida política, e dessa qualidade tem se desdobrado como verdadeiro “palanque eleitoral” eletrônico. Reconhecendo a importância do rádio no campo político, este capítulo visa analisar como a Rádio Difusora de Teresina se comportou em meio às disputas políticas partidárias entre 1948 e 1962,

¹ GOMES, Angela Maria de Castro. *A invenção do trabalhismo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994, p. 30.

² CAPELATO, Maria Helena. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. In: PANDOLFI, Dulce Chaves (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999, p. 172.

³ Id. *ibidem*.

⁴ TAVARES, Reynaldo C. *História que o rádio não contou: do galena ao digital, desvendando a radiodifusão no Brasil e no mundo*. 2 ed. São Paulo: Harbra, 1999, p. 166.

bem como enfatizar a relação do processo de concessões de rádio com a política do período, o que impediu que projetos de novas emissoras fossem concretizados. Aborda, ainda, o vínculo existente entre o rádio e a política, destacando que alguns dos integrantes do *cast Q-3* da emissora ingressaram na vida pública como políticos.

3.1 A RDT em meio às disputas políticas e partidárias

A criação da RDT, no final dos anos 1940, surgiu de um projeto vinculado a um grupo de intelectuais e políticos de Teresina, e tinha como objetivo dotar a capital de uma estação de rádio. Atrelado a esse propósito havia outros interesses, no sentido de que a “[...] instalação de uma possante transmissora [...]”⁵ de rádio em Teresina daria prestígio aos seus detentores, por se tratar de um empreendimento autofinanciável e de grande repercussão no Estado, abriria oportunidades para que seu(s) proprietário(s) desfrutasse(m) de certos privilégios políticos.

Com a ajuda de Alcenor Madeira, em 1948, a sociedade por cotas de responsabilidade limitada era formada. Como acionistas estavam: Cláudio Pacheco, um dos titulares com maior parte das cotas da Rádio Difusora de Teresina; Sigefredo Pacheco; João Clímaco de Almeida; Astrolábio Paiva e Silva; Francisco Pires Gayoso e Almendra, dentre outros. Esses acionistas eram personalidades que tinham um envolvimento direto com as forças políticas partidárias do Piauí, mas que queriam “[...] desprezadamente trazer para Teresina um melhoramento como era uma emissora de rádio e instalaram a Rádio Difusora de Teresina”.⁶

No seio de sua formação, a RDT já trazia elementos que não a deixaria ficar imune à sedução política partidária. Alguns dos acionistas eram correligionários do Partido Social Democrático do Piauí, tais como: Cláudio e Sigefredo Pacheco, João Clímaco de Almeida e Gayoso e Almendra, por exemplo, o que denota que parte das ações era de propriedade do partido pessedista, como denunciava o jornal *O Piauí*, órgão ligado às forças políticas da União Democrática Nacional:

⁵ O PIAUHY. Teresina, ano LVIII, n. 339, 21 abr. 1948, p. 3.

⁶ PEREIRA, José Eduardo. *Depoimento concedido ao Núcleo de História Oral da Fundação CEPRO*. Teresina, 22 de junho de 1990.

É público e notório que, nestes últimos tempos, o PSD do Dr. Gaiosinho vem fazendo elevadas despesas. Só com a compra de ações da Rádio Difusora, gastou o partido que já foi majoritariamente na Assembléia Legislativa, nada menos que 200 mil cruzeiros [...].⁷

Apesar desses dados revelarem o vínculo entre a RDT e o PSD, alguns dos radialistas entrevistados ponderam sobre o assunto e expressam que a emissora não pertenceu a um partido político e que abria espaço para todos os partidos e candidatos veicularem suas mensagens pelo rádio.

Por se tratar de uma *memória*, é preciso atentar para a fala e o lugar social daquele que *lembra*. Para Ecléa Bosi, a *memória política* é a que está mais imbuída de juízos de valor, pois o narrador não se concebe como uma pessoa neutra, mas julgando e considerando a posição em que se encontrava numa determinada época da história. Portanto, é necessário saber de onde fala o sujeito que está lembrando, bem como a posição social e a *localização de classes e profissão* em que ele se integrava para compreender a formação de seu ponto de vista, pois *só fica o que significa*⁸.

Nesta perspectiva, quando se trata da ligação existente entre a RDT e uso político partidário nos anos 1950, ressaltam-se as entrevistas de José Eduardo Pereira e José Lopes dos Santos, uma vez que, este ocupou o cargo de Diretor Administrativo e era filiado ao PSD, e aquele ocupou o cargo de Diretor-Gerente. Ambos ocuparam um lugar social “diferenciado” na ZYQ-3 no período, e apesar de expressarem um certo cuidado ao falar sobre o tema, deixaram escapar falas que confirmaram a “parcialidade” da emissora quanto à posição política adotada nos anos 1950.

Osmani Costa observa, a este respeito, que:

[...] O comportamento da imprensa e da mídia em geral, em períodos normais ou durante as campanhas eleitorais, nunca é neutro, imparcial, ou equidistante entre os diversos candidatos e partidos, como tentam fazer seus proprietários. A mídia tem suas preferências, dentro da aliança estabelecida com a classe dominante, seus patrocinadores e o Estado [...]. Por isso a imprensa – com destaque para o rádio – e toda a mídia podem, muitas vezes, criticar e inviabilizar uma candidatura com a divulgação de injúrias, calúnias e

⁷ PESQUISAS mineralógicas. *O Piauí*. Teresina, ano LX, n. 461, 31 mar. 1949, p. 1.

⁸ BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 255.

difamações; e podem, de maneira inversa, apoiar e levar à vitória uma outra candidatura, usando os mesmo mecanismos, só que para beneficiá-la.⁹

Ao tratar do comportamento da RDT em meio às disputas político-partidária nos anos 1950 e 60, é preciso atentar para dois pontos. Primeiro, o vínculo da emissora a um partido político, o PSD, que fez uso da rádio para divulgação partidária. Segundo, a posição que os radialistas assumiram em seu programa, visto que os radialistas, acima citados, apontam para a imparcialidade da emissora como meio de comunicação de massa.

Em ano de votação é o período em que os partidos políticos mais esquematizam estratégias para conquistar o eleitor. É nesse período também que os partidos investem nas propagandas políticas para mostrar ao eleitor que o seu candidato é melhor que o do concorrente. No Piauí, a União Democrática Nacional (UDN) e o Partido Social Democrático (PSD) foram os dois maiores partidos militantes do Estado do Piauí, desde o final dos anos 1940 até a década de 1960.¹⁰

No período compreendido entre o início da década de 1940 o final da década seguinte, o Piauí contava apenas com os sistemas de amplificadoras e três emissoras de rádio: a Rádio Educadora de Parnaíba (1938), a Rádio Difusora de Teresina (1948) e a Rádio Difusora de Floriano (1957). Mesmo com a deficiência técnica das emissoras que engatinhavam como meios de comunicação de massa, os políticos piauienses sabiam da importância do rádio nas disputas política partidárias, a exemplo de Getúlio Vargas, que transmitia pelas ondas do rádio seu pronunciamento e consagrava o mito de “Pai dos pobres e dos trabalhadores do Brasil”.

De fato, em períodos eleitorais as rádios se tornavam o principal meio de divulgação das campanhas políticas. E a RDT, vinculada ao PSD através de seus acionistas, teve uma certa importância para os candidatos pessedistas, que consideravam os teresinenses como opositoristas do PSD, “[...] desde o tempo em que se deu a redemocratização do país (1945), quando a capital piauiense, quase em peso, votou no Brigadeiro Eduardo Gomes para Presidente da República [...]”.¹¹

No entanto, tratando-se do envolvimento da RDT no campo das disputas partidárias, José Lopes dos Santos, em entrevista, informou que a RDT não se envolveu diretamente nas

⁹ COSTA, Osmani Ferreira da. *Rádio e política: a aventura eleitoral de radialistas no século XX*. Londrina: Eduel, 2005, p. 140.

¹⁰ Ver: SANTOS, José Lopes dos. *Política e políticos: Eleições/86*. v 1, Teresina: [s. n.], 1988.

¹¹ SANTOS, J. L dos, 1979, p. 89.

campanhas eleitorais. Porém, quando se refere às eleições para governador do Piauí, no ano de 1948, aponta que houve uma campanha muito intensa para eleger o candidato Pedro de Almeida Freitas do PSD, visando tirar o Estado da política udenista que tinha como governador o médico José da Rocha Furtado.

[...] na campanha para eleição do Pedro Freitas, nessa época eu era Prefeito de São Miguel do Tapuio, foi feita com muita intensidade, o objetivo era... era tirar o Estado da política da UDN que tinha como Governador o médico José da Rocha Furtado. Então, houve uma campanha muito grande em todo o Estado e no Município de São Miguel do Tapuio a eleição foi um tanto difícil, houve muitos problemas de ordem legal e eu vim acompanhar todos os recursos que foram feitos, tomados pela Justiça Eleitoral, eu vim acompanhar aqui em Teresina, mesmo eu sendo Prefeito, eu vim pra cá. *Tomei conta da divulgação, através da Rádio Difusora, de todos os movimentos feitos com o objetivo de julgar o resultado da eleição* [grifo nosso]. As seções que haviam no Tribunal, o interesse tomado pelos partidos políticos e eu tinha o interesse de ver a votação de São Miguel do Tapuio aprovada pela Instância Superior. Então eu vim e comecei a fazer notícias a respeito do que se passava no Tribunal Eleitoral e o Doutor Cláudio Pacheco, que era o Diretor-Administrativo da Rádio Difusora, me convidou para dar essas notícias. Toda noite eu dava notícia do que tava se passando na Justiça, então ele verificou meu interesse pela... pelos noticiários e quando eu vim pra cá ele mesmo se encarregou de passar para mim o cargo de Diretor-Administrativo da Rádio Difusora. [...].¹²

José Lopes dos Santos é da opinião de que a RDT não se envolveu com campanhas eleitorais, “[...] salvo quando o sujeito pagava [...]”¹³, firmando acordo com a emissora para a transmissão da propaganda eleitoral como um serviço pago. Para as eleições de 1948, embora não tenha afirmado o envolvimento da emissora na propaganda política partidário ao candidato Cel. Pedro Freitas do PSD, na medida em que “divulgavam” e “julgavam” os resultados da batalha judiciária das eleições para Governador através dos noticiários pela RDT¹⁴, ajudava a formar uma opinião sobre os candidatos, o que favoreceu a um deles, no caso, o candidato pessedista.

Depois do período da campanha eleitoral de 1948/49, o PSD utilizou os microfones da emissora para divulgar as ações administrativas do governo. O fragmento a seguir é parte da palestra feita pelo Governador Pedro Freitas durante o *Jornal Q-3*, que aproveitava o espaço para

¹² SANTOS, J. L. dos, 2002.

¹³ Id. Ibid.

¹⁴ Ver: SANTOS, José Lopes dos. *A eleição de um líder (e a consolidação de um esquema político)*. 1 ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1979, p. 67.

difamar o período anterior, governado pelo udenista Rocha Furtado, denunciando a situação deficitária do erário público.

Os piauienses que não ouviram as palavras de fé do seu governante, pronunciadas segunda-feira que passou, através do microfone da Rádio Difusora de Teresina, perderam a oportunidade de fazer um julgamento sensato do que foi o malfadado e impatriótico período governamental do sr. Rocha Furtado, à frente do Executivo que deslustrou e ajudou a corromper. Expôs S. Excia. O governador Pedro Freitas, na sua palestra dirigida ao nosso povo, a gravidade da situação econômica e de desequilíbrio que encontrou as finanças estaduais, resultantes da desorientação dos serviços públicos e do emperramento da máquina administrativa.¹⁵

A *fé democrática* chamava a atenção para um certo “abuso” do poder estatal durante o mandato do udenista Rocha Furtado (1945-1948), ao tratar das finanças públicas do Estado piauiense e “esquecia” que Rocha Furtado “[...] dirigiu os destinos do Piauí durante quatro anos, em situação bastante difícil, sofrendo tremenda oposição do Partido Social Democrático, que contava com a maioria na Assembléia Legislativa”.¹⁶ Porém, o intuito do Cel. Pedro Freitas era o de “difamar” o udenista, ao mesmo tempo em que preparava a população piauiense para entender quão seria difícil para seu governo realizar obras públicas em favorecimento do povo, uma vez que teria primeiro que “arrumar a casa”. E, assim, ia construindo uma imagem de “bom” político e administrador da coisa pública.¹⁷

Outro dado da entrevista de José Lopes dos Santos vem a corroborar com a assertiva de que a emissora não ficou de fora da campanha eleitoral, pois à época de sua chegada em Teresina, em 1951, as forças oposicionistas da UDN não o recebiam de bom grado, considerando que ele faria do *Grande Jornal Q-3* um espaço eminentemente de propaganda política pessedista:

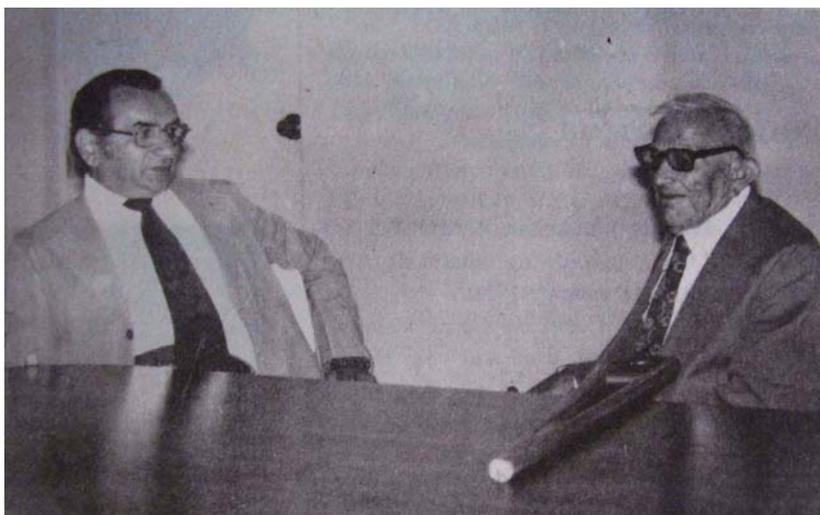
[...] Fiquei sendo Diretor-Administrativo da Difusora e diretor de jornais falados. Uma coisa que me atraía muito, dar notícias. Eu tinha uma dificuldade muito grande pra entrar aqui, que Teresina sempre foi oposicionista, você deve se lembrar disso. Era dificuldade, e eu do PSD. *Muita gente supunha que eu ia fazer um jornal do PSD e não o jornal da Rádio Difusora, mas eu consegui que o jornal fosse imparcial* [grifo nosso], desse as notícias que fosse dar

¹⁵ PROFISSÃO de fé democrática. *O Dia*. Teresina, ano I, n. 29, 19 ago. 1951, p. 1.

¹⁶ SANTOS, J. L. dos, 1988, p.17.

¹⁷ Segundo José Lopes dos Santos, “[...] Pedro Freitas (97 anos em 1º de março de [19]88) é tido, por merecimento, como político de extraordinário tino administrativo e político. Foi ele o único a conseguir vitórias expressivas, tais como eleger, no mesmo pleito, o sucessor, o cunhado Hugo Napoleão do Rego para a Câmara Federal e o filho José Pires Gayoso de Almendra Freitas para a Assembléia Legislativa”. (SANTOS, J. L. dos., 1988, p. 17).

corretamente e acabou sendo um jornal muito ouvido em toda parte do Piauí. Recebia muitas notícias a respeito do assunto. E acabei me tornando, aqui mesmo em Teresina, além da função de jornalista eu usei também a parte de músico [...].¹⁸



Fotografia 21: Jose Lopes dos Santos, primeiro prefeito eleito de São Miguel do Tapuio ao lado de Manoel Evaristo de Paiva, um dos fundadores do município e prefeito nomeado.

In: SANTOS, José Lopes dos. *A força do poder municipal*. v 2. Teresina: [s. n.], 1989, p. 468.

O jornal *O Dia* divulgou no decurso de 1951 a 1960 uma coluna com a transcrição dos assuntos levados ao ar pelo *Jornal Q-3* e, por meio dessa fonte hemerográfica, observou-se que o jornal falado abriu espaço para questões que, direta ou indiretamente, estavam ligadas ao campo político. José Lopes dos Santos, apresentador do *Jornal Q-3*, levantou os problemas econômicos em torno da crise da cera de carnaúba; divulgou a situação da obra contra a seca no interior do Estado; promoveu campanhas beneficentes em prol das famílias pobres que perderam seus pertences no período das enchentes; disponibilizou o horário e o microfone para os prefeitos municipais esclarecerem as denúncias e os descasos políticos, o que, de certa forma, favorecia as dissensões entre os partidos hegemônicos etc.

Os assuntos eram colocados em pauta no horário do jornal falado de modo imparcial, do ponto de vista partidário, porém, os comentários feitos pelo apresentador poderiam ser

¹⁸ SANTOS, J. L. dos, 2002.

tendenciosos, sobretudo, porque as notícias em voga estavam relacionadas à política. José Lopes dos Santos, foi membro do Diretório Estadual do PSD, na condição de secretário do partido, tendo sido, ainda, Delegado do PSD e da ARENA (Aliança Renovadora Nacional) junto ao Tribunal Regional Eleitoral do Estado do Piauí.¹⁹

José Lopes dos Santos, em entrevista, chama a atenção e reconhece que, do ponto de vista político partidário...

[...] e nesse particular eu acho que nem uma emissora, nenhuma das emissoras tem sido parcial. Pode ser que negligencie, deixando de noticiar qualquer coisa, mas por notícia, eu acho que não. Não se pode acusar nenhuma delas não. Pode dar uma notícia errada, uma notícia tendenciosa e com o objetivo de prejudicar alguém do ponto de vista político. eu tive, como, como político, tive bons adversários e sou da opinião de que é muito melhor um adversário político leal, do que um correligionário ou suposto amigo que não se... que não tenha lealdade com coisa nenhuma, né? É esse meu ponto de vista, o ponto de vista que eu sempre sustentei e... e... e foi mantido na emissora [...].²⁰

Mesmo que se pretendesse ser imparcial, os locutores da RDT de uma maneira ou de outra “tomavam partido”, como mostra essa passagem da entrevista de José Lopes dos Santos. Os noticiários veiculados pela RDT e a propaganda eleitoral, através das ondas eletromagnéticas, ajudaram a criar uma popularidade em torno do pessedista Cel. Pedro Freitas, candidato a governador do Estado do Piauí, vindo a ser eleito para o mandato de 1949 a 1952.

Para José Lopes dos Santos, o *Jornal Q-3* seguiu os critérios da imparcialidade. Todavia, se a memória é subjetiva e ideológica, é por esta qualidade que a História Oral tem sido alvo de críticas. Entretanto, no que tange às fontes escritas, elas também são portadoras de subjetividade e mostram-se tendenciosas aos interesses que defendem. Dos jornais escritos que circulavam em Teresina nos anos 1950 e 1960 foram encontradas vozes destoantes sobre a posição de José Lopes dos Santos enquanto coordenador e apresentador do *Jornal Q-3*.

Em 1952 começou a circular em Teresina o jornal escrito *A Cidade*, órgão do Diretório Municipal e da bancada de vereadores da UDN. Alguns dos seus editores se deram ao trabalho de ouvir o *Jornal Q-3* da RDT e denunciaram semanalmente o excessivo número de

¹⁹ N década de 1960, José Lopes dos Santos foi Membro da Comitiva do Diretório Estadual como tesoureiro da Executiva da ARENA, e membro do diretório do PDS até a formação do PFL, partido ao qual esteve filiado ate 1988. (Cf.: SANTOS, José Lopes dos Santos. *A academia e a cadeira vinte e sete*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1994).

²⁰ SANTOS, J. L. dos, 2002.

comentários dos locutores em favor do PSD. Os editores do jornal denunciavam o partidarismo, não admitindo que a RDT servisse de palanque eletrônico do PSD, sobretudo, depois da compra da emissora pelos Diários e Rádios Associados.

Nas edições do jornal *A Cidade*, da década de 1950, eram colocadas notas que ressaltavam a importância do jornal falado para o Piauí que, “[...] ligado à Rádio Difusora de Teresina, sob direção do confrade José Lopes dos Santos, vem correspondendo a sua finalidade de jornal informativo e de interesse da coletividade”.²¹ Ao mesmo tempo em que alertava a influência “perniciosa” do PSD que usava do horário e do prestígio do *Jornal Q-3*, para fins políticos.

[...]

Reconhecemos, é verdade, o direito aos dirigentes destas duas empresas de divulgação adotarem a cor política que lhe convier. O que condenamos é o fato, por exemplo, de nossa única emissora, nos seus jornais falados se limitar a transmitir fatos e notícias exclusivamente de interesse pessedista.

Os ouvidos, embora tolerantes, dos rádios escuta já não suportam mais a voz monótona e chata de certo locutor a transmitir notícias sem nenhum interesse público, somente com o objetivo de agradar a este ou aquele chefe (sic!) pessedista do interior.

Afinal de conta trata-se de uma emissora de capital, com razoável alcance, e que poderia dar cunho menos parcial aos seus noticiários, conquistando, deste modo, a simpatia e a confiança de maior número de ouvintes.

O Sr. José Lopes dos Santos, ativo e trabalhador como é, poderia esforçar-se para valorizar o seu trabalho, evitando que a sua emissora caía no descrédito público, como vem acontecendo.

Se o desejo da emissora é fazer propaganda pessedista, que o faça gratuitamente, está certo, mas que isso seja feito sob a responsabilidade do PSD como vem acontecendo em outros Estados.

A nossa rádio, ultimamente, vem adotando um partidarismo extremado em seus comentários, a ponto de servir até de veículo a vergonhosos boatos, falsos e sem nenhum fundamento. Afinal de contas, a política numa capital tem que ser feita em moldes diferentes da que se pratica em São Miguel do Tapuio, isto é, sem rancor e as intransigências extremadas [...].²²

A crítica focalizava o uso excessivo que os locutores da RDT estavam fazendo no horário de seus programas, e, em especial, do *Jornal Q-3*. Considerando que, embora a emissora fosse vinculada ao PSD pela compra das ações, a emissora deveria manter-se a serviço da coletividade, do povo piauiense. A opinião dos udenistas responsáveis pela edição do jornal *A*

²¹ JORNAL Q-3. *A cidade*. Teresina, ano I, n. 100, 23 jul. 1952, p. 3.

²² DIFUSORA e Asapress. Críticas ao PSD. *A cidade*. Teresina, ano I, n. 22, 09 out. 1952, p. 2.

Cidade era a de não concordar com o comportamento de José Lopes dos Santos, que, na posição de coordenador do jornal falado, fazia dele um horário político partidário, como supunham os udenistas, à época em que o radialista pessedista veio para Teresina.

Dada a importância do *Jornal Q-3* no Piauí, de conseguir reunir junto ao aparelho receptor um número significativo de pessoas, a imprensa escrita local, esteve atenta às notícias e comentários irradiados durante o programa. O jornal *A Cidade* assumia o lugar de oposição sob a direção do deputado Demerval Lobão Veras, editor do noticioso até maio de 1952. Do mesmo modo João Mendes Olímpio de Melo apontava para a parcialidade do locutor do jornal falado. Esses homens de imprensa, naquele período, eram filiados à UDN.

Em contrapartida, o jornal *Folha da Manhã*, que circulou em Teresina, a partir de 1960, fez a defesa a José Lopes dos Santos e dos comentários feitos por ele durante a apresentação do Jornal Q-3.

[...] Podemos dizer, sem risco de incorrer em exagero, que não há ouvinte, que não sintonize diariamente o programa da Pioneira [RDT]. E tal acontece porque é através dele que o ouvinte tem conhecimento de tudo aquilo que se passa na capital e no interior. Os mais variados e palpitantes assuntos são ali veiculados, e tudo dentro de um critério absolutamente informativo. *A imparcialidade é a nota predominante em todo os comentários, até mesmo de feição política* [grifo nosso]. Segundo me consta, o Sr. José Lopes dos Santos é pessedista, mas seu programa é o mais apolítico dos programas. Não repousará no senso de equilíbrio que norteie as notícias e comentários do Jornal Q-3 a sua popularidade e o seu sucesso ou outros motivos, que não nos ocorrem agora, poderão concorrer para a preferência que o público ouvinte lhe dispensa, mas sem dúvida nenhuma os mais importantes será o da inteira ausência de paixão na matéria divulgada [...].²³

Os editores da “coluna do rádio” do jornal *Folha da Manhã* afirmavam que a RDT prestava serviços a todos os políticos, sejam eles vinculados ao PSD ou não. Em um estudo sobre política e políticos do Piauí, José Lopes dos Santos afirma que a emissora prestava serviço para qualquer candidato que a procurasse e pagasse pela transmissão da propaganda partidária. E afirma que, durante a década de 1950, a RDT ajudou a eleger o Deputado José Cândido Ferraz que, firmando contrato de publicidade com a emissora, ocupou o primeiro lugar na bancada da UDN piauiense.²⁴

²³ SILVA JUNIOR. Homens e cousas. O Grande Jornal Q-3. *Folha da Manhã*. Teresina, ano IV, n. 1026, 19 jul. 1961, p. 4.

²⁴ Ver: SANTOS, J. L., 1988, p. 212.

Ocupando o posto de radiodifusora da capital, a RDT também prestou serviços à agremiação política da oposição: irradiou comícios do partido udenista, disponibilizou o microfone para os candidatos udenistas em período eleitorais e cedeu espaço para programa da UDN, desde que a tesouraria udenista pagasse à Difusora de Teresina pelas transmissões radiofônicas²⁵. Ao que consta, a RDT abriu seu espaço para os partidos políticos, de maneira que a crítica em relação à emissora estava mais direcionada à postura de José Lopes dos Santos, na locução do *Grande Jornal Q-3*, e aos seus comentários tendenciosos.

As *lembranças* de José Lopes dos Santos lançam várias diretrizes para a aliança estabelecida e firmada entre o PSD e a ZYQ-3. Não obstante, José Eduardo Pereira traz à tona que essa aliança veio a se fortalecer ainda mais em 1952, com a entrada da emissora para a cadeia dos Diários e Rádio Associados, de Assis Chateaubriand, na medida em que Chatô se posicionando como governista, ajudava estreitar as relações entre os pessedistas que estavam no poder e a emissora.

[A entrada da Difusora para os Diários e Rádio Associados] gerou muita influência porque também tinha muita influência política. Os Diários Associados sempre foi muito governista, sempre teve muito mais próximo do governo do que da oposição. [...] Não sei se uma coincidência ou se uma predestinação, ou se uma linha preestabelecida, não sei qual das três alternativas; mas o fato é que coincidentemente quando os Diários Associados exerciam influência, estavam sempre ao lado do poder, e eu instruído nesse sentido de que não era para me arranhar como Governo, evidentemente que, os Diários Associados tinha também sua hora de criticar, mas sempre com certa discrepância. Naquela época, parece que havia interesses maiores... é... do grupo dos Diários Associados como Governo Federal ou com o comando que eu à época não percebia o que era, nem que fundamentos formavam essa elite, essa *intelligentsia*, que eu não me lembro.²⁶

Vale ressaltar a importância que Assis Chateaubriand²⁷ teve politicamente, sobretudo, porque comandava um império no setor de imprensa e propaganda escrita e falada no Brasil. Desse prestígio desfrutava uma relação “amigável” com os governistas, servindo como moeda de troca para aqueles que pretendiam utilizar os meios de comunicação para a divulgação das ações

²⁵ AINDA zangado. *Jornal do Piauí*. Teresina, ano IV, n. 359, 28 ago. 1955, p. 10.

²⁶ PEREIRA, J. E. Op. cit.

²⁷ Sobre Assis Chateaubriand, ver: MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

políticas. A “amizade” de Chatô, no que tange ao campo político e publicitário, era peça fundamental.²⁸

No tocante à história política, em torno da Rádio Difusora de Teresina e sua aliança com o PSD e da influência de Assis Chateaubriand com a compra das ações da emissora e sua relação com o grupo governista do país, cabe cogitar por que, em Teresina, a RDT foi à única emissora de rádio no período de 1948 a 1960. E questionar: porque os projetos de instalação de novas emissoras de rádio, nos anos 1950, não deram certo? Assim como o rádio ecoa sua mensagem no ar, deixemos esta pergunta no ar por algumas páginas, enquanto se coloca em relevo pistas deixadas pela história das chamadas “rádios de papel”.

3.2 “Rádios de Papel”

Na década de 1950, houve o anseio de se criar outras rádios locais. Pessoas ligadas à elite social e política intervieram junto ao governo federal para a permissão de instalação de novas rádios, porém apenas ficaram no papel. Tais “rádios de papel” referem-se aos projetos de criação da *Rádio Clube do Piauí*, cujo mentor era o deputado federal José Cândido Ferraz²⁹, e a *Rádio Cultura do Piauí*, idealizada pelos “irmãos Cury”³⁰. São sugestivos os dados que apontam os motivos que levaram ambos os projetos ao malogro. Porém, através dos vestígios deixadas pelas fontes orais e escritas, pode-se encontrar evidências de que houve uma intervenção política para atrapalhar a instalação destas emissoras.

²⁸ Sobre o prestígio de Chatô, por comandar um império da cadeia dos Diários e Rádio Associados, José Eduardo Pereira fala que mesmo que ele não tivesse pago as ações na compra da Rádio Difusora de Teresina em 1952, não houve quem o denunciasse com medo sua influência: “[...] o Assis Chateaubriand chegou a fazer um império tão poderoso que foram os Diários Associados que ninguém gostaria de se arranhar muito com ele, sobretudo, porque a... o grupo que cedeu o comando acionário a... dos Diários Associados era um grupo que estava no poder é... políticos do Piauí na época e precisava muito do apoio que o grupo poderia lhe prestar à nossa representação na Capital Federal, na época, o Rio de Janeiro, Senadores, Deputados e tal. Talvez isso, não digo que o Assis Chateaubriand viesse a usar ou usaria esse poder, mas as pessoas preferiam não pagar para ver as cartas e nisso o Chateaubriand levou muito tempo mandando muito no País e as pessoas resolviam não brigar com ele, era melhor não brigar com ele, e se não fazia muita falta aquilo era melhor... [...]”. (PEREIRA, J. E. Op. cit.).

²⁹ José Cândido Ferraz, conhecido popularmente como Zecândido, ingressou na vida política no Estado da Bahia, e através da amizade que manteve com o General Juracy Magalhães, ajudou a montar a União Democrática Nacional (UDN) do Piauí. Como candidato a Deputado Federal ocupou o cargo por quatro vezes e uma como Senador da República. (Cf. SANTOS, J. L. dos, 1988, p. 211).

³⁰ Karam Jorge Cury, Abdala Jorge Cury e Camal Jorge Cury, fizeram um contrato particular de constituição da Rádio Cultura do Piauí, como sociedade de cotas limitadas.

Segundo consta nos jornais escritos, o primeiro projeto da Rádio Clube do Piauí esteve vinculado ao Interventor Federal do Estado (Leônidas Melo), o Prefeito da capital (Lindolfo Rego Monteiro), o Bispo Diocesano (Dom Severino Vieira) e os diretores da Amplificadora Teresinense (João Cursio Laguarda) e da Rádio Propaganda Rianil (Elias Cordeiro)³¹, que, em 1940, pretendiam montar uma estrutura de rádio em Teresina. O valor estimado do capital da sociedade por cotas era de 600:000\$000 (seiscentos mil réis), cabendo ao Estado e aos Municípios cobrirem 450:000\$000 (quatrocentos e cinquenta mil réis) do capital.

Ainda que o projeto tivesse alcançado repercussão em todo o Estado, com apoio formal através de telegramas que louvavam a idéia do novo empreendimento, a sociedade por cotas sob a responsabilidade de Cícero da Silva Ferraz, João Bastos, Jean Leonnes (sic!) e Cel. Pedro de Almendra Freitas³², não conseguiram apurar o capital necessário para a liberação do canal de rádio. Além do recurso financeiro, a instalação da Rádio Clube do Piauí foi protelada porque o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) suspendera a instalação de emissoras, naquele ano, como foi notificado no *Diário Oficial*:

Nós, os mais ligados ao movimento em prol de uma estação-difusora nesta Capital, depois de um especial entendimento com o Exmo. Sr. Interventor no Estado, avisamos [...] que esse plano fora transferido para época de mais seguras possibilidades financeiras [...] e, mesmo por acrescer a seguinte nota, que extraímos do “Jornal do Comércio”, da Capital Federal: “O Sr. General Mendonça Lima, Ministro da Viação atendendo ao que expôs o DIP e tendo em vista o parecer da Comissão Técnica de Rádio suspendeu as autorizações para a instalação e funcionamento de novas estações de rádio difusoras, até que seja apresentado ao Sr. Presidente da República o anteprojeto do Código Brasileiro de Radiodifusão, ressalvados, entretanto, os direitos das autorizações já requeridas. Teresina, 29 de novembro de 1940.”³³

O sonho da instalação de uma emissora de rádio em Teresina foi adiado para a década seguinte. A Rádio Cultura do Piauí, que a princípio demonstrava o intuito de presentear a capital com uma emissora radiofônica a serviço da educação, cultura e entretenimento, porém, o pano de fundo do empreendimento estava vinculado ao projeto do Interventor do Estado, Leônidas Melo, para fins políticos, voltados à divulgação das ações do seu governo.

Os projetos de instalação de emissoras de rádio no Brasil, portanto, também tinham essa particularidade, de estarem vinculadas a determinados grupos políticos. Na década de 1950,

³¹ GRANDE Reunião em prol da radiodifusão no Estado. *Diário Oficial*. Teresina, ano X, n. 145, 27 jun. 1940, p. 2.

³² RÁDIO Clube do Piauí. *Diário Oficial*. Teresina, ano X, n. 155, 12 jul. 1940, p. 2.

³³ RÁDIO Clube do Piauí: Aviso em geral. *Diário Oficial*. Teresina, ano X, n. 174, 03 ago. 1940, p. 2.

o nome da “Rádio Clube do Piauí” aparece vinculada a um projeto de interesse pessoal do Deputado José Cândido Ferraz, o Zecândido.

Sobre a Rádio Clube do Piauí são significativas as informações que apontam para um projeto desde o início fracassado, repercutindo para a população como um *conto da carochinha*, objeto de sátiras, que envolviam o nome do deputado Zecândido e o projeto da emissora.

AS SETE MARAVILHAS

Conversavam no “Café Avenida”, em uma mesa sobre a política diversas pessoas, quando o Major Diogo pergunta: - “Vocês ouviram no Jornal Q-3 a entrevista de meu chefe, deputado Zecândido?” Responderam prontamente não. Diz então o major: “Olhem, o deputado Zecândido hoje mostrou aos presentes em sua residência a planta do Cine São Luiz onde ele vai montar a Estação de Rádio, Lojas, Cinemas, Bomboniére, Padaria Elétrica, Jornal, sapataria e, uma boite, e muitas outras coisas”. Diz o Ten. Pedro – Já sei major, Teresina vai ser a cidade das sete maravilhas.

O Abdoral Peres, que é sempre desconfiado diz: - A planta esta boa, eu quero ver é a gaita para tudo isto. Este negócio de comprar de boca até eu compro, quero saber é na hora do pagamento. Eu já ouvir dizer que o Presidente do PSD já comprou a Rádio. Diz o major, pode ter comprado mas a que o deputado Zecândido vai montar é tão possante que se ouve até na China. O Abdoral fica muito desorientado e diz: “- Compreendo agora, quer dizer que a China onde a gente escuta é a china da casa do Juca Feitosa que anda pelas ruas da cidade com uma Estação de Rádio fazendo propaganda da socopo [...]”.

[...] Valdemar Sandes entristecido disse: - O major é sincero e leal, mas acho que ele pegou o bonde errado, porque o deputado Zecândido não instala aqui nem sequer uma charutaria. [...].³⁴

Em 1951 foi anunciado pela Agência Nacional “A Voz do Brasil” que a Rádio Clube do Piauí havia sido outorgada, porém pelo fato do projeto desejado por José Cândido Ferraz ser audacioso demais para a época, boatos rondavam pelas praças, nos bares, nos jornais escritos e no rádio, seguramente porque não acreditavam que chegasse a ser verdadeiramente concretizada. Além de ser um investimento alto montar uma emissora de rádio, o deputado divulgava as pretensões de reformar inteiramente o prédio onde funcionava o Cine São Luiz e montar um auditório com 500 cadeiras, e com transmissores mais possantes dos que aqueles que possuíam a RDT.

Uma mesa de bar, mais do que um momento de diversão, bebendo com os “correligionários”, serve para se colocar em dia as conversas, trocar idéias, tecer opiniões políticas. Na conversa à mesa do “Café Avenida”, os interlocutores mostram ter idéias partidárias

³⁴ AS SETE maravilhas. *O Dia*. Teresina, ano I, n. 31, 2 set. 1951, p. 4.

contrárias, onde cada um procurava defender o seu partido, ou o seu candidato. Nesse diálogo, um deles fez referência à compra da RDT pelo presidente do PSD do Piauí, como foi aludido anteriormente, enquanto o outro defendeu a “rádio de papel” como a mais possante e que serviria ao deputado Zecândido.



Fotografia 22: José Cândido Ferraz
Fonte: O DIA, Ano IV, n. 194, Teresina (PI), 22 Jul 1954, p.3.

O deputado José Cândido Ferraz não escondia seu entusiasmo com o projeto de montar uma “possante” emissora de rádio para servir ao seu partido udenista. Em uma entrevista ao *Jornal Q-3*, publicada no jornal *O Dia*, de 1952, Zecândido declarou que, apesar do entusiasmo em torno da idéia de montar uma emissora fosse uma satisfação pessoal, o seu interesse estava além disto, pois sabia do prestígio e do poder político que lhe poderia render propagando um investimento de grande vulto, sobretudo nos anos 1950 em que a única emissora de rádio existente em Teresina estava “arrendada” pelas facções políticas do PSD.

Enquanto isso o seu partido, a UDN, tomava “a liberdade” de usufruir o serviço de alto-falantes para fazer propagandas política em períodos eleitorais³⁵. Apesar da importância das amplificadoras, deve-se considerar que em relação a uma emissora de rádio, os alto-falantes possuíam um raio de ação limitado, porém, não menos importante.

Segundo José Lopes dos Santos, o deputado federal José Cândido Ferraz era visto popularmente como um “[...] ‘negocista’, aproveitador dos mandatos políticos para locupletar-se de favores do Governo [...]”.³⁶ Diante destes comentários e boatos que circulavam em torno do *conto da carochinha* e das *sete maravilhas* propagadas pelo deputado, José Cândido Ferraz respondia às acusações dizendo que a instalação da emissora não é uma *estória*, um *conto de fadas*. O responsável pelo atraso da obra era o prefeito de Teresina, João Mendes, que atrapalhava o andamento das reformas, além de caluniá-lo afirmando que ele teria desviado os recursos oriundos de empréstimo concedido pela prefeitura municipal:

³⁵ Ver também: SOLON, D. V., Op. cit.

³⁶ Ver: SANTOS, J. L. dos, 1988, p. 213.

Podemos mesmo observar que o homem estava satisfeito e que a sua história não é “Conto da Carochinha”. O Zecândido acrescentou que o Prefeito João Mendes mandou suspender, no Piauí, os serviços de construção do prédio para a instalação da RÁDIO CLUBE, de sua propriedade, mas que ele prefeito está enganado! Disse mais, que o João Mendes mandou publicar no “Jornal do Comércio”, uma nota dizendo que ele (Zecândido) havia boicotado o empréstimo da Prefeitura e terminou dizendo que tudo isto é um ardid dos matustas (sic!) para incompatibilizá-lo com o povo teresinense, mas, a verdade é que o empréstimo não foi feito porque o Prefeito queria 5 milhões em 8 anos e o Banco só fazia de dois e meio milhões por 4 anos, e tão pouco apresentou garantias necessárias para o referido empréstimo.³⁷

Enquanto se desculpava com o povo, as promessas do deputado em torno da instalação da Rádio Clube do Piauí se tornavam cada vez mais distante da sua concretização. Em setembro de 1952, um mês após as comemorações do Centenário de Teresina, o jornal *O Dia* publica uma nota chamando a atenção para o fato de que o Dr. Geraldo Gunther viria do Rio de Janeiro para instalar os transmissores da Rádio Clube do Piauí – *A Voz de Teresina* – e dali a sessenta dias transmitiria do local “[...] onde serão colocados as possantes antenas [...] levarão aos céus do Brasil a mensagem inaugural de mais uma estação piauiense [...]”.³⁸ Em dezembro do mesmo ano, o deputado voltou ao jornal e ao microfone da RDT para dizer que a Rádio Clube do Piauí só funcionaria em fase experimental em fevereiro de 1953. Protelava-se o “sonho” do deputado e daqueles que esperavam ansiosamente pela chegada de uma nova emissora radiofônica na capital.

Em sua recente entrevista a Rádio Difusora de Teresina, o sr. José Cândido Ferraz declarou que a Rádio Clube do Piauí deverá estar funcionando, em fase experimental, no próximo mês de fevereiro. Muita gente vê, com certa reserva, a existência de duas estações radiofônicas em Teresina, entendendo que a nossa capital apenas tem margem para sustentar, financeiramente, uma estação. Pode ser que sim, mas não opinamos pelo mesmo diapasão. Gostamos de rádio, e, a nosso ver, a existência de mais uma estação emissora irá contribuir, sem dúvida para que ambas procurem esmerar-se ao máximo possível, nas programações. Com isso lucrarão os ouvintes. [...].³⁹

O decreto de falência da Rádio Clube do Piauí Ltda., foi publicado no jornal *O Dia* e no *Diário Oficial*, e de acordo com decreto-lei que regia os interesses privados de instalação de emissoras de rádio, houve motivos para que o Banco do Brasil solicitasse, ao Juiz da Quarta

³⁷ CARTAS do Rio. *O Dia*. Teresina, ano I, n. 38, 21 out. 1951, p. 6.

³⁸ A VOZ de Teresina. *O Dia*. Teresina, ano II, n. 85, 14 set. 1952, p. 1.

³⁹ RÁDIO. *O Dia*. Teresina, ano II, n. 98, 14 dez. 1952, p. 7.

Vara, o pedido de falência da Rádio Clube do Piauí, conforme este fragmento extraído do edital de citação a credor publicado pelo *O Dia*:

[...] Perante este Juízo a firma Rádio Clube do Piauí Limitada impetrou a concordata preventiva de que dá notícias êstes autos e cujo pedido foi deferido pelo despacho de folhas de 32. Prosseguia o presente processo seus trâmites legais até que o credor Banco do Brasil Sociedade Anônima, com a petição de fls. 69 a 75, alegando a ocorrência do disposto no artigo 8º, combinando com os artigos 140, II, e 162, I, da Lei de Falências, em vigor, e, pois, a impossibilidade do prosseguimento deste processo da concordatária. Em verdade, face às alegações do credor, requerente, e aos documentos que as mesmas acompanham, contata-se a procedência do pedido, eis que “efetivamente firmando preceito de ordem pública, que como é claro, predomina sobre os interesses privados, o decreto-lei n. 7.661, de 21 de junho de 1945, no seu artigo 162, n. I, estatui imperativamente que o Juiz decretará a falência, se, em qualquer momento do processo, houver pedido do devedor ou ficar provado, entre outros casos, a existência de qualquer dos impedimentos enumerados no art. 140” (sent. Do dr. Prudente de Siqueira “Diário da Justiça” – 6/1/47 – pág. 52). Isto posto, achando-se provado o impedimento à concordata, e atendendo ao imperativo legal, declaro aberta hoje, às dez (10) horas, a falência da Rádio Clube do Piauí Limitada [...].⁴⁰

Em outras palavras, José Cândido Ferraz não cumpriu o acordo firmado com a instituição financeira e esta entrou com o pedido de falência da Rádio Clube do Piauí Ltda. perante Juízo de Direito da Quarta Vara, em novembro de 1954. De fato, o requerente teve provas de que o deputado José Cândido Ferraz não pagou a concordatária até aquele ano, e o Juiz decretou falência em dezembro de 1954, por que assim exigia a lei. A Rádio Clube do Piauí ficou mais uma vez apenas como “rádio de papel”.

Os episódios do *conto da carochinha* que se estendiam desde os anos 1940 chegaram ao fim em 1954. E, dessa história, as interpretações que ficaram se referem, em primeiro lugar, ao fato de que o deputado José Cândido Ferraz teria gasto o dinheiro que recebeu do Banco do Brasil para ser aplicado nas duas sociedades fundadas por ele: a Rádio Clube do Piauí Ltda. e a Gráfica Piauiense (Ver Anexo B), tal como denunciava o prefeito de Teresina João Mendes através do *O Dia*, de 1951, e o *Jornal do Piauí*⁴¹, de 1954. Em segundo lugar, está relacionada à

⁴⁰ O DIA. Teresina, ano IV, n. 212, 02 dez. 1954, p. 2.

⁴¹ ZÉ CANDIDO gastou 17 milhões do Banco do Brasil. *Jornal do Piauí*. Teresina, ano III, n. 245, 25 mar. 1954, p. 1.

política de concessão de rádio. Segundo Karam Jorge Cury⁴², ocupando a posição de jornalista, nunca ouviu comentários de que deputado José Cândido Ferraz tenha ficado com o dinheiro que era para ser empregado na instalação da Rádio Clube do Piauí, pois, o deputado era uma pessoa comprometida com o Piauí e, mesmo sendo de partido diferente do dele, à época, nega qualquer assertiva de que José Cândido Ferraz tenha lesado os cofres públicos. Embora os mais otimistas tivessem ficado entristecidos, o decreto de falência ratificava os “boatos” de que a Rádio Clube do Piauí não passou de um *conto da carochinha*.

Algum tempo depois, a imprensa escrita local noticia a elaboração de outro projeto que visava à implantação de uma emissora de rádio que deveria se chamar Rádio Cultura do Piauí, firmado por um contrato particular em 1956. Este projeto foi proposto por Karam Jorge Cury, jornalista e radialista radicado na capital da República, em conjunto com seus irmãos, Abdala Jorge Cury e Camal Jorge Cury. A sociedade por cotas deveria dispor de um capital de Cr\$ 500.000,00 (quinhentos mil cruzeiros), e tinha como objetivo explorar o serviço de radiodifusão com finalidades educativas, culturais e artísticas, e outros serviços, conforme o contrato particular de constituição da rádio publicado no jornal *O Dia* de 1956.

O empreendimento dos “irmãos Cury” foi ovacionado pela imprensa escrita que o via como um instrumento de progresso, em especial, porque Teresina em relação a outras capitais do Nordeste contava apenas com uma estação de rádio até os anos 1950.

[...] E é por isso que louvamos a idéia de Karam Jorge Cury de fundar uma Emissora em Teresina. Idéia, porém, que será concretizada ainda este ano, pois Karam Cury – radialista radicado na Capital da República e diretor-proprietário da apreciada revista “Caravana” – é um moço de espírito empreendedor e progressista, bem relacionado no Rio de Janeiro e dotado de excelentes qualidades de cavalheiro de fino trato. Sua emissora, que terá o nome de Rádio Cultura do Piauí, já conta com o capital necessário para a sua fundação e instalação e cujo contrato já foi oficialmente anunciado. Karam Jorge Cury, tem como sócios, os seus irmãos Kamal Jorge Cury e Abdala Cury, residentes nesta capital e pessoas de reconhecida idoneidade moral, sendo o primeiro jornalista militante em nosso meio. O empreendimento dos irmãos Cury já tem o apoio entusiasta de diversas entidades de classe de nossa Capital e, com certeza receberá também, os aplausos dos poderes públicos e da sociedade teresinense e do povo de todo o Piauí, visto como Teresina se desenvolve cada vez mais e pode muito bem possui mais uma emissora.⁴³

⁴² CURY, Karam Jorge. *Entrevista concedida a Nilsângela Cardoso Lima e Luciana de Lima Pereira*. Teresina (PI), 16 de Fevereiro de 2007.

⁴³ SILVA, Cunha. Nova emissora. *O Dia*. Teresina, ano VI, n. 354, 10 maio 1956, p. 6.

O discurso acima, além de exaltar o projeto de uma nova emissora de rádio na capital do Estado, pretendia instigar os piauienses a darem crédito ao novo empreendimento radiofônico vinculado a Karam Jorge Cury. Cunha e Silva aproveitou também o espaço do jornal para fazer críticas àqueles que não acreditavam na implementação de mais um veículo de comunicação, sinônimo de progresso, cultura e recreação para a capital do Estado, e que ainda estavam ligados às “[...] tendências negativistas e do apego à rotina. [Considerando que,] nossas crises financeiras, nossos fracassos administrativos e nossos infortúnios, como unidade federativa desprezada do Poder Central da República, não de, um dia, passar [...]”.⁴⁴

Todavia, as forças políticas partidárias que comandavam o Estado do Piauí no início da segunda metade do século XX, temiam o surgimento de uma segunda emissora de rádio em Teresina. Embora o jornalista Karam Jorge Cury fosse vinculado às convicções políticas pessedistas, a Rádio Cultura do Piauí poderia abrir espaço para que forças oposicionistas do Estado utilizassem desse novo meio de comunicação para propagar suas idéias, denunciando através das ondas sonoras os desmandos políticos daqueles que estavam no poder.

Em 1956, é concedida pelo Presidente Juscelino Kubistchek, a liberação de instalação da Rádio Cultura do Piauí, conforme publicado no jornal *O Dominical*:

Concedida a Instalação da Rádio Cultura do Piauí
 Transcrevemos, abaixo, o Decreto do Exmo. Sr. Presidente da República que autoriza o funcionamento da Rádio Cultura do Piauí Ltda.
 Decreto nº 39.624 de 18-7-56. Outorga concessão à Rádio Cultura do Piauí Limitada, para instalar uma estação rádio-difusora de ondas médias.
 - O Presidente da República usando da atribuição que lhe confere o Artigo 87, nº 1 da Constituição, atendendo ao que requereu a Rádio Cultura do Piauí Limitada e tendo em vista o disposto no artigo 5º nº XII, da mesma constituição, decreta:
 Art. 1º - Fica outorgada concessão da Rádio Cultura do Piauí Limitada, nos termos do Art. 11 do Dec. nº 24.655, de 11-7-54, para estabelecer na cidade de Teresina, Estado do Piauí, sem direito de exclusividade, uma estação rádio-difusora de ondas médias, destinada a executar os serviços de radiodifusão.
 Parág. único: o contrato decorrente desta concessão obedecerá às cláusulas com que ele baixam rubricadas pelo Ministro de Estado de Negócios da Aviação e Obras Públicas, e deverá ser assinado dentro de 60 dias, a contar da data publicação deste decreto do Diário Oficial, sob pena de ser considerada nula a concessão.
 Art. 2º - Revegam se as disposições em contrário.
 Rio de Janeiro, em 18 de julho de 1956, 137º da Independência, 68º da República.

⁴⁴ SILVA, Cunha. Nova emissora. *O Dia*. Teresina, ano VI, n. 354, 10 maio 1956, p. 6.

Juscelino Kubistchek [grifo do autor]
Lúcio Maria⁴⁵

Apesar de a sociedade por cotas firmadas da emissora pelos “irmãos Cury” já ter em mãos o capital necessário para sua fundação e instalação, foi mais um projeto de rádio que ficou no papel. Se o malogro da Rádio Clube do Piauí foi atribuído ao fato de que o deputado José Cândido Ferraz teria agido de má fé, gastando os recursos financeiros destinados à instalação de sua emissora⁴⁶, no que tange ao projeto da emissora de rádio dos “irmãos Cury”, surge outro elemento: a política de concessão de rádio como barganha política, que “[...] baseia-se no compromisso de responsabilidade social pela iniciativa privada, de acordo com a Constituição Federal”.⁴⁷ De 1922 a 1987, o modelo de concessão de rádio ficou atrelado e submisso ao poder Executivo, o que favorecia aos interesses políticos da classe dominante. Primeiro, porque a concessão precisaria ser aprovada pelo Executivo Federal e Congresso Nacional; e segundo, as exigências econômicas e técnicas para montar uma estação de rádio e mantê-la funcionando exigia um financiamento alto.

“Depois de conseguida a concessão, prossegue o atrelamento do dono da emissora ao Estado”.⁴⁸ A afirmação de Osmani Costa reflete diretamente ao “cordão umbilical” estabelecido entre a RDT e o PSD no projeto de instalação e o seu fortalecimento com a entrada da emissora no Diários e Rádios Associados, em 1952, como também, para a nova emissora, a Rádio Cultura do Piauí.

Face à ausência, nas fontes escritas, sobre a falência da Rádio Cultura do Piauí, *a priori*, seria possível apontar que a instalação da emissora não foi concretizada por motivo de uma intervenção política e, em particular, da influência de Assis Chateaubriand, o “todo poderoso” dos meios de comunicação, que utilizava o império como moeda de troca para barganhas políticas. Karam Jorge Cury através do jornal *O Dia*, veiculava notas que atingia o prestígio de Assis Chateaubriand.

Notas e comentários – por Karam Cury – “Manchetes”

⁴⁵ CONCEDIDA a instalação a instalação da Rádio Cultura do Piauí. *O Dominical*. Teresina, ano XX, n. 31, 29 jul. 1956, p. 1.

⁴⁶ Cf. Anexo B.

⁴⁷ COSTA, O. F. Op. cit., p.35.

⁴⁸ Osmani Costa reitera que, o poder de interferência do Estado sobre as emissoras de rádio aumentou em 1967, durante o regime militar, uma vez que o Ministério das Comunicações concede ao governo o poder de fiscalizar e cancelar concessões caso encontre irregularidades.

CHATÔ ESTÁ APODRECENDO – O mundo

Em São Paulo está sendo movido, pela sociedade paulista, um processo – crime contra o Senador Assis Chateaubriand. O conhecido jornalista que foi paraninfo do Centenário de Teresina, está sendo qualificado de tarado, tendo usado e abusado a Imprensa e o Rádio como instrumento de corrupção. Mas kikoisa heim?⁴⁹

Sabendo da influência que Assis Chateaubriand desfrutava junto aos seus correligionários e do controle que tinha dos meios de comunicação, o “prestígio” de Chatô na política deve ter contribuído para a falência do projeto de instalação da Rádio Clube do Piauí.

Todavia, essa hipótese foi sorratamente refutada pelas *lembranças* de Karam Jorge Cury⁵⁰. Sabe-se que a memória tem seus “desvios”, podendo ser mudada de acordo com o contexto histórico e afetivo daquele que lembra. Ainda que Karam Jorge Cury tenha publicado pela imprensa escrita, de Teresina, críticas sobre a atuação do “todo-poderoso das Associadas” e do uso do seu império de meios de comunicações para negociações políticas, em um determinado momento da entrevista, ressalta a importância que Chatô teve para os meios de comunicação do país, e se colocou como admirador de Assis Chateaubriand.



Fotografia 23: Karam Jorge Cury
Acervo pessoal de Karam Jorge Cury

⁴⁹ CURY, Karam. Chatô está apodrecendo – o mundo. *O Dia*. Teresina, ano II, n. 20, 19 out. 1952, p. 7.

⁵⁰ Cf. CURY, Karam Jorge. Op. cit.

O jornalista Karam Jorge Cury relata que, durante o período em que as concessões de canal de rádio estiveram sob a tutela do poder Executivo Federal⁵¹, os partidos de oposição ao governo federal tiveram dificuldades para conseguir a liberação de um canal de emissora de rádio. Segundo o jornalista, o projeto de instalação da Rádio Cultura do Piauí estava vinculado a um projeto de ordem política e, que a autorização para o funcionamento da emissora foi conseguida por intermédio do deputado Hugo Napoleão Rego, eleito pelo PSD, em 1954.

E, embora o presidente pessedista Juscelino Kubistchek tivesse liberado o canal em 1956, toda a estrutura da rádio era para ser montada na década de 1960. Porém, chegado o momento de instalar a Rádio Cultura do Piauí Ltda., o projeto não foi efetivado porque os políticos interessados na instalação da emissora, uma facção do PSD do Piauí, queriam fazê-la unicamente com o propósito partidário, e o jornalista e radialista Karam Jorge Kury seria apenas um interlocutor a serviço do partido político. Desvirtuando do projeto inicial do idealista da Rádio Cultura do Piauí Ltda. de explorar o “[...] serviço de radiodifusão por meio de uma estação de ondas médias ou de ondas tropicais, com finalidade artística, cultural e educacional e o que mais lhe for permitido por lei [...]”⁵², Karam Jorge Cury não levou adiante o projeto.

Relegada à condição de “rádio de papel”, Karam Jorge Kury acrescenta que a grande frustração foi não ter realizado o sonho de instalar a Rádio Cultura do Piauí e ver que o seu projeto de promover cultura e informação para o Piauí, através das ondas do rádio, desfaleceu frente ao propósito unicamente partidário que queriam implantar na emissora.

Lançado dados que indicam respostas à pergunta levantada anteriormente sobre as “rádios de papel”, voltemos o olhar para a RDT, agora ressaltando como a emissora saiu do posto de *situação* nos anos 1950 para o de *oposição*, em 1960, no jogo político partidário do Piauí.

3.3 RDT – De situação (1950) à oposição (1960)

⁵¹ De acordo com Costa, “nesse período [1922 a 1987], as concessões de emissoras serviram como moeda de troca para barganhas econômicas e políticas entre o Executivo federal, os políticos – nos níveis nacional, estadual e municipal – e os empresários do setor de radiodifusão”. Atualmente, as concessões são estabelecidas pela ANATEL, através de uma portaria do ministro das comunicações, desde que comprovem e/ou garantem financeiramente mantê-las funcionando. (COSTA, O. F. Op. cit., p. 37)

⁵² CONTRATO particular de constituição da Rádio Cultura do Piauí Limitada. *O Dia*. Teresina, ano I, n. 332, 23 fev. 1956, p. 4.

Ficou a marca de que, na década 1950, a Rádio Difusora se comportou como governista, sobretudo porque seu espaço servia de palanque eleitoral e de divulgação das ações políticas do PSD e, com a ajuda do meio radiofônico, se elegeram como governadores do Piauí, o Cel. Pedro Almeida Freitas (1949-1952) e o General Manuel Gayoso e Almendra (1953-1958), ambos pelo PSD.

Entretanto, conforme consta nas fontes escritas e orais, até 1954, a RDT não teve um programa específico para os pronunciamentos políticos do PSD, de maneira que os anúncios de caráter partidário eram feitos no decurso de comentários dos locutores de determinados programas, em especial, o *Jornal Q-3*. Em agosto de 1954, a RDT passou a transmitir o programa denominado *O PSD na Vanguarda*, às vinte uma horas e, em 1955, passou a ser irradiado na segunda, quinta e sexta-feira, no horário de vinte horas e trinta minutos.

No horário do programa *O PSD na Vanguarda*, os candidatos pessedistas usufruíam do espaço para fazerem campanha política, informar para os eleitores a proposta de governo e, principalmente, “[...] transformar a massa amorfa de ouvintes na força agregada da paixão política [...]”⁵³, ou seja, conquistar o voto.

A campanha publicitária de caráter eleitoral transmitido pela RDT contribui para que alguns candidatos pessedistas saíssem vitoriosos das urnas eleitorais, passando a ocupar cargos no governo, no senado, na câmara municipal e na assembléia legislativa.

O PSD conquistou, através de eleição direta, o cargo de Governador em duas oportunidades: em 1949 com a vitória do Coronel Pedro Freitas e em 1952 com o General Manuel Gayoso e Almendra, perdeu o governo com a vitória de Francisco das Chagas Rodrigues da coligação UDN-PTB, em 1958. A vitória do candidato da coligação UDN-PTB foi atribuída por José Lopes dos Santos ao desastre chamado “Cruz do Cassaco”, que envolveu líderes políticos candidatos a governador do Estado:

O sucessor de Pedro Freitas, General Gayoso e Almendra, eleito por uma aliança entre o Partido Social Democrático e o Partido Trabalhista Brasileiro – então sob a presidência do Senador Matias Olímpio de Melo, que havia rompido com a UDN – não foi vitorioso nas eleições de 1958. Além de todas as dificuldades que já enfrentava naturalmente, e também por força do rompimento do PTB com o PSD – de que resultou a candidatura que se renunciava vitoriosa ao Governo do Estado, do advogado Demerval Lobão

⁵³ SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: _____ (Org.). *História da Vida Privada do Brasil República: da belle époque à era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras. 1998, p. 587.

Veras, de quem Marcos Santos Parente era companheiro de chapa como candidato ao senado – ocorreu um fato doloroso, que o Piauí ainda hoje recorda e lamenta, o desastre de CRUZ DO CASSACO no qual, entre outros, Demerval Lobão E Marcos Parente perderam a vida, em plena campanha. Apressadamente, a menos de um mês da data marcada para a eleição, os dois candidatos foram substituídos por Chagas Rodrigues (PTB) e Joaquim Parente, irmão de Marcos (UDN). Elegeram-se ambos com facilidade, ajudados, inclusive pelo impacto emocional da tragédia que enlutou o Piauí inteiro. Na mesma eleição Tibério Barbosa Nunes e Petrônio Portela Nunes, ambos da UDN, foram guindados aos cargos de Vice-governador e Prefeito de Teresina, respectivamente pelo que passaram a comandar postos-chave de influência decisiva nas eleições de [19]62.⁵⁴

O desastre que abalou os piauienses foi observado por José Lopes dos Santos como o principal fator para a vitória da UDN, que repercutiu com maior força do que a propaganda pessedista pelas ondas da RDT. A virada udenista-petebista no final dos anos 1950 refletiu, diretamente, no posicionamento da RDT como governista, que perdido o pleito de 1958/59 o partido passou a investir em “publicidade” na emissora, ainda mais num momento de derrota, onde precisariam da rádio como veículo para “aumentar” suas forças visando às eleições seguintes.

Em janeiro de 1960, é inaugurada a Rádio Clube de Teresina (RCT). Fruto de um projeto de políticos locais que pretendiam manter uma estrutura de comunicação para fins políticos, além da programação de entretenimento, informativa e cultural. Posteriormente, as ações da nova emissora foram adquiridas por Valter Alencar, filiado à UDN e um empreendedor, no setor de comunicações do Piauí. O surgimento da segunda rádio em Teresina, cujas raízes estavam fincadas no partido udenista, passou a oferecer um novo meio de comunicação, no campo das disputas política partidárias do Piauí.

A RDT que comandou por doze anos o setor de radiofonia de Teresina passou a dividir e a disputar a preferência dos ouvintes não só em termos da programação novelística, noticiosa e musical, mas também do programa criado pela RCT, chamado *Falando com o Povo*, irradiado às quarta-feira, destinado a transmitir os pronunciamentos do governo, contando com a presença de Chagas Rodrigues no estúdio da emissora.

Da nova condição que passou a ocupar no cenário radiofônico de Teresina nos anos 1960, de concorrente de audiência e de oposição política, a RDT em parceria com o jornal escrito *Folha da Manhã*, passaram a denunciar o que os pessedistas consideravam desmandos políticos:

⁵⁴ SANTOS, J. L. dos., 1988, p.18.

[...] As forças oposicionistas do Piauí, que reúnem em suas fileiras as mais autorizadas, legítimas e poderosas correntes da oposição pública piauiense, a partir de hoje, todas as quintas-feiras, às nove horas da noite, através da Rádio Difusora de Teresina, levarão a efeito um programa de esclarecimento ao povo piauiense, numa campanha cívica, revestida de cunho eminentemente democrático, destinado a reagir, com energia e elevação, contra desmandos de um Governo que, tendo perdido toda a noção de responsabilidade, levando o Estado a uma situação de conseqüências desastrosas e imprevisíveis.⁵⁵

A oposição pessedista pretendia fazer um ataque direto à pessoa de Chagas Rodrigues através da RDT. Por um lado, afirmavam que a RCT foi instalada de forma ilegal e que a emissora funcionava com um grupo de geradores desviados do Departamento de Estradas de Rodagens (DER) do Piauí. De outro, divulgavam pelos microfones da ZYQ-3 e do jornal *Folha da Manhã*, a imagem de um político demagogo, mau administrador do erário público e sem planos para o crescimento econômico do Piauí.



Fotografia 24: Solenidade de inauguração da Rádio Clube de Teresina, em 31 de janeiro de 1960: Petrônio Portela, Genu Moraes, Governador Chagas Rodrigues, Cônego Benedito Cantuário (Vigário de Teresina) e Clidenor de Freitas Santos.

Acervo do Museu Histórico do Piauí

A crítica tecida ao petebista Chagas Rodrigues estava relacionada ao uso que o partido fazia da RCT para anúncios políticos, que para os corações magoados pela perda do governo

⁵⁵ OPOSIÇÃO em marcha. *Folha da Manhã*. Teresina, ano V, n. 1179, 08 fev. 1962, p. 6.

em 1957/58, afirmavam que ele estava sendo demagogo por propagar pelas ondas o rádio a idéia de que o Piauí vivia anos de prosperidade e desenvolvimento econômico. Os pessedistas visavam diminuir a popularidade do Chagas Rodrigues e a audiência do programa *Falando com o Povo*, usufruindo deste veículo de comunicação de grande receptividade para atingir determinados interesses.

Na trama política e no uso político dos meios de comunicação de Teresina, nos anos 1950 a 1960, fica evidente que os interlocutores da RDT e do jornal *Folha da Manhã* se unem, através de uma campanha, que tinha como objetivo fazer oposição ao governo de Chagas Rodrigues. As críticas nas colunas do jornal não eram assinadas, mas os proprietários do jornal *Folha da Manhã* e o editor são pistas dos interesses que defendiam.

3.4 Profissionais da RDT na trama dos pleitos eleitorais

Na história do rádio no Brasil, esse meio de comunicação potencializou a carreira política-partidária de muitos locutores e concessionários de emissoras de rádio e TV, seja porque se transformaram em nomes queridos pelo público, seja porque faziam a propaganda de forma velada de suas campanhas.

Como foi aludida no capítulo 2, a RDT serviu de espaço para questionamento dos papéis sociais tradicionais femininos e masculinos, que já vinham sendo colocados em xeque a partir das novidades trazidas pelo mundo moderno, uma vez que promoviam uma alteração dos costumes ditos tradicionais, dos valores morais normatizadores ainda arraigados na sociedade teresinense, da primeira metade do século XX. Embora a “radiodite” tenha atraído jovens para a vida radiofônica, essa atividade, inicialmente, não foi bem recebida pela sociedade, por confundí-la com uma atividade marginal e ligada à boêmia. E, apesar do estigma que rondava os integrantes do *cast Q-3*, a RDT ao tempo em que recebia crítica, recebia também aplausos, desde que se comportasse dentro dos parâmetros hegemônicos. Dessa maneira muitos radialistas do *cast Q-3* venceram os estereótipos e ganharam popularidade, o que permitiu que alguns deles fossem eleitos para representar a comunidade teresinense e piauiense na câmara municipal e na assembléia legislativa.

No que tange à relação Rádio e Política, a RDT foi palco para ascensões políticas, pois se constituía num espaço de construção de uma imagem pessoal. No entanto, fazer um estudo sobre o ingresso de radialistas na vida política, é conceber não apenas a idéia de que tais radialistas conseguiram sucesso nas urnas apenas pela fama e popularidade que adquiriram através do rádio, mas também como o comunicador e “[...] aquele profissional que detém um programa próprio, e assim, através de seu trabalho e atuação diária no rádio, tem mais possibilidade de incorporar ao seu programa e a sua própria imagem pessoal uma marca que o caracteriza como profissional do rádio”.⁵⁶

No entanto, não interessa aqui fazer um mapeamento/levantamento em torno dos radialistas que se elegeram nos pleitos do corte temporal privilegiado por este estudo (1948 a 1962), mas ressaltar como a RDT foi mediadora para que locutores, cantores, artistas e animadores de programas potencializassem suas ações e seu comportamento, de maneira a produzirem uma identificação com o público ouvinte, criando com ele laços de afetividade.

Osmani Costa aponta que, desde a década de 1940, radialistas têm ingressado na carreira política como candidatos a cargos eletivos, surgindo a figura do radialista-candidato. Trata-se de um tipo de radialista que, incorporando o papel de candidato desvinculado de uma ideologia ou militância política, mostra-se capaz de exercer carreira através da propaganda política no período eleitoral, geralmente, proferindo um “discurso político-eleitoreiro que herdou do velho populismo getulista”.⁵⁷ O rádio servia não só à divulgação de ações governamentais, como também a outras finalidades:

[...] tornando-se prestadora de serviços essenciais ao público ouvinte, que passou a ter nela “companheira” de todas horas, principalmente as mais difíceis. Por isso, os apresentadores de programas com grandes audiências estabeleceram fortes vínculos com os ouvintes, passando a fazer parte do cotidiano da comunidade tornaram-se verdadeiras “tribunas livres” para a participação popular, e seus apresentadores começaram a ser considerados, pelos ouvintes, como aliados. Alguns radialistas, ainda, foram galgados ao posto de “estrelas” das emissoras e ídolos dos ouvintes. Daí para a delegação de poder e mandato aos radialistas, através de eleições, o caminho foi curto e rápido.⁵⁸

⁵⁶ ESCH, Carlos Eduardo. Do microfone ao plenário: o comunicador radiofônico e seu sucesso eleitoral. In: DEL BIANCO, Nélia R.; MOREIRA, Sonia Virgínia (Org.). *Rádio no Brasil: Tendências e perspectivas*. Rio de Janeiro: Ed. Universidade Estadual do Rio de Janeiro; Ed. Universidade de Brasília, 1999, p. 75.

⁵⁷ COSTA, O. F. Op. cit., p. 139.

⁵⁸ Ibid., p. 151.

Durante a década de 1950, a RDT era sintonizada diariamente pelos ouvintes que procuravam entretenimento, informação e as novidades, que, a cada programa, os locutores e demais artistas levavam ao ar. A voz do locutor fazia parte do dia-a-dia do teresinense, que, ao som do rádio, chamava o “amigo ouvinte” para participar do seu programa, firmando a relação emissor-receptor. Dentre aqueles radialistas que alteraram o cotidiano teresinense e tramaram novas estratégias, para garantir a audiência de seus programas, pode-se destacar Maria Guadalupe, Pedro Mendes Ribeiro, José Eduardo Pereira, Álvaro Lebre, Rodrigues Filho, Dídimo de Castro, Antônio Barbosa de Miranda, José Lopes dos Santos, dentre outros integrantes do *cast Q-3*, que, a partir do rádio, entraram nos domínios da vida política, candidatando-se ao senado, a assembléia legislativa e a câmara municipal. Dentre esses radialistas, alguns conseguiram vitória nas urnas, outros tiveram que se contentar em continuar na vida pública, somente como locutor, cantor ou animador de programas de rádio.

Não obstante os vários nomes acima citados, dentre os profissionais do rádio que pretenderam entrar na vida política, serão estudados, neste tópico, apenas Rodrigues Filho, Álvaro Lebre, Antônio Barbosa de Miranda e José Lopes dos Santos, os quais criaram, em seus programas, laços de afetividade com o público ouvinte.

Nos anos 1950, a RDT teve dois importantes programas de auditórios e de calouros que animaram os domingos não só dos teresinenses, mas também dos piauienses, em geral. Um deles era apresentado pelo Diretor Artístico da RDT, João Rodrigues de Azevedo Filho, que animava o programa *Atualidades Rodrigues Filho*. O outro esteve sob responsabilidade de Álvaro Lebre, conhecido popularmente por Al Lebre, animador do *Domingo Alegre*. Dominando o rádio, os animadores de auditórios passaram a alimentar a pretensão de exercer cargos políticos, e, assim, na década de 1950, se lançaram na campanha para vereador da câmara municipal de Teresina.

Tinhorão chama a atenção para os programas de auditórios que sendo, “[...] a base de entrada gratuita e oferecimento de prêmios começaram a desempenhar o duplo papel de casa de espetáculos populares e fonte possível de emprego em atividade de larga projeção pessoal [...]”⁵⁹, atingiram grande sucesso e deram prestígio aos apresentadores dos programas que, dada a audiência, eram reconhecidos socialmente. Concomitante ao rádio, Rodrigues Filho e Al Lebre, trabalharam em repartições públicas, o primeiro, foi funcionário do DNOCS (Departamento

⁵⁹ TINHORÃO, J. R. Op. Cit., p. 45.

Nacional de Obras Contra a Seca – PI) e o segundo, do IAPEP (Instituto de Assistência e Previdência do Estado do Piauí).

Entretanto, embora trabalhando em repartições públicas de caráter “assistencialista”, o *status* de “*speaker* de rádio” e de apresentador de programas de auditório da RDT teve sua parcela de contribuição, para que João Rodrigues de Azevedo Filho e Álvaro Lebre obtivessem êxito nas eleições como candidatos a vereador em Teresina nos anos 1950 e 1960, chegando a ocupar uma vaga na câmara municipal.



Fotografia 25: Al Lebre, na cobertura do processo eleitoral, em 1962.

Fonte: *Meio Norte*, Teresina, ano LVIII, n. 11448, 17 set. 2001, p. 6.

Segundo Carlos Eduardo Esch, esses programas oferecem um contato direto com o povo e estreitam os laços entre apresentadores e ouvinte, assim como passam a fazer parte de seu cotidiano, formando uma relação de amizade:

Estabelece-se, em muitos casos, uma verdadeira interação entre comunicador e o ouvinte com desdobramentos importantes. Ao consumir, por intermédio do rádio, uma relação tão próxima com os indivíduos o comunicador tende a ser incorporado como um elemento do cotidiano de seu público. O trabalho que realiza sofre influências, recebe diferentes interpretações, gera significados variados e pode interferir de maneira distintas no dia-a-dia dos seus ouvintes e dos demais atores sociais. Tudo conduzido em um clima de amizade e companheirismo que marca a atuação dos chamados “comunicadores” – profissionais que têm no seu estilo próprio de comunicação com o ouvinte a marca do “companheiro de todas as horas”.⁶⁰

⁶⁰ ESCH, C. E. Op. cit., p. 71.

Al Lebre, além do programa de auditório *Domingo Alegre* apresentou um programa matutino na RDT chamado *Vamos Acordar*, que ia ao ar das 5 às 7 horas. Nesse horário, além de *acordar* as pessoas ao som de seus chocalhos, transmitia notícias, dava recados, fazia convites para festas, velórios, missas, batizados, casamentos, prestava serviços de utilidade pública, assim como disponibilizava o microfone para que os ouvintes dessem seus recados diretamente ao destinatário. Através desse programa, angariou uma legião de ouvintes, pois se colocava como “um aliado de seus ouvintes ao apresentar e defender por intermédio dos microfones, os pedidos, as reclamações e reivindicações de natureza social”⁶¹. Com a ajuda dos programas feitos na RDT, *Domingo de Festa* e *Vamos Acordar*, Al Lebre se fez popular e se tornou vereador da câmara municipal da capital em 1962, eleito pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).⁶²

João Rodrigues de Azevedo Filho se candidatou a vereador de Teresina em 1958 pelo Partido Social Democrático (PSD), ficando como suplente com apenas 392 votos⁶³. Em 1962, candidatou-se a uma das vagas da câmara municipal de Teresina, sendo eleito a vereador pelo PSD. Desde então, Rodrigues Filho ocupou uma cadeira nas sessões parlamentares, legislando até 1981.⁶⁴

Os programas de auditórios da RDT além de dar aos apresentadores o “prestígio de homens públicos”, também ajudaram para que alguns cantores saíssem do anonimato, contribuindo para que artistas alcançassem reconhecimento social e o posto de “Cantor de Rádio”. Para o ex-sonoplasta da RDT, José Ribamar Teixeira e Silva, dada às dimensões geográficas de Teresina dos anos 1950, de ser ainda uma cidade pequena, os radialistas e demais integrantes do *cast Q-3* ficaram conhecidos, diferenciando-se dos demais partícipes da sociedade teresinense.

Antônio Barbosa de Miranda foi um dos cantores da RDT que também ocupou uma vaga na câmara municipal de Teresina. Conhecido popularmente por Totó Barbosa, pertenceu ao *cast Q-3* apresentando-se como cantor durante os programas de auditórios. Como “prata-da-casa” ajudou a animar um dos programas mais populares da RDT e, através dele, também adquiriu

⁶¹ ESCH, C. E. Op. cit., p. 72.

⁶² Cf. ELEIÇÕES 1962 – Resultado. Tribunal Regional Eleitoral do Piauí. Seção de Planejamento, Documentação e Informações de Eleições e do Cadastro Eleitoral-SEPLANDI, Teresina, 2007.

⁶³ Cf. ELEIÇÕES 1958 – Resultados. Tribunal Regional Eleitoral do Piauí. Seção de Planejamento, Documentação e Informações de Eleições e do Cadastro Eleitoral-SEPLANDI, Teresina, 2007.

⁶⁴ Cf. MORAES, Herculano. *Senadinho* – roteiro para a história da Câmara Municipal de Teresina. Teresina: [s/ed.], 2004.

reconhecimento social, diminuindo o preconceito e os estereótipos de “vagabundo” e “boêmio” atribuídos aos radialistas, artistas, cantores e violeiro. Além das apresentações no programa de auditório da RDT, Totó Barbosa exerceu uma outra profissão que contribuiu para que ele fosse conhecido nas diferentes instâncias de Teresina, a de fotógrafo. E, como fotógrafo, participou dos diferentes eventos que aconteciam na capital: bailes, carnaval, casamentos, jogos esportivos, eventos sociais, concursos de miss etc.



Fotografia 26: Totó Barbosa em companhia do Regional Q-3 da Rádio Difusora de Teresina.

Fonte: Caderno de Teresina. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, ano XIV, n 34, nov. 2002.

Das profissões que exerceu, uma estava muito próxima daqueles que saíam do rádio para se candidatarem a cargos políticos: a de cantor de rádio. Embora rádio e política tivessem lado a lado em campanhas políticas, Totó Barbosa conta que não tinha vocação para a política, e que a sua candidatura a vereador em 1968, foi fruto de um convite pessoal de um correligionário do Movimento Democrático Brasileiro (MDB):

Eu tinha, eu saía muito à noite com o Guedes com o Eliziário, e pedia, naquele tempo era bom pedir voto, o pessoal acreditava na gente, hoje é outra coisa, hoje é... (riso) sei lá é, que a gente fazia campanha eu ia nas casas das pessoas, ou na casa das pessoas na periferia coisa e tal, e fui eleito, a primeira vez com

mil e tantos votos, naquela época, parece, foi Totó? A segunda vez com três, dois mil e tanto. Eu não, não tenho nada contra a política, não quero é mais, não quero é mais, pra cima de mim, não quero, não tenho mais idade pra isso não.⁶⁵

Além do pedido pessoal, Totó Barbosa afirma que durante a campanha seu nome era divulgado pelo rádio. Contando com tamanha propaganda política e com sua popularidade do cantor, Totó Barbosa foi eleito em 1968, exercendo sua primeira legislatura como vereador de Teresina no período de 1969 a 1973, e o segundo mandato em 1973 a 1977, pela agremiação do Movimento Democrático Brasileiro. No entanto, considerando que não possuía afinidades com a carreira política, a experiência dos mandatos que exerceu como vereador de Teresina foi suficiente para Totó Barbosa abandonar a vida política e partidária.

Não, eu não tenho tendência, eu não tenho muita coisa, eu não gosto muito de política não, tanto que deixei vereador e nunca mais, num quero, num quero ser mais candidato, não gosto disso não, está muito diferente. Naquela época foi um convite do compadre Maranhão [...].⁶⁶

Em vários momentos o cantor Totó Barbosa reitera a assertiva de que não tinha vocação para a política, mas continuou se candidatando e ocupando uma cadeira na câmara municipal de Teresina. Entretanto, o período em que o cantor permaneceu na política foi um momento em que o país esteve sob as rédeas da ditadura militar. Com a extinção das legendas em 1964, o regime militar implantou o bipartidarismo ARENA, partido da situação, e MDB como oposição. Já que estavam suspensas eleições para Presidente da República, o MDB pretendia se fortalecer nas facções do Senado, Assembléia Legislativa e na Câmara Municipal.

Entretanto, se Totó Barbosa não atentou para a situação histórica em que viviam os partidos políticos dos anos 1960, o correligionário do MDB que o convidou para lançar-se como candidato a vereador de Teresina sabia de suas convicções políticas: fortalecer a agremiação política MDB ocupante do lugar partidário de oposição. Dada à popularidade de Totó Barbosa em Teresina, através de sua candidatura a agremiação do MDB tinha grandes chances de alcançar câmara municipal, ocupada em maioria por vereadores da ARENA⁶⁷. Neste período, outros radialistas da RDT também conquistavam vagas como vereadores filiados ao partido da situação,

⁶⁵ MIRANDA, Antônio Barbosa de. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina (PI), 10 de junho de 2005.

⁶⁶ MIRANDA, A. B. de., 2005.

⁶⁷ Cf. Senso estatístico do Tribunal Eleitoral Regional do Piauí, de 1966-1988. Disponível em: <www.tre-pi.gov.br.> Acesso em: jan. 2007.

a ARENA, tais como: Pedro Mendes Ribeiro e Rodrigues Filho. A partir de 1981, Totó Barbosa foi candidato pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), legislando até 1989.⁶⁸

Em relação a José Lopes dos Santos parece redundante esboçar de onde surgiu a sua popularidade, uma vez que já foi colocada a importância do *Grande Jornal Q-3* para a população piauiense, e sendo ele o principal articulista, irradiou no horário do radiojornal divulgações sobre as ações governamentais, denúncias de desmandos políticos, reclamações por melhorias públicas e sociais, fez campanhas de caridade para as famílias pobres do Piauí em períodos de seca ou de enchentes, ou seja, construía uma imagem “[...] perante seu público não só de profissional, mas também de ser humano [...]”.⁶⁹

Desde o ano de funcionamento da RDT em 1948, a emissora vinha mantendo no ar um *Jornal Q-3*. Em 1951, José Lopes dos Santos passou a ser coordenador do jornal falado, a convite de Cláudio Pacheco Brasil, um dos acionistas da rádio, e, no ano seguinte, foi nomeado a Diretor-Administrativo. Ocupando um cargo de “destaque” na emissora, foi um dos principais articulistas dos programas da RDT e também um dos radialistas mais contemplados pela imprensa escrita local que o ovacionava pelo brilhante trabalho desempenhado na radiofonia teresinense.

Além do *Jornal Q-3* José Lopes dos Santos apresentou outro programa denominado *Bate-papo na Praça*, um programa diário transmitido desde 1952, cuja pretensão era a denunciar o que os locutores e produtores do programa consideram que havia de errado na cidade:

[...] Diariamente de segunda a sábado, às 11:00h e 15 min, dois locutores entretêm, durante 5 minutos, animado “bate-papo” conversando, geralmente, sobre assuntos pelos quais tem interesse toda a população teresinense. Vimos escutando religiosamente esse bate-papo que, a mais das vezes, é uma crítica serena e honesta ao que há de errado em todos os setores da vida de nossa capital. Tem-se falado através dele, sobre os nossos cinemas e seus freqüentadores; sabe a situação vexatória do humilde funcionário público estadual; sobre as nossas ruas sujas, lamacentas e esburacadas; sobre serviços de alto-falantes, etc... Além disso, o programa vem dando inteira colaboração ao Centenário de Teresina.

Bem redigido e bem apresentado, BATE-PAPO NA PRAÇA, merece por isso mesmo, o nosso franco aplauso, enquanto seguir, naturalmente, a rota por que vem sendo orientado.⁷⁰

⁶⁸ Cf. MORAES, H. Op. cit.

⁶⁹ ECSH, C. E. Op. cit., p. 73.

⁷⁰ RÁDIO. *O Dia*. Teresina, ano II, n. 67, 11mai. 1952, p. 4.

O programa *Bate-papo na Praça* e um outro denominado *Mesa em Debates* foram levados ao ar sob a responsabilidade de José Lopes dos Santos e alcançaram significativa audiência. No horário desses programas, os apresentadores colocaram em pauta os mais variados assuntos e críticas sociais e políticas envolvendo não só as personalidades públicas, como também, os “anônimos” da sociedade teresinense. Para Eduardo Esch, programas desse caráter surgem a partir de uma confiança estabelecida entre o público ouvinte e o radialista, podendo chegar a ponto de “[...] em muitos casos, exercerem poder real de influência e se sentirem capazes de ditar modelos de comportamentos e atitudes a serem seguidos por seus ouvintes”.⁷¹ Assim, o radialista passa a ser visto como um conselheiro, sobretudo, num momento em que Teresina completava cem anos e seus habitantes ansiavam uma cidade moderna, com comportamentos ditos “civilizados”, que prezavam pelo discurso normatizador.

A posição de “destaque” na emissora, a popularidade e o prestígio de homem público, desfrutados por José Lopes dos Santos na RDT, poderiam ser apontadas como pistas fundamentais para que a emissora tivesse mediado a afirmação da sua vida política no Piauí. Exercido um mandato político, quando eleito para a Prefeitura de São Miguel do Tapuio (PI), de 1947 a 1951, pelo PSD, José Lopes dos Santos buscou trilhar a carreira política como deputado estadual. Em 1951, candidatou-se a uma das vagas da Assembléia Legislativa do Piauí, mas não conseguiu se eleger.

No pleito eleitoral de 1954, dentre aqueles que estavam na batalha por uma vaga de deputado estadual, no Piauí, estava José Lopes dos Santos. A RDT, que, desde a sua instalação, vinha fazendo propaganda pessedista, em ano de eleição reforçava a sua publicidade de caráter político-partidário para as campanhas eleitorais do PSD. Em 1954, tendo como candidato o Diretor-Administrativo da emissora, não só os microfones da RDT foram cedidos para os pronunciamentos dos candidatos pessedistas no programa *PSD na Vanguarda*, criado naquele ano, como também, o seu espaço físico foi transformado em comitê eleitoral para a distribuição de material de campanha do PSD.

⁷¹ ESCH, C. E. Op. cit., 81.



Fotografia 27: José Lopes dos Santos, candidato a deputado estadual pelo PSD, em 1954.

Fonte: O DIA, ano IV, n 194, Teresina (PI), 29 ago 1954, p.8.

No entanto, não era suficiente ter popularidade e programas diários numa emissora de rádio para que radialistas e artistas do rádio fossem eleitos, era preciso fazer uma corrente de amizade com seus interlocutores, e fazer dele o seu “amigo ouvinte”. E José Lopes dos Santos, embora tivesse toda a popularidade e prestígio pelo cargo e programas em que atuou na RDT, ficou como suplente de deputado estadual por duas legislaturas, exercendo o mandato apenas por um mês.

A RDT, entre o final da década de 1940 e início da década de 1960, deu significativa contribuição para que os seus profissionais tramassem estratégias que interferiram diretamente no cotidiano social e político local. Contudo, a “saída” de um locutor, cantor ou artista do rádio para a câmara de vereadores, assembleia legislativa, senado, por exemplo, tanto pode ser um caminho para o sucesso, como pode ser um caminho que leva à perda de confiança do público, uma vez que “[...] o fato de se tornarem personagens predominantemente políticos acarretou-lhes alguns problemas com relação à credibilidade e respeitabilidade que possuíam quando atuavam no rádio”.⁷² No entanto, não se pretendeu fazer um estudo sobre o “caminho obscuro” que a carreira política ofereceu àqueles que, concomitante à carreira no rádio, fizeram carreira na política.

⁷² ESCH, C. E. Op. cit., p. 85.

Antes, teve como propósito estudar como a Rádio Difusora de Teresina foi colocada por seus interlocutores e acionistas como um meio de comunicação capaz de criar laços de afetividade e amizade entre os profissionais do rádio e os ouvintes.

Considerações finais

Alguns estudos arqueológicos têm trazido à cena a importância dos pombos-correio a serviço da comunicação, servindo como mensageiros aéreos. Sobrevoando o céu, levavam as mensagens de amor, de tristeza, notícias das guerras, ordens das províncias, a vitória dos jogos olímpicos etc. Voando no alto dos céus ou sorrateiramente os pombos-correio deixavam na expectativa aqueles que desejavam receber uma mensagem. Os pombos-correio existiram!¹ Com o avanço da tecnologia da informação, os serviços telegráficos foram substituindo essa forma “lendária” de mandar mensagens, anúncios, com a mesma rapidez que aquelas feitas pelos pombos-correio. E com a chegada dos meios de comunicação de massa começou o rádio a transmitir as notícias simultaneamente aos acontecimentos.

Com suas asas invisíveis, o rádio passou a ser um o meio de comunicação que mais levava pelos diferentes recantos do mundo as notícias de amor, da guerra, dos jogos esportivos, o pronunciamento governamental. Mudava-se o contexto histórico, mas as mensagens e notícias levadas pelo rádio eram tão esperadas quanto àquelas levadas pelos pombos-correios. E o rádio se transformou num veículo de comunicação de massa e de produção de bens culturais e simbólicos, que chegou no Brasil na década de 1920.

Em Teresina, os serviços radiofônicos que “sobrevoaram” os céus levando notícias e transmitindo mensagens à população, chegou em 1948, com a instalação da Rádio Difusora de Teresina (RDT). Com suas asas invisíveis, prefixadas de ZYQ-3, levava aos piauienses os mais diferentes programas radiofônicos, permanecendo com exclusividade durante toda a década de 1950. Traduzindo alegrias, tristezas, emoções, paixões e dissensões políticas, a RDT se colocou como o mais novo atrativo da cidade. Considerada símbolo do progresso, a emissora se transformou em um “ícone da modernidade”, da capital, naquela década, interferindo diretamente no cotidiano de uma cidade que ainda mantinha características provincianas. Ou seja, “[...] a modernidade invadia os lares, interferia na vida privada, no cotidiano familiar; o rádio gradativamente passava a ocupar um lugar de destaque nas salas das residências”.²

Fornecendo uma programação diversificada, a RDT foi conquistando um número significativo de ouvintes e, com isso, foi promovendo novos estilos de vida. Os integrantes do *cast Q-3*, através da programação e da atuação na rádio, foram provocando algumas mudanças comportamentais femininas e masculinas, de maneira que não agradou a muitos setores sociais de

¹ Cf. TECNOLOGIA da informação. Disponível em: <<http://www.sdr.com.br/HistoriasdasMarcas/113.htm>>. Acesso em: fev. 2007.

² CALABRE, Lia. *A era do rádio*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, p. 23.

Teresina, ainda muito presos aos princípios da igreja católica. Esses sujeitos, contudo, se encontravam em vias de mudanças, a partir de relações que iam se estabelecendo entre o novo e velho, com o processo de modernização das cidades.

Servindo como um instrumento de lazer, a RDT promoveu uma informação “desinteressada” que modelava novos comportamentos, atitudes e opiniões, sobretudo, porque resignificava o espaço privado trazendo para dentro da casa uma diversão e informação que outrora não existia. A voz impostada de locutores e rádio-atores encantava o receptor amalgamando emissor e ouvinte de maneira a reunir junto ao rádio um número cada vez maior de espectadores. Sobrevoando os ares, as “invisíveis asas das ZYQ-3” transmitiu várias ondas, por vezes, mais complexas do que aquelas *hertzianas*, visto que ocupava um posto importante de meio de comunicação de Teresina e uma posição política a favor do Partido Social Democrático, adotada durante boa parte da segunda metade do século XX.

O rádio como instrumento de comunicação é imaginado pelo radialista Joel Silva como uma caixa de fósforos, capaz de incendiar os corações dos ouvintes deixando marcas inesquecíveis. Quem viveu a década de 1950 e 1960, em Teresina, relembra os sucessos do *Grande Jornal Q-3* e do programa humorístico *Mariquinha e Maricota*. A transmissão de músicas, dos recados e de notícias sobre os mais variados assuntos levados ao ar pelo RDT, fez com que a imprensa escrita e os serviços dos Telégrafos e Correios cogitassem que suas atividades pudessem ser liquidadas. Segundo o sonoplasta José Raimundo Teixeira e Silva, o Correio tentou proibir que a emissora mandasse recados e informações para o interior do Estado temendo a concorrência. A RDT, portanto, foi mediadora dessas transformações socioculturais.³

A reconstrução da história da Rádio Difusora de Teresina não seria possível, se não contasse com método/técnica da História Oral. Mais do que uma simples fonte de apoio, os depoimentos orais foram vistos como fontes “lapidadas” pela teoria, pela problematização e trabalhados com a criticidade a que tem que ser submetida qualquer outra fonte, de maneira que ajudaram a reconstruir um período da história da RDT e suas nuances no cotidiano, na cultura e sociabilidade de Teresina de 1948 a 1962. Trabalhar com a História Oral, portanto, permitiu acessar a memória de homens e de mulheres que, em conjunto, fizeram a programação da emissora e construíram sua história. A *memória*, segundo Maurice Halbwachs, é ao mesmo

³ Cf. MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. [Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides]. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

tempo *individual e coletiva*. A *memória é coletiva*, mas quem lembra é o indivíduo. A opção pelo conceito de M. Halbwachs remete também às idéias de Ecléa Bosi, para quem a lembrança “[...] é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição”.⁴ Assim, as *lembranças* de homens e mulheres que trabalharam na Rádio Difusora de Teresina e na Rádio Educadora de Parnaíba, 1940 a 1960, ajudaram na reconstrução de um recorte da história do rádio no Piauí, a qual ainda clama por mais estudos.

No que tange à história do rádio no Piauí, falta uma pesquisa sobre a produção musical que era feita pela Rádio Difusora de Teresina, que abra para um outro campo sobre a relação história e música, a qual pode, ainda, ser relacionada com o desenvolvimento da “cultura de consumo”, no rádio, na era de ouro da música na segunda metade do século XX. Faltam, também, estudos sobre a Rádio Difusora de Floriano, que surge, na região Sul do Estado, em 1957, mas que, devido às dificuldades técnicas e financeiras, não assumiu um papel de destaque no palco radiofônico do Piauí nos anos 1950, chegando a deixar de transmitir sua programação por falta de recursos e apoio em 1961⁵. A Rádio Educadora de Parnaíba, pioneira em radiofonia no Estado, apesar de referida por outros trabalhos que tratam da temática rádio, ainda está para ser estudada, não obstante, ter sido contemplada por um estudo de Especialização em História, através da produção de artigo científico, e por um projeto de pesquisa no Mestrado em História do Brasil do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Piauí, em 2007. Além dessas diretrizes temáticas de pesquisas sobre o rádio, deve ser incorporado o sistema de amplificadoras, pois elas desempenharam e ainda, desempenham um papel importante nos bairros de periferia da cidade, funcionando como veículos de informação e entretenimento. Pode-se ainda apontar a ausência de um estudo sistemático sobre a Rádio Clube de Teresina, que apenas tem sido apenas citada pelos estudos sobre as amplificadoras e sobre as rádios Difusora e Pioneira, de Teresina, já realizados em torno da história da rádio no Piauí de 1938 até 1970, ano em que é instalado o primeiro canal de televisão na capital.

Nessa perspectiva, o presente trabalho trouxe à baila alguns elementos da história da RDT, que ainda estavam para serem estudados, tais como o vínculo da emissora com o poder

⁴ BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p.81.

⁵ COLUNA do rádio. Em Floriano não há mais rádio. *Folha da Manhã*. Teresina, ano V, n. 1135, 8 dez. 1931, p. 03.

político local e o seu papel como mediadora das transformações socioculturais e das mudanças comportamentais femininas e masculinas na Teresina de 1948 a 1962. Ao lado das fontes orais, os jornais impressos tiveram sua contribuição nessa narrativa, que embora tenha avançado em alguns pontos da história da radiofonia teresinense, ainda apresenta lacunas. No entanto, sabe-se que nenhum trabalho pode ser considerado completo. O ofício do historiador não é buscar a verdade ou “resgatar” o passado, tal qual aconteceu, mas reconstruir os fatos com os dados que obtém, a partir de indagações do presente.

Quanto às contribuições das teorias da comunicação, o conceito de *indústria cultural* e as discussões em torno dos autores *frankfurtianos* foram colocadas num segundo plano. De acordo com Renato Ortiz, “[...] seria difícil aplicar à sociedade brasileira [e, neste caso, teresinense] deste período o conceito de indústria cultural introduzido por Adorno e Horkheimer [...]”.⁶

Para este trabalho optou-se usar o conceito de Mike Featherstone de “cultura de consumo”, não no sentido pós-moderno, perspectiva abordada pelo autor, mas uma cultura de consumo, que vai sendo implementado pelos intermediários culturais que são os apresentadores de programas, locutores, artistas do rádio, os quais, atuando como produtores de bens simbólicos e culturais, vão propondo novos estilos e alterações comportamentais ligadas a uma estetização da vida cotidiana, promovido pelos meios de comunicação de massa.

Aqui, abre-se um parêntese para uma pergunta que tem sido feita em alguns espaços de diálogos em encontros de história: o que tem de diferente a História do Rádio do Piauí que não tiveram as outras emissoras de rádio do Brasil? A pesquisa que fundamenta este trabalho não está voltada para apontar o *sui generis* da história da Rádio Difusora de Teresina, mas reconstruir um período da história da emissora, nas décadas de 1950-60, num determinado momento da história em que os ouvintes piauienses se deslumbravam com a chegada dos primeiros sinais das ondas *hertzianas* nos seus aparelhos receptores, podendo sintonizar e ouvir as notícias e programas locais, que, de certa forma, estavam mais próximas de sua vivência, do seu Estado. Em 1950, enquanto no Rio de Janeiro se fazia a pré-estréia da televisão, o Piauí contava apenas com duas emissoras de rádio: a Rádio Educadora de Parnaíba, ao norte do Estado e, na capital, a Rádio Difusora de Teresina. Eis a grande diferença entre as rádios do Sul e a Rádio Difusora de Teresina que, como meio de comunicação, ensaiava os seus primeiros passos.

⁶ ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 2001, p. 48.

Trabalhar com a história da Rádio Difusora de Teresina, portanto, além de trazer à cena a vivência de homens e mulheres que trabalharam no rádio no período compreendido entre 1948 a 1962 também ajuda na reconstrução do cotidiano, sociabilidade e cultura de Teresina, com a chegada do novo veículo de comunicação, que, mediante uma programação variada, foi modelando novas atitudes e comportamentos socioculturais.

Referências

ABREU, Irlane. Lembranças de Teresina. In: *Cadernos de Teresina*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, ano X, n. 26, ago. 1996.

ADORNO, Theodor W. *Indústria cultural e sociedade*. [Trad. Julia Elizabeth Lev. et. all]. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ALBERTI, Verena. Para onde vai a fita? In: MONTENEGRO, Antônio Torres; FERNANDES, Tânia Maria. *História Oral: um espaço plural*. Recife: UFPE, 2001, p. 31-41.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A invenção do nordeste e outras artes*. Recife: Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

ALENCAR, Marcelo S.; ALENCAR, José I. S. Evolução histórica das comunicações no Brasil, do Império à Republica. *Revista de história*. Vitória, ES, v. 7, 1988, p. 101-114.

AMADO, Janaína. A culpa nossa de cada dia: ética e história oral. In: *Projeto história: Revista do programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*, São Paulo, n. 15, abr. 1997, p. 145-156.

ANDRADE, Antônio de. *A memória do rádio e da radionovela*. Disponível em: <<http://br.geocities.com/memorialdatv/radio.htm>>. Acesso em: out. 2005.

ANDRADE, José Maria. *Pelas ondas da Rádio Pioneira de Teresina: história, sociedade e cultura em sintonia*. Teresina, 2005. Monografia (Licenciatura Plena em História) – UFPI, 90f.

ARAÚJO, Maria Celina D. *O Estado Novo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2000.

ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoíno. Estudos do cotidiano. In: *Cadernos de Teresina*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, ano X, n. 22, abr. 1996, p. 24-37.

BARBOSA, Edson Gayoso Castelo Branco. *Therezina – Teresina*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, [19--].

BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. 16 ed. São Paulo: Ed Ática, 1997.

BASTOS, Cláudio de Albuquerque. *Dicionário histórico e geográfico do Estado do Piauí*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves – PMT, 1994.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. [Trad. Sérgio Paulo Rouanet]. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v.1).

BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. [Trad. Paulo Neves]. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BERMAN, Marshal. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. [Trad. Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioratti]. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BEZERRA, Domingos; CARVALHO, Elmar. Entrevista com a professora Maria Yêda Caddah. In: *Cadernos de Teresina*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, ano X, n. 23, ago. 1996, p. 44-47.

BOM MEIHY, José Carlos S. *Manual de História Oral*. São Paulo: Edição Loiola, 1996.

BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias*. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertran Brasil, 2006.

_____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2004.

BRITO, Geraldo. Música no Piauí – anos 60. In: *Cadernos de Teresina*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, ano VIII, n. 17, ago. 1994, p. 54-57.

_____. Música no Piauí – anos 70. In: *Cadernos de Teresina*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, ano VIII, n. 18, dez. 1994, p. 59-62.

_____. Música no Piauí – anos 60, anos 70. In: *Cadernos de Teresina*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, ano XIV, n. 34, nov. 2002, p. 54-61.

BURKE, Peter. *O mundo como teatro: estudos de antropologia histórica*. [Trad. Vanda Maria Anastácio]. São Paulo: Difel, 1992.

CALABRE, Lia. *A participação do rádio no cotidiano da sociedade brasileira (1923-1960)*. Disponível em: <http://www.casarui Barbosa.gov.br/lia_calabre/main_participacao.html>. Acesso em: maio 2006.

_____. *A era do rádio*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

CAMPELO, Aci. Ana Maria Rego, teatro à flor da pele. In: *Cadernos de Teresina*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, ano VIII, n. 18, dez. 1994, p. 78-79.

CAPARELLI, Sérgio. *Comunicação de massa sem massa*. 3 ed. São Paulo: Summus, 1986.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Domínio da história: ensaios da teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARDOSO, Elisângela Barbosa. *Múltiplas e singulares: história e memória de estudantes universitárias em Teresina (1930 – 1970)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2003.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. Teresina no tempo dos lampiões de querosene (Final do século XIX). In: *Cadernos de Teresina*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, ano VIII, n. 18, dez. 1994, p. 24-30.

CERTEAU, Michel de. A operação histórica. In: LE GOFF, Jacque; NORA, Pierre. *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

_____. *História do cotidiano: arte de fazer*. v 1. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

_____. *A cultura no plural*. Campinas: Papyrus, 1995.

CHAUÍ, Marilena de Sousa. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. 2 ed., São Paulo: Moderna, 1981.

CHARTIER, Roger. *A história cultural - Entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1990.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. 4 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

COSTA, Osmani Ferreira da. *Rádio e política: a aventura eleitoral de radialistas no século XX*. Londrina: Eduel, 2005.

DÂNGELO, Newton. *Aquele povo feliz, que ainda não sonhava com a invenção do rádio: cultura popular, lazeres e sociabilidade urbana – Uberlândia – 1900-1940*. Uberlândia: EDUFU, 2005.

_____. *“Escolas sem professores”*: o rádio educativo nas décadas de 1920/40. Mestrado – História, PUC/São Paulo, 1994.

_____. *Ouvindo o Brasil: O Ensino de história pelo rádio - décadas de 1930/40*. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881998000200009>. Acesso em: jul. 2006.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia,cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DEL BIANCO, Nélia R.; MOREIRA, Sonia Virgínia (Org). *Rádio no Brasil: tendências e perspectivas*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ e Ed. UnB, 1999.

DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. 3 ed. São Paulo: Editora Perspectiva S/A, 2004.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

EUGÊNIO, João Kennedy (Org.). *Histórias de vários feitio e circunstância*. Teresina: Instituto Dom Barreto, 2001.

FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. [Trad. Júlio Assis Simões]. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FERRARETTO, Luiz Artur. *Rádio: o veículo, a história e a técnica*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

FERREIRA, Francisco. *Cotidiano e memória*. Teresina: [s.n.], 1995.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FREITAS, Sônia Maria de. *História oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas, 2002.

FROTA, Wander Nunes. *Auxílio luxuoso: samba símbolo nacional, geração Noel Rosa e Indústria Cultural*. São Paulo: Anablume, 2003.

GARCIA, José Ribamar. *Imagens da cidade verde*. 2 ed. Rio de Janeiro: Litteris, 2000.

GHIARONI. O rádio morreu de branco. In: *Revista do teatro – SBAT*. Rio de Janeiro, n. 459, ago./set. 1986, p. 2.

GUATARRI, Felix; ROLNIK, Suely. *Micropoderes – cartografia do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

GOMES, Angela Maria de Castro. *A invenção do trabalhismo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. [Trad. Beatriz Sidou]. São Paulo: Centauro, 2006.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1993.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. [Trad. Bernardo Leitão...[et. al]]. 5 ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 2003.

LEAL, Ondina Fachel. *A leitura social da novela das oito*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

LENHARO, Alcir. *Cantores do rádio – A trajetória de Nora Ney e Jorge Goulart e o meio artístico de seu tempo*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1995.

- _____. *Sacralização da política*. 2 ed., Campinas, SP: Papyrus, 1986.
- LIMA, Luiz Costa (Org.). *Teoria da cultura de massa*. 7 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- LIMA, Nilsângela Cardoso. *ZYQ-3: no ar, a primeira rádio teresinense*. Teresina, 2002. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal do Piauí).
- _____. Rádio Difusora e a sociedade teresinense. In: *Cadernos de Teresina*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, ano XIV, n. 34, nov. 2002, p. 39-45.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995, p. 101-132.
- MACEDO, Elenita Carla de Sousa. *A história do rádio no Piauí: de 1937 a 1962*. Teresina, 1992. Monografia (Comunicação Social) – Universidade Federal do Piauí.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. 3 ed. São Paulo: Hucitec/Unesp, 2003.
- MARINHO, Odoaldo da Rocha. O espetáculo da Praça Pedro II. In: *Cadernos de Teresina*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, ano X, n. 22, abr. 1996, p. 55-56.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. [Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides]. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e Cultura: história, cidade e trabalho*. 1 ed., v 1, Bauru: EDUSC, 2002.
- _____. *Melodia e sintonia em Lupcínio Rodrigues: o feminino e o masculino e suas relações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- MATOS, Maria Izilda S. de; SOLER, Maria Angélica (Org.). *Gênero em debate: trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: EDUC, 1997, p. 84-114.
- MATOS, J. Miguel. *Perfis*. Teresina: COMEPI, [19--].
- MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensão do homem*. [Trad. Décio Pignatari]. São Paulo: Cultrix, 1964.
- MEDEIROS, Ricardo. *Dramas no rádio: a radionovela em Florianópolis nas décadas de 50 e 60*. Florianópolis: Insular: Fundação Franklin Cascaes, 1998.
- _____; VIEIRA, Lúcia Maria. *História do rádio em Santa Catarina*. Florianópolis: Insular, 1999.
- MEDITSCH, Eduardo (Org.). *Teorias do rádio*. Florianópolis: Insular, 2005.

_____. *Rádio e pânico: a guerra dos mundos, 60 anos depois*. Florianópolis: Insular, 1998.

MENEZES, José Eugenio de Oliveira. *Rádio, memória e cidade*. Disponível em: <<http://www.cisc.org.br/pesquisadores/eugenio.html>>. Acesso em: out. 2005.

MORAES, Herculano. *Senadinho – roteiro para a história da Câmara Municipal de Teresina*. Teresina: [s.n.], 2004.

MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MOREIRA, Sonia Virgínia. *O rádio no Brasil*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo*. Forense: Rio de Janeiro – São Paulo, 1997.

NAPOLITANO, Marcos. *Cultura brasileira: utopia e massificação (1950-1980)*. São Paulo: Contexto, 2001.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *História e memória da Rádio Pioneira de Teresina*. Teresina: Alínea, 2004.

_____. *A cidade sob o fogo: Modernização e violência em Teresina (1937-1945)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2002.

_____. Olhares sobre a cidade: O lazer em Teresina da Belle Époque aos anos dourados. In: *Cadernos de Teresina*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, ano XII, n. 30, ago. 1999, p. 61-68.

_____. História do rádio no Piauí. In: *Cadernos de Teresina*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, ano 5, n. 11, ago. 1991, p. 73-73.

_____. Os antecedentes do rádio: apontamentos para a história da radiodifusão no Piauí. In: *Cadernos de Teresina*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, ano XIV, n. 34, nov. 2002, p. 24-38.

_____. História e memória: o rádio por seus locutores. In: *Fênix: Revista de História e Estudos Culturais*. V 3, ano III, out./nov./dez., 2006

NEVES, Berito. *Rádio Educadora de Parnaíba: 47 anos de pioneirismo*. Parnaíba: [s.n.], 1987.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Projeto história: Revista do Programa de Estudos de Pós-graduação em História da PUC-SP*. São Paulo, SP, 1981.

OLIVEIRA, Ângela Maria Ferry de. *O rádio – aparecimento e influências, comercial; ideologia; política e alternativa*. Março, 1992. Monografia (Comunicação Social) – UFPI.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

_____. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. São Paulo: Summus Editorial, 1985.

_____. *França 1938, III Copa do Mundo. O rádio brasileiro estava lá*. Universidade de São Paulo. p. 2. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/ortriwano-gisela-copa1938.pdf>>. Acesso em: jan. 2007.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. *As muitas faces da história oral: nove entrevistas*. São Paulo: UNESP, 2000.

PANDOLFI, Dulce Chaves (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

PARANHOS, Adalberto. *O roubo da fala: origens da ideologia do trabalhismo no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 1999.

PERDIGÃO, Paulo. *No ar: PRK-30! O mais famoso programa de humor da era do rádio*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

PEREIRA, Luciana de Lima. *O discurso da Igreja Católica de Teresina e a formação do ideário cristão através de "O Dominical"*. Teresina, 2005. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal do Piauí, 100f.

PINHEIRO FILHO, Celso. *História da imprensa no Piauí*. 3 ed. Teresina: Zodíaco, 1997.

POLAK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v 5, n. 10, 1992.

_____. Memória, esquecimento e silêncio. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v 2, n 3, Associação de Pesquisa e Documentação Histórica, 1989, p.3-15, p.3.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Projeto História*. São Paulo, n. 14, fev. 1997.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Os literatos e a república: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

_____. Cinema, Invenção do diabo? *Cadernos de Teresina*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, ano VII, n. 15, dez. 1993, p. 40-45.

RAPÔSO, Luiz Alexandre Brenha. *Dilú Mello: um expoente da música brasileira*. São Luis: [s.n.], 2001.

REZENDE, Antônio Paulo. “(Des)encantos modernos”: história da cidade do Recife na década de vinte. Recife: FUNDAPE, 1997.

ROCHA, Fenelon. *Comunicação e sociedade: a influência da comunicação na imagem, na política e na identidade cultural do Piauí*. Teresina: EDUFPI, 1999.

SÁ FILHO, Bernardo Pereira. Teresina: espaços marginais e desconfiguração. *Cadernos de Teresina*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, ano 11, n. 25, abr. 1995, p. 7-11.

SAID, Carlos. *O Piauí no futebol*. Teresina: Apolo, 1966.

SAID, Gustavo Fortes. *Mídia, poder e história na era pós-moderna*. Teresina: EDUFPI, 1998.

SANTIAGO JR., Francisco Santiago. Igreja e rádio: tensão entre o popular e institucional. In: *Cadernos de Teresina*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, ano XIV, n. 34, nov. 2002, p. 46-53.

SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de (Org.). *Piauí: Formação – Desenvolvimento – Perspectivas*. Teresina: Halley, 1995.

SANTOS, Deusdeth Nunes dos. *Rádio calçada*. Teresina: Ed. Júnior, 1995.

_____. *Um prego na chuteira*. Teresina: Ed. Júnior Ltda., 1990.

_____. *As caras de Teresina*. Teresina: Ed. Júnior Ltda., 2005.

SANTOS, José Lopes dos. *A força do poder municipal*. v 1. Teresina: [s.n.], 1989.

_____. *A força do poder municipal*. v 2. Teresina: [s.n.], 1989.

_____. *A força do poder municipal*. v 3. Teresina: [s.n.], 1989.

_____. *Política e políticos: Eleições/86*. v 1. Teresina: [s.n.], 1988.

_____. *A academia e a cadeira vinte e sete*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1994.

_____. *A eleição de um líder (e a consolidação de um esquema político)*. 1 ed., Rio de Janeiro: Artenova, 1979.

_____. Compositores do Piauí. In: *Cadernos de Teresina*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, ano VII, n. 15, dez. 1993, p. 30-33.

_____. *Dados sobre a história do rádio no Piauí*. Teresina: [s.n.], 1990.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: _____ (Org.). *História da Vida Privada do Brasil República: da belle époque à era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 513-620.

SEVERINO FILHO. *Rivengo: o clássico do século*. Teresina: Halley, 2001.

SILVA, Maria Dulce. Há sempre um vulto de mulher. In: *Cadernos de Teresina*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, ano XII, n. 30, ago. 1999, p.16-23.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Síntese de história da cultura brasileira*. 7 ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

SODRÉ, Muniz. *O Brasil simulado e o real: ensaio sobre o cotidiano nacional*. Rio de Janeiro: Ed. Rio Fundo, 1991.

SOLON, Daniel Vasconcelos. *O eco dos alto-falantes: Memória das amplificadoras e sociabilidades na Teresina de meados do século XX*. Dissertação (Mestrado em História do Brasil), Teresina: UFPI, 2006.

SOUSA, Nalva Maria Rodrigues de. *A participação feminina na política piauiense nas décadas de 1980 e 1990*. Teresina, 2005. Monografia (Licenciatura Plena em História) – UESPI, 67f.

TAVARES, Reynaldo C. *História que o rádio não contou: do galena ao digital, desvendando a radiodifusão no Brasil e no mundo*. 2 ed. São Paulo: Harbra, 1999.

TECNOLOGIA da informação. Disponível em: <<http://www.sdr.com.br/HistoriasdasMarcas/113.htm>>. Acesso em: fev. 2007.

TINHORÃO, José Ramos. *Música popular: do gramofone ao rádio e TV*. São Paulo: Ática, 1981.

TITO FILHO, A. *Memorial da cidade-verde*. (Intendentes e prefeitos de Teresina). Teresina: COMEPI, 1978.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. [Trad. Lólio Lourenço de Oliveira]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TORRES, Andréa Sanhudo. *Imprensa: política e cidadania*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

WINKIN, Yves. *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo* [Trad. Roberto Leal Ferreira]. Campinas, São Paulo, 1998.

FONTES ORAIS

ALCANTARA, Vilma. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina (PI), 20 de maio de 2002.

AMORIM, Abdoral de Carvalho. *Depoimento concedido ao Núcleo de História Oral da Fundação CEPRO*. Teresina (PI), 21 de novembro de 1990.

BATISTA, Tony. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina (PI), 02 de julho de 2002.

CASTRO, Dídimo. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina (PI), 29 de janeiro de 1991.

COSTA, Gil Albuquerque. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina (PI), 2002.

CURY, Karam Jorge. *Entrevista concedida a Nilsângela Cardoso Lima e Luciana de Lima Pereira*. Teresina (PI), 16 de Fevereiro de 2007.

ELISIÁRIO, Francisco. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento*. Parnaíba (PI), 11 de fevereiro de 2003.

FERREIRA, Deoclécio Dantas. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina (PI), 19 de março de 2002.

LIMA, Carlos Augusto de Araújo. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina (PI), 2002.

LOPES, Jaime Lins Solano. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento*. Parnaíba (PI), 05 de fevereiro de 2003.

MIRANDA, Antônio Barbosa de. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina (PI), 12 de janeiro de 1991.

_____. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina (PI), 10 de junho de 2005.

PEREIRA, José Eduardo. *Depoimento concedido ao Núcleo de História Oral da Fundação CEPRO*. Teresina (PI), 22 de junho de 1990.

PERNAMBUCO, José de Ribamar Aquino. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina (PI), 24 de novembro de 2001.

PROGRAMA – *A história da rádio no Piauí*. Rádio Antares AM-800. Teresina (PI), 1989.

RAULINO, Elvira. *Depoimento concedido ao Núcleo de História Oral da Fundação CEPRO*. Teresina (PI), 1992.

REGO, Ana Maria de Araújo e Silva. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina (PI), 06 de dezembro de 2001.

RIBEIRO, Pedro Mendes. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina (PI), 2002.

_____. *Pedro Mendes Ribeiro. Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina (PI), 2004.

SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina (PI), 23 de dezembro de 1999.

SANTOS, José Lopes dos. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina (PI), 2002.

SILVA, José Raimundo Teixeira. *Depoimento concedido ao Núcleo de História Oral da Fundação CEPRO*. Teresina (PI), 21 de agosto de 1990.

SILVA, Josias Carneiro da. *Depoimento concedido ao Núcleo de História Oral da Fundação CEPRO*. Teresina (PI), 09 de agosto de 1990.

SILVA, Joel. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina (PI), 2002.

REVISTAS

Almanaque da Parnaíba (Fundado em 1923): pesquisado de 1942 (19ª edição) à 1971 (47ª edição).

Revista do Rádio. Rio de Janeiro, ano VII, n. 244, 15 maio 1954.

Teresina: 1852 – 2002. Teresina: Halley, jan. 2002.

JORNAIS PESQUISADOS

A Cidade (década de 1950)

Diário Oficial (década de 1940 e 1950)

Do Piauí (década de 1950)

Folha da Manhã (década de 1960)

Jornal A Luta (década de 1950)

Jornal do Comércio (década de 1950 e 1960)

O Dia (década de 1950 e 1960)

O Dominical (década de 1950 e 1960)

O Piauí (1933, e o período de 1948 a 1954)

Anexo

Revista do Rádio



Nº 244



CR\$ 4,00 EM TODO O BRASIL



15-5-954



Foi no mês de novembro, há 2 anos, que Aidê Miranda ouviu a marcha nupcial. Ao seu lado, nervoso como todos os noivos, o locutor e rádio-ator Fernando Garcia esperava o instante em que o sacerdote os abençoaria como marido e mulher. Aidê estava deslumbrante. O tempo correu, e até hoje a cegonha ainda não se resolveu a preveni-los de sua visita. Aidê, entretanto, faz questão de recebê-la, daqui a algum tempo.

A bonita garôta que aparece ao lado é a Olivinha Carvalho — uma das noivas mais simpáticas do ano. Aos 22 anos, foi pedida pelo Afrânio Rodrigues e o casamento, ao que tudo indica, será ainda este ano, conforme o desejo de ambos. Atraente e talentosa, Olivinha conquistou o coração do Afrânio e o enlace está sendo aguardado com ansiedade pelos seus fans.



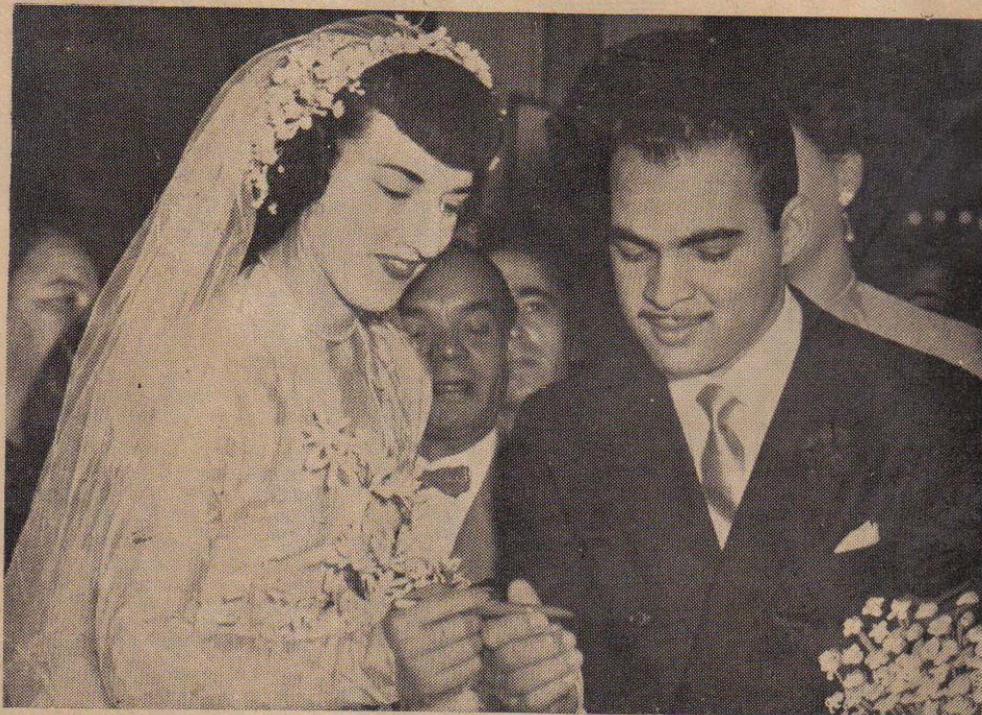
★
Neste bonito mês de maio, consagrado às noivas, recordamos e homenageamos as graciosas figuras do rádio que se fizeram encantadoras em seus inesquecíveis trajes nupciais. E as que aguardam, com emoção, o maior dia de suas vidas. Vocês se lembram do dia do casamento de Marlene? De Adelaide Chiozzo? Quando será o de Olivinha? Esta reportagem relembra e revela detalhes.

★
Outra bonita noiva do rádio é Rosita Gonzales. Em breve também ela se estará consorciando com um colega de rádio. Começando a viver agora a casa dos 20 anos, Rosita ficará um deslumbramento em seu vestido de noiva, que vem sendo confeccionado com imenso carinho. Merece tôdas as felicidades que lhe estão desejando os admiradores.



Foi conhecer Adelaide Chiozzo e logo o violonista Carlos Matos sentiu qualquer coisa no peito. Era o coração que batia mais depressa. Era o amor. Confessou-lhe tudo... e teve a confirmação de ser retribuído. Resultado: ficaram noivos, com a data marcada (20 de janeiro do ano seguinte, 1951) para o casório. No dia, houve festa, os noivos fizeram um desafio de sanfona e viola... e continuam felicíssimos, embora lhes falte um herdeiro.

Heleninha Costa conhecia o Ismael Neto. E vice-versa. Nunca pensaram em amor, até que Cupido os flechou de jeito. A declaração romântica foi quase musical, surgindo o noivado e, a 4 de dezembro de 1951, o casamento, que levou u'a multidão de fans à igreja. Heleninha foi uma noiva que provocou admiração e deslumbramento em todos. Felizes, ele e ela ainda não marcaram data para a vinda da cegonha, que virá, um dia.



Eliana ainda este ano realizara seu sonho matrimonial. Apesar do vestido de noiva, com que aparece na gravura abaixo, ela ainda não se casou. Mas falta muito pouco tempo que isso aconteça: Renato Murce é o seu feliz noivo, e os dois ultimam detalhes para a realização do casamento. Ai, então, os fans de ambos verão concretizados seus desejos de abraçá-los, efusivamente, no dia que todos guardarão carinhosamente na lembrança. Bonita como é, Eliana estará ainda mais deslumbrante do que quanto o foi, na tela, no filme em que Anselmo Duarte era o seu ardente noivo.



Quando se soube que Marlene estava noiva, muitas de suas milhares de fans chegaram a chorar de emoção. Quem seria o noivo? Houve pergunta geral, esta revista fez um concurso para a descoberta do nome do felizarado que tomara conta do coração de Marlene. E fêz-se a revelação: seu nome era Luiz Delfino. Pronto! Estava formado o casal-simpatia, o mesmo que só a muito custo conseguiu entrar na Igreja, no dia do enlace. Marlene, num bellissimo vestido de nylon, estava por todos os motivos fascinante! Isto, no dia vinte sete de julho de 1952. Hoje, apesar dos desejos dos fans, ele e ela não foram ainda brindados com a chegada de um herdeiro. Não que não o desejem, muito pelo contrário. Eles aguardam, confiantes, o dia em que a família será de três, ou até mais.

★

Quem não se recorda de Leda Barbosa, que apenas há alguns meses deixou o rádio? Ela era chamada a boneca do microfone, tão delicada e bonita surgia aos olhos de todos. Teve muitos fans e admiradores em todos os colegas do rádio. No dia 18 de janeiro de 1951 colocou seu bonito vestido de noiva e ouviu a bênção nupcial. Todos foram unânimes em achá-la maravilhosa, quase a mesma boneca que se vê na vitrine, com traços característicos. Casada, Leda deixou o rádio. Mas continua na lembrança dos fans.



A PERGUNTA DA SEMANA



Por Que Você Ainda Está Solteiro ?



— Acho que é porque eu ainda não casei. Mas, sinceramente, vou pensar seriamente no assunto.

ROBERTO FAISSAL



— Porque ainda não encontrei uma criatura que me despertasse tal interesse a ponto de me casar.

ALCIDES GERARDI



— Por que é que sou solteiro? Porque ainda não encontrei a mulher que me compreenda 100%.

LUIZ BRUNINI



— Eu acho que o homem se deve casar só depois dos 35 anos, como eu ainda só tenho 28 incompletos...

CYL FARNEY



— Para não mentir, digo que sou solteiro porque ainda não encontrei a mulher dos meus sonhos.

DINO DINI



— Sou solteiro, simplesmente, porque só agora parece que encontrei a pessoa ideal para me casar.

JONAS GARRET



— Porque as nossas garôtas são tão lindas e queridas que chega a ser quase impossível a escolha.

GERDAL DOS SANTOS



— P'ra falar a verdade, não me casei foi porque ainda não encontrei quem me quisesse.

ALTIVO DINIZ



— Porque me guio pelo samba que diz: "a vida de casado é boa, mas a vida de solteiro é melhor..."

CARLOS AUGUSTO

ANEXO B

ACUSADO DE DESONESTIDADE O DEPUTADO JOSÉ CÂNDIDO FERRAZ

(*Jornal do Comércio*, Teresina, ano VIII, n. 1192, 21 jun. 1956, p. 1)

Compareceu ontem a nossa redação o Sr. Jose Evelyn Vieira, residente a Rua Professor, 343, Apto. 204, na Tijuca, declarando-nos que está sendo vítima de perseguição e acusação caluniosa por parte do deputado federal da bancada udenista do Piauí, José Candido Ferraz, que o acusa de apropriação indébita, fazendo divulgar notícias no rádio e na imprensa que desabona sua idoneidade moral.

ANTECEDENTES

Historiando a sua ligação com o deputado em foco e até a evolução dos fatos até a presente conjuntura, declarou o sr. Evelyn que era amigo de infância do deputado e que em princípio do ano de 1951 fora por ele convidado para exercer o cargo de diretor técnico de uma emissora radiofônica (Radio Clube do Piauí Ltda.) que o parlamentar iria fundar juntamente com outra empresa denominada “Gráfica Piauiense LTDA”, que editaria um jornal em Teresina, e o outro em Parnaíba. Expondo os seus planos adiantou o deputado do que, em troca de apoio e favores políticos que prestaria ao então Presidente Vargas, iria conseguir um empréstimo de nove milhões de cruzeiros, em condições excepcionais, o Banco do Brasil que seriam utilizados na montagem de uma rede de empresas que lhe assegurariam a mobilização de todo o seu Estado. Achando viável o plano, o declarante abalou-se de Recife onde residia, para esta capital a serviço do deputado.

NOVE MILHÕES DE CRUZEIROS

Aqui chegando ficou combinado que o declarante exerceria as funções de secretário particular do parlamentar até que as empresas entrassem em pleno funcionamento, ficando estabelecido que lhe seria pago CR\$ 15.000,00 (Quinze mil cruzeiros) de ordenados. Concluídas as negociações políticas com o Presidente Vargas, recebeu em troca, o candidato Candido Ferraz, os nove milhões de cruzeiros. No dia 19 de junho, de 1951, o deputado José Cândido Ferraz conseguiu um empréstimo de oito milhões de cruzeiros no Banco Comercial S/A., desta capital prazo de 4 meses, taxa de 12% s.a., pagáveis em oito promissórias essas que foram endossadas pelo declarante (!). Constituídas as firmas ficou o declarante como sócio diretor-técnico da Rádio Clube do Piauí Ltda. tendo encontrado com o capital de cinquenta mil cruzeiros, conforme contrato social registrado na Junta Comercial de Teresina, e publicada no “Diário Oficial do Estado”, em 14 de julho, de 1951.

FINALIDADE DO EMPRÉSTIMO

Convém salientar que a finalidade do empréstimo de oito milhões conseguidas no Banco Comercial S.A., era a instalação de duas emissoras radiofônicas e de dois jornais em Teresina e em Parnaíba, sendo que na cláusula quarta do contrato do empréstimo entre o Banco e o Político obrigava-se esse último a dar ao Banco, de penhor ou hipoteca, “os bens e direitos das mesmas

estações” (!). Para fins da observância do disposto naquela cláusula, o parlamentar deveria dar conhecimento ao Banco das compras ou instalações que efetuasse.

CONTRATANDO PESSOAS

Para gerir os negócios das firmas e organizá-las o deputado montou um escritório na Rua Álvaro Alvim, 21-Sala 1.504. Começou então o sr. Ferraz a contratar pessoas para a instalação das empresas, entre elas o sr. Edmilson Viegas para superintender a Rádio, com o salário de oito mil cruzeiros mensais, o jornalista argentino Orinaldo Carrena, atualmente no “Diário de Notícias” para dirigir o jornal e a Gráfica, com o ordenado de vinte e cinco mil cruzeiros mensais. Tais profissionais superintenderam tecnicamente os planos de instalação das empresas, ficando os mesmo a sua disposição. Foi comprada parte da aparelhagem e da maquinaria necessária as duas empresas, sendo iniciada a sua montagem no Piauí.

EMISSORAS E JORNAIS

Chamo a atenção, aqui, dos leitores, para o empréstimo de nove milhões conseguidos no Banco do Brasil, o sr. José Cândido Ferraz que, também, tinha a mesma finalidade de duas emissoras e de dois jornais em Teresina e Parnaíba, sendo que ele deu as mesmas máquinas em garantia, também ao Banco do Brasil, as quais já haviam sido hipotecadas anteriormente ao Banco Comercial S.A. (!), conforme se poderá apurar.

O tempo foi passando e nada do sr. Ferraz mostrar disposição de fazer funcionar a organização, resumindo-se tudo as atividades do escritório, onde prestava serviços, como chefe de contabilidade e, o sr. Boavista da Cunha, com salário de seis mil cruzeiros mensais. A esta altura, com ares de novo rico, e uma megalomania acentuada, a esbanjar o dinheiro facilmente conseguido, contratou um cozinheiro de nacionalidade francesa, de nome David, que trabalhava no “Vougue”, com o ordenado de dez mil cruzeiros, pretendendo revolucionar a vida noturna e pacata da capital piauiense, com “boites”, restaurantes de luxo, casa de jogo, etc. No espaço de um ano correu bem, o sr. Ferraz esbanjando prodigamente o dinheiro até as coisas começaram a mudar, começaram os atroztes. O primeiro a protestar foi o sr. Admilson Viegas, que recorreu a Justiça do Trabalho, recebendo os seus ordenados em atraso e rescindindo o contrato; o Sr. José Boavista da Cunha trabalhou todo o ano de 1954 sem receber o seu ordenados, resolvendo abandonar o escritório, premido pelas dificuldades financeiras. Logo em seguida o jornalista Orlando Carrena, recebeu em pagamento do deputado um cheque de 200 mil cruzeiros, contra o Banco do Distrito Federal S.A., cheque que mais tarde verificou o jornalista, não tinha fundo (!). O sr. Salvador Silva, também tem do deputado 3 promissórias sendo uma de cento e quarenta mil cruzeiros, sem data de emissão e vencimento, outro de cento e trinta mil cruzeiros e a terceira de cem mil cruzeiros emitidas em 14-3-55, selos pagos no Tesouro. O título é cento e quarenta mil cruzeiros está avalizado por Ferraz & Cia. O sr. Salvador possui também, do sr. Candido Ferraz um cheque sem fundos de cinco mil cruzeiros contra o Banco da Prefeitura e o outro nas mesmas condições de quinze mil cruzeiros contra o Banco do Distrito Federal S.A.

PRESSÃO DO BANCO

Findo prazo para pagamento do empréstimo de oito milhões conseguidos com o Banco Comercial S.A., todos vencidos, em 18 de outubro de 1951, o Banco pressionou-o conseguindo a reforma dos referidos títulos, fundindo-os num só título de oito milhões de cruzeiros, a se vencer em 18-2-

52. Ainda desta feita, o sr. Ferraz não pagou os oito milhões (!). No dia 30 de junho de 1952, o Banco do Comércio S.A., escreveu-lhe ameaçando-o energicamente, sendo que, em 4 de julho do mesmo ano, ele escreveu ao Banco solicitando nova substituição do título por outros títulos de emissão da Rádio Clube do Piauí Ltda. e Gráfica do Piauí Ltda. com seu aval. Tempos depois conseguiu o deputado Ferraz com o Presidente Getúlio Vargas que o Banco do Brasil, pagasse o Banco Comercial, o empréstimo de oito milhões, ocasião em que o Banco do Brasil editou ao deputado José Candido Ferraz, na sua conta pessoal estes oito milhões debitando ao mesmo tempo os mesmos oito milhões Rádio Clube do Piauí Ltda., Gráfica Piauiense Ltda., e Ferraz & Cia., que, até aquela data, ainda não havia funcionando até hoje(!).

EM NOITADAS

Sempre perseguido pela mania desvairada de megalomania no incorrigível, prosseguiu, o deputado Ferraz no seu afã de gastar os 17 milhões adquiridos facilmente, com seus conchavos políticos. Assim começaram a aparecer às contas fabulosas de casas de modas femininas, os escândalos sociais, a troca contínua e sistemática dos últimos tipos de carros de luxo “garçoniers”, em cuja decuração como àquela da Rua Dias Ferreira, gastou algumas centenas de cotos de réis. Para mostrar, aos leitores, o quanto o delírio de grandeza atormentava este pobre homem, eu paguei com sua autorização, a uma só casa de artigo de luxo a impertinência de noventa mil cruzeiros, correspondente, há um mês a compras de gravatas e perfumes. Neste particular, preciso acentuar que, as Léas as Cléas, as Terezas, as Helenas, as Almerindas, as Madalenas lhe arrancavam somas tão fabulosas, que poderiam servir de folha de pagamento de qualquer repartição.

EXTINGUE-SE O DINHEIRO

Com este expediente não é possível prever que os 17 milhões duraram pouco mais na imprevidência alucinados do novo rico: noitadas, jogo e mulheres, lhe trouxeram uma via crucis que passou de pedinte de favores políticos para mutuário da Caixa Econômica, onde não hesitava, mesmo em penhorar as próprias jóias de família e da senhora, os pertences da amiga como o caso daquela pobre Helena, que me telefonava sempre aflita, apelando, para que eu conseguisse que ele lhe devolvesse as cautelas de suas jóias por ele penhoradas.

SITUAÇÃO PRECÁRIA

Início, assim, o assunto principal que está em tela, a minha humilde figura de homem pobre, mas sempre honrado e nobre. Em virtude de sua situação de congressista sentia pejo de comparecer à Caixa Econômica para efetuar tais penhores, ficando eu, como seu sócio, encarregado da tarefa de penhorar as jóias de sua própria esposa ficando eu com as mesmas como garantia da dívida que o deputado contraía e já estava bem alta. A sua situação financeira chegou a tão precária condição que hipotecou a própria casa.

COMISSÃO DE INQUÉRITO

Com a constituição da Comissão Parlamentar de Inquérito que investigava a questão dos empréstimos de favor, concedidos pelo Banco do Brasil, o deputado contratou o serviço do perito contábil sr. Mario Fairbanks, com escritório à Rua Assembléia 93º andar, sala 707, por 120 mil

cruzeiros que foi ao Piauí e arranhou a escrita de suas empresas inexistente de tal modo que desapareceu a sua dívida, nada lhe podendo fazer o Banco do Brasil e lhe possibilitando uma concordata, antes que lhe requeresse a falência. A despeito deste contrato, o perito Mario Fairbanks, teve que ingressar em juízo para receber os 120 mil cruzeiros estipulados como pagamento dos seus honorários, pagamento esse que foi feito em cartório, conforme carta do referido técnico contábil, publicada no “Correio da Manhã”.

RETIRANDO MÁQUINAS

Contudo, aproveitando-se da facilidade – e aqui peço a atenção especial do Exmo. Sr. Presidente da República e do Sr. Presidente do Banco e das outras autoridades – apesar da concordata que requereu, vem o referido deputado retirando máquinas das empresas pertencentes, hoje, ao Banco inclusive, um aparelho refrigerador, que foi transportado, clandestinamente sem despacho, pela empresa de transporte “Glória”, para esta capital, e vendido por 800 mil cruzeiros, ao “Guanabara Palace Hotel” na Av Getulio Vargas, servindo como intermediário da “moamba” o sr. Geraldo Gunther, com escritório na Rua México, 98-4º andar, o mesmo que decorou a sua “garçoniere” de luxo, a que já me reporteí.

AFASTAMENTO

Em fins de 1954, tomei deliberação definitiva, embora com grandes prejuízos financeiros e econômicos afastar-me de uma vez, do sr. Candido Ferraz, e para ressarcir meus vultuosos prejuízos que ele me vinha causando, com seu parasitismo na minha magra bolsa, e para dar mostras de minha intenção, resolvi chamar-lhe as falas, comunicando-lhe que iria negociar as cautelas que me haviam sido entregues como garantia de dívida para pagar-me. Para dar mostras da minha intenção, endosseí-as, mas diante de seus rogos, apelando para a nossa velha amizade de infância, resolvi guardá-las, na minha gaveta, juntamente, com outros documentos não mais votando a procurá-las.

AS CAUTELAS

No dia 29 de janeiro, 1955, resolvi levar os meus pertences e documentos que estavam no seu escritório. Em oito de fevereiro, do mesmo ano, procurei as cautelas, na minha residência notando que as mesmas deveriam ter desaparecido e calculei acertadamente que as mesmas houvessem sido roubadas e, para salvaguardar-me fui a Agência da Caixa Econômica comunicando o fato, onde foram fornecidas, segundas vias das mesmas após ter eu comprovado, que as jóias haviam sido empenhadas há mais de dois anos, no meu próprio nome. Procedi posteriormente, uma revalidação, paguei os juros dos referidos penhores, e substituí por uma única de 90 mil cruzeiros, e a palavra do gerente do estabelecimento que apreenderia as primeiras vias de cautelas, logo que ali fossem apresentadas.

TENTATIVA

Certa feita, indo à Caixa pagar os juros dos penhores recebia a comunicação que o Deputado Ferraz, ali estivera, anteriormente, munido das cautelas, pretendendo regularizar a situação dos penhores, lhe sendo informado que, as jóias pertenciam ao sr. José Evelyn Vieira, pois, ali foram depositadas em seu nome, tendo ele, comunicado o extravio das primeiras vias das cautelas e as

que o deputado apresentava, naquele momento teriam que ser apreendidas. Diante disso retirou o parlamentar, não esboçando qualquer protesto, ou atitude, num reconhecimento tácito da legitimidade que me cabia, na posse das cautelas.

NEGOCIOU A CAUTELA

Agora, porém, decorridos, precisamente 12 meses, tive a ciência dos fatos acima relatados quando já havia eu, para o meu sustento e da minha família, negociando a cautela a terceiros. Assim, entrou o sr. Ferraz com uma queixa crime no 2º Distrito Policial alegando indébita e abuso de confiança, afirmando que havia um propósito de lesá-lo.

DEFESA

Como posso ser acusado de apropriação indébita e falta de confiança e elegância moral havia lhe tirado de uma das suas constantes aperturas financeiras, afiançando títulos no valor de 8 milhões de cruzeiros? Como posso, eu, repito, ser acusado de dar prejuízo ao deputado Ferraz, seu sócio, com participação da sociedade Rádio Clube do Piauí Ltda., que não gastei um centil sequer, dos 17 milhões surrupiados do Banco do Brasil. Como posso eu, pergunto, dar prejuízo a quem prestei dedicação, zelo, trabalho, durante 4 anos, recebendo, apenas por ordenado magros níqueis para o sustento de minha família? Prejuízos? – e grande me causou o deputado José Candido Ferraz: o prejuízo do tempo que com ele passei, sem nada ganhar, o prejuízo moral de envolver o meu nome, graças a deus ate hoje honrado com a figura desmoralizada do deputado Ferraz de homem falido, de emitente de cheques sem fundos, de um falsário, de um proxeneta da polícia. Nascemos na mesma terra e juntos temos percorrido o mundo, ele sempre fanfarrão e pandego, eu sempre com a graça de Deus, modesto e simples, mas aqui como lá tenho meu nome sempre certo e do maior respeito incapaz de envolver-me nas escroquerias do deputado José Candido Ferraz.

HOMEM CONHECIDO

Estou fazendo estas declarações para os que não me conhecem e ao deputado Ferraz, porque, aos meus coestaduanos, e aos que me honram com a sua amizade eu não preciso me desculpar, porque todos conhecem de sobra às canalhices do sr. Ferraz. O gastador fácil, do dinheiro do Banco do Brasil, já foi eleito duas vezes pelo Piauí. Espero que o povo da minha terra se redima desse erro não enviando para o Congresso um tralhampona que não sabe manter limpo sequer da sua família.

REPTO

Para terminar lanço aqui, de público, embora saiba que ele não aceita, um desafio: abdique o sr José Candido Ferraz suas imunidades parlamentares e venha terçar armas comigo no campo da Justiça, onde ele já é um delinqüente como incendiário e terei oportunidade de provar tudo isso e mais alguma coisa, mostrando ao público que o difamador dos lares alheios corruptor e corrupto, mau chefe de família, o político incapaz e venal, o amigo ingrato, o péssimo cidadão e, finalmente, provar que o fato ele é um elemento nocivo à sociedade e ao decoro do Congresso e das instituições.

(Transcrição da GAZETA DE NOTÍCIAS do Rio de Janeiro – Edição de 8/6/1956).